



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**

**LUIZ ALBERTO GUARNIER SILVA**

**PLANTANDO A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA MUNICIPAL  
DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU**

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

**O CENTRO CULTURAL DE NILÓPOLIS E A ESCOLA MUNICIPAL DE TEATRO  
ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU: ENSINO DE TEATRO E RE-EXISTÊNCIAS NO  
CONTEXTO NILOPOLITANO.**

\*\*\*

**PLANTANDO A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA MUNICIPAL  
DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU**

\*\*\*

**PROPOSTA PEDAGÓGICA: AÇÃO-REFLEXÃO: O JOGO DA ÁRVORE DO  
TEATRO DO OPRIMIDO COMO INTRODUÇÃO AO MÉTODO**

**LUIZ ALBERTO GUARNIER SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Cênicas, sob a orientação da Profa. Dra. Rosyane Trotta e Coorientação da Profa. M<sup>a</sup>. Helen Sarapect.

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

**PLANTANDO A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA MUNICIPAL  
DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU**

Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado  
Profissional em Ensino de Artes Cênicas do  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de  
Artes Cênicas da Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosyane Trotta – PPGEAC UNIRIO**

---

**Prof.<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup>. Helen Sarapeck (coorientadora)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elza de Andrade — PPGEAC - UNIRIO**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr. César Augusto Paro — UFRJ**

Dedico:

Aos mais de seiscentos e vinte mil brasileiros e brasileiras mortos e às suas famílias e entes enlutados pelo desprezo, pelo desmazelo, pela ganância, pela desumanidade, profundo desrespeito e desleixo deste governo federal e de sua legião de seguidores e seguidoras negacionistas cúmplices do vírus.

Aos instrutores de teatro Marcus Matheus e Eduardo Ravenna. Ao Senhor Luís e à Dona Marta, funcionários do apoio e à Leandra Moreira e Marcelle Martins, estudantes queridíssimas de todos, (*in memoriam*).

Agradeço:

À Dona Beth, sr. Carlinhos e Marcus: Mãe, pai e irmão – não necessariamente nesta ordem.

À minha companheira Marilon, que me ensina todos os dias, na prática e no amor, a luta que é ser uma mãe solo e mulher independente e ao meu enteado/amigo/filho, Artur: respeito, amores, parcerias e pizzas.

Ao Movimento Intergeracional de Teatro – MIT: afetos e fissuras no coração da BF.

Aos artistas, estudantes, entusiastas e apoiadores da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu, sobretudo aos instrutores e instrutoras: (r)existimos!

Ao querido amigo, colega de trabalho e primeiro professor no teatro, a pessoa que me alfabetizou teatralmente com o Teatro do Oprimido e me contou as primeiras histórias sobre Augusto Boal, Marcelo Alonso: vida longa, querido.

Às turmas I e II do curso Ação-Reflexão: incríveis!

Ao Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido – (GESTO), em especial aos professores Licko Turle, Cachalote Mattos e César Paro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – (PPGEAC – Unirio), acolhedor em todos os momentos desde o processo de seleção e matrícula, na figura da atenciosa Jéssica Alves, até a complexa adaptação e implementação das disciplinas para a modalidade on-line, ministradas cuidadosa e habilmente pelas professoras Marina Henriques, Ângela de Castro Reis e Carmela Soares. A todo o corpo docente, muito obrigado!

Às colegas e aos colegas da turma 2020, carinhosa e respeitavelmente intitulada “Balbúrdia”.

À professora Elza de Andrade que, entre tantas gentilezas, recebeu-me como aluno especial na Unirio e me orientou na construção do pré-projeto.

Às minhas orientadoras, professoras Rosyane Trotta e Helen Sarapect, pelos prontos retornos, conselhos, broncas, empurrões, solidárias partilhas dos saberes e horizontalidade nas trocas.

Preferi listar meus agradecimentos porque sei que não caberiam num parágrafo. Percebi, que escrever um texto também seria insuficiente e eu teria que descrever dias. Mas os dias seriam poucos, talvez fosse preciso descrever as pessoas... empaquei! Descrever cada pessoa seria vagar por cada pessoa-história que, por dois anos, me distraiu do fim do mundo.

Não tem como agradecer por tanto.

*(...)o teatro é uma arma, uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele. Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja o “teatro”. Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de liberação. Para isso, é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar.*

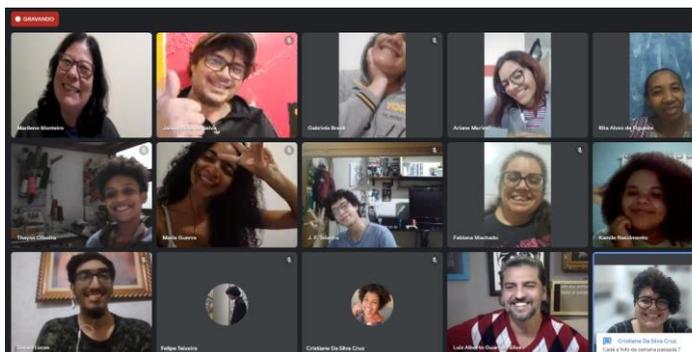
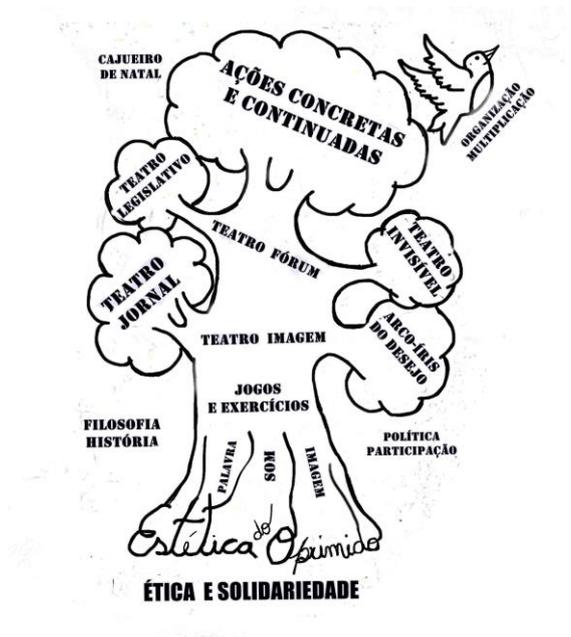
*(BOAL, 2019, p. 11)*

# SUMÁRIO



O CENTRO CULTURAL DE NILÓPOLIS E A ESCOLA MUNICIPAL DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU: ENSINO DE TEATRO E RE-EXISTÊNCIAS NO CONTEXTO NILOPOLITANO .....08

PLANTANDO A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA MUNICIPAL DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU .....59



PROPOSTA PEDAGÓGICA: AÇÃO-REFLEXÃO: O JOGO DA ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO INTRODUÇÃO AO MÉTODO .....92

## **O CENTRO CULTURAL DE NILÓPOLIS E A ESCOLA MUNICIPAL DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU: ENSINO DE TEATRO E RE-EXISTÊNCIAS NO CONTEXTO NILOPOLITANO.**

Luiz Guarnier<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como proposta narrar a história do ensino de teatro no contexto nilopolitano a partir da fundação do Centro Cultural, e, posteriormente, da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU (TAJJ). As fontes escritas e iconográficas para a construção da linha do tempo foram extraídas de jornais impressos, sites e blogs de notícias locais, além de acervos pessoais de artistas e professores que participaram e ainda são participantes dessa jornada. Buscaremos demonstrar como o Centro Cultural de Nilópolis e o Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes, em seus primeiros anos de funcionamento, foram incluídos nos projetos para a manutenção de um grupo político no poder, e como a partir da fundação da TAJJ, criou-se resistência política e artística contra a influência desses grupos, culminando em um sistemático processo de sucateamento da instituição, transformando-a em uma escola nômade que enfrentou diversas estruturas precárias, sendo transferida de endereço por quatro vezes em um período de apenas seis anos. Traçaremos também o perfil dos alunos ingressantes de uma escola de artes, em uma região onde o pensamento fundamentalista religioso interfere na prática artístico-pedagógica da instituição.

**PALAVRAS-CHAVE:** teatro; Nilópolis; educação; política; desmanche.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo narrar la historia de la educación teatral en el contexto nilopolitano, a partir de la fundación del Centro Cultural y, posteriormente, de la Escuela Municipal de Teatro Antônio José - O JUDEU (TAJJ). Las fuentes escritas e iconográficas para la construcción de la línea de tiempo, se extraerán de periódicos impresos, sitios de noticias locales y blogs, así como colecciones personales de artistas y docentes que participaron y siguen participando en este recorrido. Buscaremos demostrar cómo el Centro Cultural de Nilópolis y el Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes, en sus primeros años de funcionamiento, fueron incluidos en los proyectos para mantener un grupo político en el poder, y cómo, desde la fundación del TAJJ, empezó una resistencia política y artística contra la infiltración de estos grupos, culminando en un proceso sistemático de desguace de la institución, transformándola en una escuela nómada que enfrentó varias estructuras precarias, siendo trasladadas de domicilio cuatro veces en un período de apenas seis años. También describiremos el perfil de los estudiantes de esta comunidad escolar, el entorno lleno de iglesias evangélicas y cómo el pensamiento fundamentalista interfiere con la práctica artístico-pedagógica de la institución.

**PALABRAS CLAVE:** teatro; Nilopolis; educación; política; dismantlar.

---

<sup>1</sup> Autor do artigo. Mestrando em Ensino de Artes Cênicas - UNIRIO. Instrutor de Teatro na Secretaria Municipal de Cultura desde 2006, lotado na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU (TAJJ). Licenciado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá e Especializado em Orientação Educacional e Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes. E-mail: guarniere@gmail.com

A cidade de Nilópolis foi fundada em 1947 e está localizada na região metropolitana da capital do estado do Rio de Janeiro, juntamente com os municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica, constitui, a Baixada Fluminense, cuja ocupação

relaciona-se com a fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1585. Assim, como a distribuição de sesmarias na Baía de Guanabara aos nobres e militares portugueses (...). Fisicamente, a Baixada Fluminense tem como principais características uma planície flúvio-marinha rasa, desenvolvendo-se entre o sopé da Serra do Mar e o Oceano Atlântico, interrompida por colinas e maciços costeiros. (PLÁCIDO & QUEIROZ, 2014, p. 4)

A Baixada é uma região de características bastante heterogêneas, mesclando área urbana, rural e industrial. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Nilópolis tem uma população estimada de 162.963 pessoas e uma área total de 19,393 km<sup>2</sup>, porém mais da metade desse território pertence ao Parque Natural do Gericinó, que é uma Área de Proteção Ambiental (APA), restando somente 9,60 quilômetros quadrados de área habitada. Sendo assim, a densidade demográfica de Nilópolis, que segundo o IBGE é de 8.117,62 habitantes por Km<sup>2</sup>, dobra com a redução do território e chega aos 16.392 habitantes por km<sup>2</sup>, elevando o município à primeira posição do ranking nacional em densidade demográfica, corroborando com os dados do estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) realizado em outubro de 2017<sup>2</sup>.

Assim como os demais municípios da Baixada, Nilópolis é, desde sua fundação, uma cidade-dormitório. Esse termo é utilizado para designar as cidades que acomodam pessoas que trabalham, estudam ou passam o dia em cidades próximas mais desenvolvidas. Unindo-se às boas oportunidades de trabalho e de estudo, as melhores opções de lazer, arte e cultura também estão fora do município. Portanto o morador nilopolitano que desejar ir ao teatro, ao museu ou a uma boa sala de cinema, terá de se deslocar para outras cidades mais desenvolvidas, já que o município dispõe de poucos equipamentos de cultura, sejam eles públicos ou privados.

Segundo o Tribunal de Contas do Estado (TCE), em 2016, o município contava com apenas quatro espaços culturais: o Parque Sara Areal, local que possui um anfiteatro raramente utilizado, é pouco policiado e pouco frequentado; a Biblioteca Municipal Rui Barbosa, que se encontra desativada, e o Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes, esses dois últimos inseridos

---

<sup>2</sup> Mais de 80% da população brasileira habita 0,63% do território nacional. (EMBRAPA. 10 de outubro de 2017 <https://abre.ai/c2wt> . Acessado em 19 de julho de 2021.

no Centro Cultural de Nilópolis “principal espaço cultural da cidade” (TCE, 2016, p. 23). No entanto, o Centro Cultural já havia sido demolido três anos antes do levantamento do TCE ser produzido. Atualmente pode-se incluir a praça do Centro de Esportes e Artes Unificados - (CEUs), que possui uma sala multiuso para pequenas apresentações. O documento de 2016 cita o grupo Fanfarras como o único grupo de teatro da cidade, porém havia outros grupos nesta época como o Surgiu na Hora e o Casa Dois Fundos. Atualmente, além dos grupos já citados, estão em atividade o Grupo Garagem, a Trupe do M.E.R.D.A, o Coletivo Cultural de Nilópolis, Coletivo Tinhattru, Confraria de Palhaços da Baixada, Grupo Bardo, Renovarte, Coletivo Obcena e Cia. Os Encenadores Teatrais. Todos os grupos mencionados apresentam um traço em comum: possuem integrantes formados nas oficinas de Teatro do extinto Centro Cultural/Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU (TAJJ).

Criado no ano de 1996, o Centro Cultural de Nilópolis pertencia à Diretoria de Cultura, uma seção subordinada à Secretaria Municipal de Educação. A instituição oferecia cursos livres de atuação, como o “Arte e Vida”, elaborado e ministrado pelo ator Marcelo Alonso<sup>3</sup>, como descrito no folheto de divulgação da época:

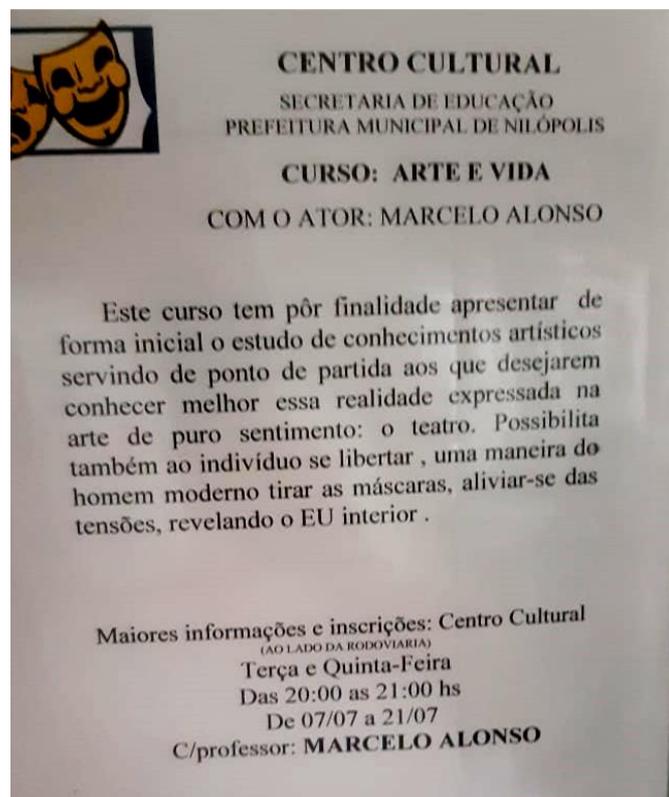


Figura 1 - Folheto do curso Arte e Vida - Acervo de Marcelo Alonso

<sup>3</sup> Ator e diretor, com formação em administração pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atua como Instrutor de Teatro na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU, em Nilópolis.

No final da década de 1990, ainda no governo do prefeito José Carlos Cunha, a Diretoria de Cultura ganhou autonomia, tornando-se a Secretaria Municipal de Cultura de Nilópolis (SEMUC). Farid Abraão David<sup>4</sup> assume a prefeitura no ano 2000 e implementa mudanças na pasta da cultura que passa a ser parte essencial de seu governo. Após dois anos de reforma, o auditório foi transformado em teatro e batizado, depois de votação pública, de Teatro Municipal jornalista Tim Lopes<sup>5</sup>, que juntamente com a Biblioteca Municipal Ruy Barbosa e a sede da SEMUC, constituía o Centro Cultural de Nilópolis. No dia da reinauguração do Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes, o secretário de cultura da gestão Farid declara:

“O dia chegou!” Disse, radiante, o secretário de cultura, Antônio Carlos da Costa, durante a reinauguração do teatro instalado no Centro Cultural de Nilópolis. (...) “Não era digno termos um espaço como aquele [referindo-se ao teatro antes da obra], não darmos conforto a um povo que tanto sofreu [com o governo anterior]. O deputado Simão Sessim havia nos prometido que a sobra de caixa do Ministério da Cultura seria destinada a essa obra. E a sobra de caixa é esta maravilha. Obrigado a todos, principalmente ao prefeito Farid Abraão. Esta é uma humilde grande festa: Humilde porque somos humildes e grande porque somos nilopolitanos.” Falou Antônio Carlos muito aplaudido pela plateia que ocupava os 150 lugares e já experimentava o conforto das novas poltronas, sem contar as pessoas que tomavam os corredores laterais. (PREFEITURA leva escolas ao Teatro Tim Lopes, Jornal A Voz dos Municípios Fluminenses edição de 02 a 08 de maio de 2003).

---

<sup>4</sup>Farid Abrão David (Nilópolis, 3 de abril de 1944 - Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2020) foi um político brasileiro de ascendência libanesa, atuante no município onde nasceu, sendo prefeito de Nilópolis por três vezes: entre 2001 e 2008 pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB) e Partido Progressista (PP), e em 2016 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Faleceu ainda no exercício do seu terceiro mandato como prefeito de Nilópolis por complicações da COVID-19.

<sup>5</sup>Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, conhecido como Tim Lopes (Pelotas, 18 de novembro de 1950 — Rio de Janeiro, 2 de junho de 2002), foi um repórter investigativo brasileiro, produtor da Rede Globo desde 1996. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tim\\_Lopes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tim_Lopes) Acessado em 22 de janeiro de 2021.

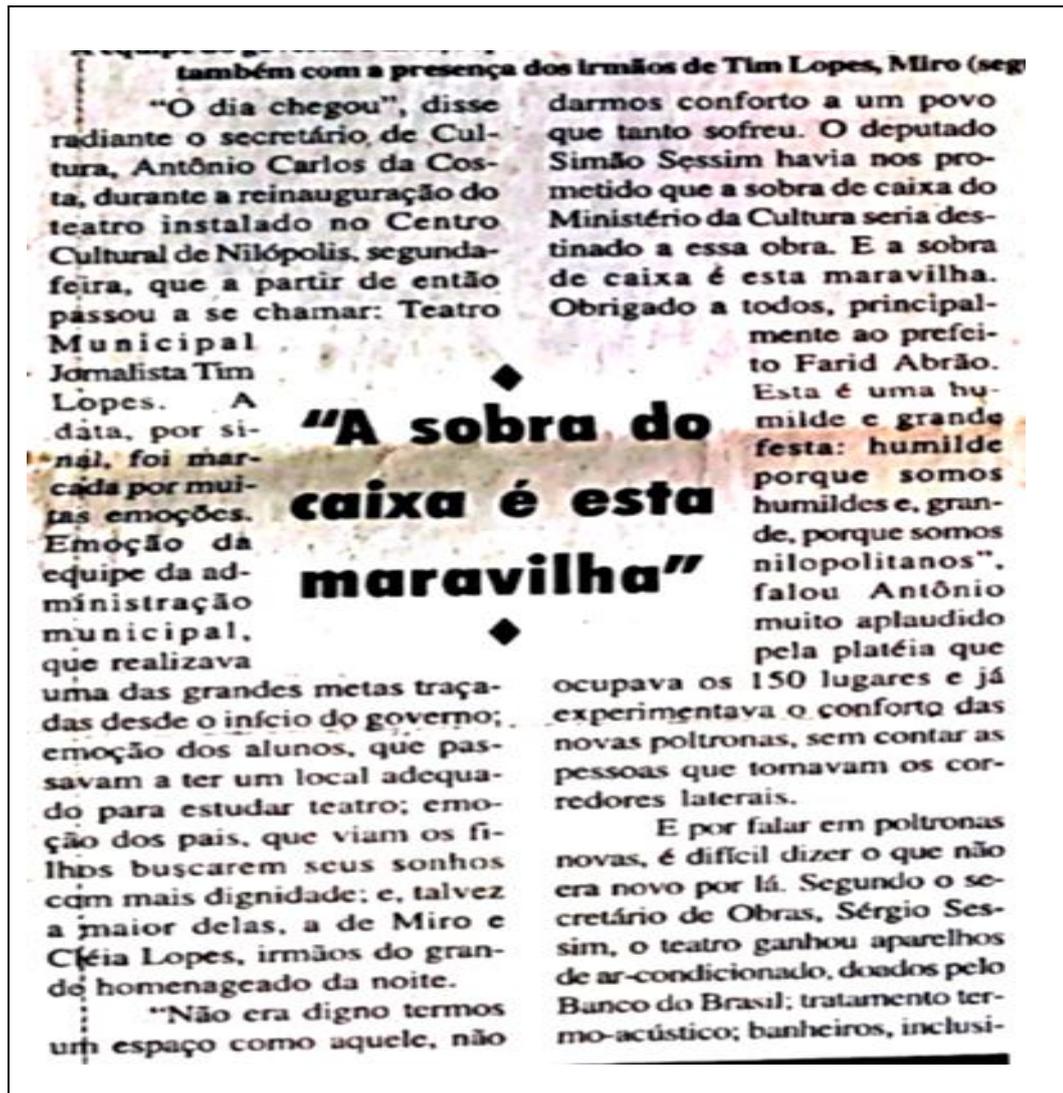
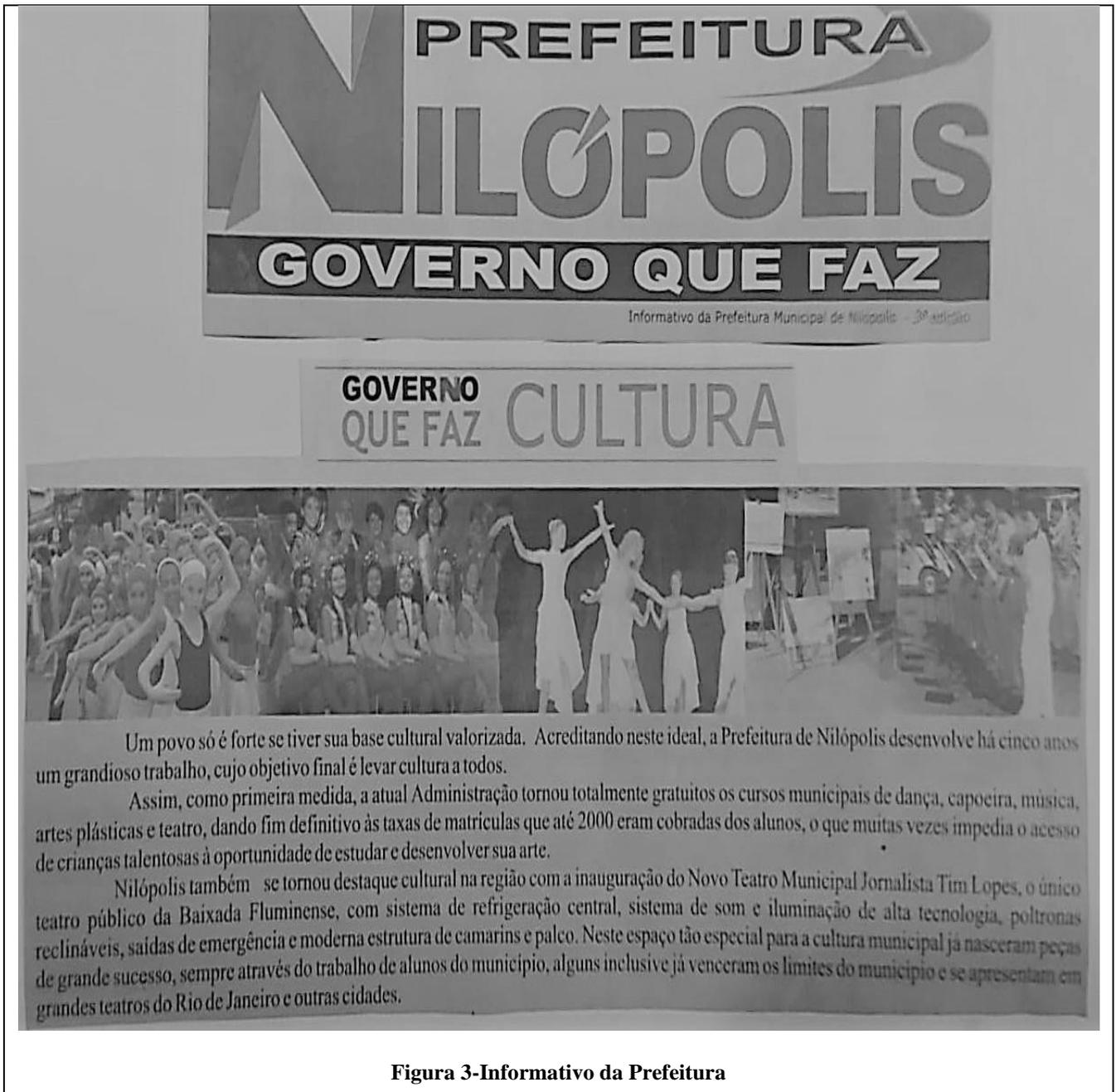


Figura 2- Sobra de Caixa

A Inauguração do teatro municipal recebeu destaque na 3ª edição do informativo da prefeitura, como pode-se ler na imagem a seguir.



**NÍLOPOLIS** PREFEITURA

**GOVERNO QUE FAZ**

Informativo da Prefeitura Municipal de Nilópolis - 3ª edição

**GOVERNO QUE FAZ CULTURA**

Um povo só é forte se tiver sua base cultural valorizada. Acreditando neste ideal, a Prefeitura de Nilópolis desenvolve há cinco anos um grandioso trabalho, cujo objetivo final é levar cultura a todos.

Assim, como primeira medida, a atual Administração tornou totalmente gratuitos os cursos municipais de dança, capoeira, música, artes plásticas e teatro, dando fim definitivo às taxas de matrículas que até 2000 eram cobradas dos alunos, o que muitas vezes impedia o acesso de crianças talentosas à oportunidade de estudar e desenvolver sua arte.

Nilópolis também se tornou destaque cultural na região com a inauguração do Novo Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes, o único teatro público da Baixada Fluminense, com sistema de refrigeração central, sistema de som e iluminação de alta tecnologia, poltronas reclináveis, saídas de emergência e moderna estrutura de camarins e paleo. Neste espaço tão especial para a cultura municipal já nasceram peças de grande sucesso, sempre através do trabalho de alunos do município, alguns inclusive já venceram os limites do município e se apresentaram em grandes teatros do Rio de Janeiro e outras cidades.

**Figura 3-Informativo da Prefeitura**

Os primeiros espetáculos realizados no Teatro Tim Lopes foram *Romeu e Julieta*, de Willian Shakespeare, e o *Mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira. As produções eram encenadas pelos alunos das oficinas de teatro e marcaram o ano da reinauguração do equipamento que recebeu alunos das escolas da rede municipal em sessões semanais, e o público em geral aos finais de semana. De acordo com o Jornal *A Voz dos Municípios Fluminenses*, edição de 20 a 26 de junho de 2003, os ingressos eram trocados por um quilo de arroz, feijão ou açúcar.



Figura 4 - recorte do Jornal A Voz dos Municípios Fluminenses, edição de 20 a 26 de junho de 2003

Em abril do ano seguinte, o espetáculo que entrava em cartaz era *Bailei na Curva*, texto de Júlio Conte e direção de Marcelo Alonso. O texto foi encenado para marcar os quarenta anos do golpe militar. Segundo o jornal local o prefeito compareceu à estreia.

"Bailei na Curva" agita teatro de Nilópolis [segue para a descrição] Autoridades e convidados assistiram na sexta-feira à noite a apresentação especial de estreia de "Bailei na Curva", no Teatro Municipal Tim Lopes com elenco formado exclusivamente por alunos do curso de teatro do Centro Cultural de Nilópolis, a peça ficará em cartaz até o dia 02 de maio. Ao final o prefeito Farid Abraão parabenizou o secretário de cultura Antônio Carlos, e os atores pela apresentação. ("Bailei na Curva" agita teatro de Nilópolis, jornal A Voz dos Municípios Fluminenses. Rio de Janeiro, edição de 02 a 06 de abril de 2004).



**Figura 5 - Bailei na Curva**

Em 09 de dezembro do mesmo ano, o prefeito voltou ao teatro com dois vereadores para a apresentação do espetáculo “*A Gaiola das Loucas*”, texto de Jean Poiret e direção de Luiz Valentim, para descerrarem a placa do projeto “Teatro Para o Povo”<sup>6</sup>, e anunciarem um convênio com a Caixa Econômica Federal para a doação de uma cortina eletrônica para o teatro municipal. Na ocasião também esteve presente o gerente da agência do banco.



**Figura 6 - A Voz dos Municípios, 03 a 09 de dezembro de 2004 - Convênio para a cortina eletrônica**

<sup>6</sup> Projeto da Secretaria Municipal de Cultura que consistia em levar alunos de escolas públicas da cidade ao Teatro Jornalista Tim Lopes para assistirem aos espetáculos em cartaz.

A presença de agentes políticos no teatro anunciando, discursando ou prometendo era constante. A estratégia de anunciar estar doando ou oferecendo algo ao público explicita a prática do assistencialismo, que segundo Pedro Demo (1994, p. 30), “significa sempre o cultivo do problema social sob a aparência da ajuda.”

É antiga a utilização da arte como instrumento de promoção, engodo e/ou imposição de poder. Os primeiros registros do seu uso como ferramenta de dominação no Brasil remetem ao período da colonização. Naquele contexto, os jesuítas foram os responsáveis pela educação e catequização dos índios através de dois métodos pedagógicos: o institucional, que consistia em aulas realizadas em espaço físico como uma escola, e o não-institucional, sendo esse mais eficaz, pois além de educar pelo exemplo, explorava recursos como a música, a dança e o teatro. Quanto a isso, Magaldi (1996, p. 16) acrescenta “(...) que os índios eram sensíveis à música e à dança, e a mistura das várias artes atuava sobre o espectador com vigoroso impacto. A missão catequética dos autos se cumpria assim facilmente”.

Quase 500 anos após a colonização, práticas manipuladoras aos moldes jesuítas<sup>7</sup> continuam eficazes. Os showmícios<sup>8</sup>, muito comuns no início dos anos 2000 e proibidos posteriormente pelo Supremo Tribunal Federal, notabilizaram-se como uma dessas práticas. Para o evento, artistas famosos eram contratados com verbas de campanha por partidos políticos, e suas apresentações eram o chamariz para aglomerar multidões que, entre uma música e outra, ouviam os discursos dos candidatos e às vezes até os próprios artistas ajudavam cantando os *jingles* de campanha, como nas ocasiões descritas pelo repórter Flávio Victor, do jornal Folha de São Paulo, na matéria intitulada “Assistentes de Palco”, edição de primeiro de outubro de 2002:

No palco do showmício de Ciro Gomes (PPS), apresenta-se o grupo de pagode "Os Travessos". O cantor Rodriguinho pede ao público para cantar o refrão "Ciro e Paulinho, esse é o caminho". Diante da apatia dos espectadores, ameaça: "Está fraco. Assim não vai dar para cantar mais uma". O coro engrossa". (...)Espaço de lazer Tancredão, Campinas. Atração musical do comício dos tucanos José Serra e Geraldo Alckmin, o grupo teen KLB pede, às adolescentes estridentes que se acotovelam no local, licença para "falar sério". Quem busca votos para os tucanos é Kiko, o mais velho dos três irmãos, que justifica: "O Brasil terra é muito bom, mas o Brasil conduta anda meio machucado". A euforia da platéia vira histeria quando ele finaliza dizendo que "o que está faltando [no Brasil]" é uma coisa muito simples e que se resume a uma palavra: amor". (VICTOR, Fábio. Assistentes de Palco. Folha de São

---

<sup>7</sup> Método pedagógico jesuítico.

<sup>8</sup> Um showmício é um ato público onde um político ou um candidato a um cargo político expõe suas ideias aos eleitores, geralmente acompanhado por artistas musicais para atrair um público maior. (<<https://abre.ai/cBII>> Acessado em 01 de abril de 2021).

Paulo. São Paulo. 01 de outubro de 2002. <https://abre.ai/cBIF> Acessado em 15 de abril de 2020)

Um comício político que ofereça gratuitamente uma atração cultural de massa busca que as pessoas se sintam agradecidas pela oportunidade e ofereçam em troca aquilo que têm, e que no julgamento de muitas delas não custa nada: sua atenção, simpatia, boa vontade para ouvir e, no fim, seu voto. Nessas circunstâncias, não é exagero dizer que esse voto está sendo comprado, como diz a matéria veiculada no dia 24 de maio de 2006, pelo jornal *Estadão*, intitulada “Proibição de showmícios e brindes evita compra de votos, diz TSE”, que descreve os argumentos do Ministro do STF Marco Aurélio Mello durante julgamento no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre a proibição dos showmícios:

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Marco Aurélio Mello, disse nesta quarta-feira que a decisão tomada na véspera pela Corte proibindo nesta eleição os showmícios e a distribuição de brindes como camisetas e bonés atendeu a um apelo popular e teve o objetivo de evitar a compra de votos. "Com a deliberação de ontem, ganhou a sociedade brasileira em termos de purificação eleitoral", afirmou. Segundo Marco Aurélio, o tribunal decidiu visando atender ao anseio popular. "Showmícios, distribuição de brindes, o que se visa com isso? Dar um lazer aos menos afortunados?", indagou Marco Aurélio. "A classe A não vai a showmício, não usa camiseta", constatou. E respondeu em seguida: "Visa o voto. É captação ilícita. (Proibição de showmícios e brindes evita compra de votos, diz TSE. *Estadão*, São Paulo <https://abre.ai/cBIE> Acesso em 15 de abril de 2020)

No contexto nilopolitano, detecta-se a exploração do Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes como espaço de ininterrupta campanha político-partidária. Em algumas oportunidades, o investimento na comédia fácil baseada na exploração do conteúdo sexual e jocoso, na ridicularização de minorias étnicas e de gênero, na banalização do sofrimento da população de baixa renda e vulnerabilidade social eram o roteiro que promovia a naturalização do insulto. Um chamariz perfeito num país em que o racismo, o machismo, a homofobia, a transfobia e a xenofobia contra povos nordestinos são matéria-prima para a composição de piadas veiculadas nos mais variados meios de comunicação, e que lamentavelmente a maioria da população reproduz, compartilha e acha graça. Ao término desses espetáculos, não havia a obrigatoriedade da permanência do público para ouvir as promessas de campanha, entretanto, por educação ou gratidão, muitos permaneciam, já que:

... estabelecido o pacto entre palco e plateia, mesmo que separados por luz, tablado ou pela hierarquia refletida nos assentos, em algum nível ali se dará

uma comunhão espacial e um compartilhamento de ideias. E o poder vigente, em qualquer tempo ou lugar, sempre foi conhecedor desse compartilhamento. (ABRANCHES, 2019, p. 14)

Valendo-se de todo o ambiente preparado, esse poder consegue disseminar suas ideias e pôr em prática o que Max Weber chamou de dominação, dividida pelo autor em três tipos: a legal, a tradicional e a carismática, todas estabelecidas na autoridade, ou seja, no poder de dar ordens. No contexto nilopolitano, aplica-se pelo menos um desses modelos de dominação, o carismático, que consiste em:

Virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: às faculdades mágicas, revelações, ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extra cotidiano, o inaudito, o arrebatamento emotivo que provocam e constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo (...) o quadro administrativo é escolhido segundo carisma e vocação pessoais, e não devido a sua qualificação profissional (como funcionário) à sua posição (como no quadro administrativo estamental) ou à sua dependência pessoal de caráter doméstico ou outro (como é o caso do administrativo patriarcal) (WEBER, 1981, p. 134).

Tanto Magaldi (1996), quanto Weber (1981) e Abranches (2019), corroboram para o que podemos chamar de uso do teatro para a dominação na cidade de Nilópolis, já que a arte também é utilizada com esse objetivo e é assimilada através daquilo que Boal (2009) denomina de canais estéticos, culminando na castração estética que:

(...) vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer mensagens imperativas da mídia, da cátedra e **do palanque**, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las! O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escrita, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros! As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nesses domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo!" (BOAL, 2009, p.15)

Por muitos anos consecutivos, a SEMUC produziu espetáculos com apelo popular para serem emoldurados por discursos governistas.

## **Mudança de Gestão: organização pedagógica para a fundação da escola de teatro**

Em 2009, inicia-se o governo de Sérgio Sessim que nomeia Augusto Vargas como novo gestor da SEMUC. Os aprovados no concurso realizado no ano anterior para formar um quadro de instrutores de teatro (professor com formação técnica não acadêmica) tomam posse e começam a construir um projeto pedagógico para uma escola regular. Neste período, fui convidado pelo novo diretor do Centro Cultural, o educador físico e bailarino Anderson Sylan<sup>9</sup>, para assumir a coordenação pedagógica das oficinas de teatro e do projeto de um curso profissionalizante. Cada instrutor passou a apresentar um plano de curso para o ano letivo e para a disciplina que assumiria no projeto de curso profissionalizante que seria ofertado no ano de 2010. O Curso Profissionalizante em Teatro foi anunciado e a formação do corpo discente foi feita por meio de concurso público, com teste de habilidade específica e a exigência de comprovação de matrícula no Ensino Médio ou diploma.

O projeto pedagógico para a escola de teatro foi constituído com a participação de todo o corpo docente ao longo de mais de dez meses de estudo e debate. No primeiro semestre de 2011, o diretor Anderson Sylan precisou deixar a direção e fui convidado pelo então secretário de cultura, Augusto Vargas (2009 - 2012), a assumi-la. Os documentos para a fundação da escola eram enviados à procuradoria e retornavam com pontos para serem revistos, mas alguns eram vetados pela própria gestão, como a proposta de eleição para o cargo de diretor da escola, por exemplo, que não foi aceita pela SEMUC. Sobre as prerrogativas para a construção ideológica e pedagógica de uma escola, observemos Icle:

Cruciani, em sua investigação historiográfica, segue afirmando que uma escola nasce e se perpetua não pelo imediato, mas pelos propósitos pessoais de reunir em torno de si objetivos comuns. As escolas supõem professores, disciplinas, currículos e, portanto, projetos, ideologias, concepções, normas; (ICLE, 2010, p. 48)

No início de 2011, a instituição passa a se chamar Escola Municipal de Artes Dramáticas, mas após sua fundação, em 30 de dezembro, o nome é substituído por Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu<sup>10</sup>. Tanto o nome do dramaturgo português, quanto

---

<sup>9</sup> Educador Físico, Bailarino e Performer. Dirigiu o extinto Centro Cultural de Nilópolis, foi professor e é um dos fundadores da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU.

<sup>10</sup> Antonio José da Silva é considerado o maior escrito luso-brasileiro do século XVIII. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1705, de pais cariocas com ascendência judaica. Foi morto pela Inquisição aos 34 anos. <https://www.atelie.com.br/publicacoes/autor/antonio-jose-da-silva-o-judeu/>. Acessado em 02 de março de 2021.

o nome anterior, foram escolhas dos gestores da pasta, sem a participação dos instrutores nem dos alunos. A partir daquela data a formação dos alunos passou a ser função da TAJJ. Isso permitiu avanços importantes como a inclusão da escola no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, a instituição foi inscrita como escola de atividades complementares e realiza o Educacenso<sup>11</sup> desde então.

A TAJJ não é uma escola técnica, é uma instituição pública de cursos livres de teatro com duração anual e carga horária de quatro horas semanais (4h). Seu curso profissionalizante iniciou com oitocentas horas de carga horária (800h), distribuídas em seis semestres e era condicionado à avaliação do Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões – SATED-RJ, que em 2012, firmou um compromisso com a SEMUC se comprometendo a conceder o registro profissional aos formados.

Prefeito

**DECRETO Nº 3.592 DE 30 DE DEZEMBRO DE 2011**  
**"DISPÕE SOBRE A INSTITUIÇÃO DAS ESCOLAS**  
**MUNICIPAIS DE TEATRO E ARTES PLÁSTICAS NA**  
**ESTRUTURA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CUL-**  
**TURA DE NILÓPOLIS."**

O Prefeito Municipal de Nilópolis, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor,

**DECRETA:**

**Art.1º.** Ficam instituídas, na estrutura administrativa da Secretaria Municipal de Cultura - SEMUC, sob as denominações aqui apresentadas, a Escola Municipal de Teatro Antonio José (O JUDEU) e a Escola Municipal de Artes Plásticas Fayga Ostrower que funcionará no Centro Cultural de Nilópolis.

**Art. 2º-** A SEMUC adotará todas as providências técnico-administrativas para a implementação e o funcionamento regular das referidas unidades.

**Art. 3º-** Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Nilópolis 30 de Dezembro de 2011.  
**SÉRGIO SESSIM**  
 Prefeito

**Figura 7- recorte do decreto de fundação da TAJJ em 30 de dezembro de 2011.**

<sup>11</sup> O Educacenso é uma radiografia detalhada do sistema educacional brasileiro. A ferramenta permite obter dados individualizados de cada estudante, professor, turma e escola do país, tanto das redes públicas (federal, estaduais e municipais) quanto da rede privada. Todo o levantamento é feito pela internet. (Ministério da Educação <https://abre.ai/cBIx> acessado em 24 de abril de 2021)

O período entre 2010 e 2012 ficou marcado por aprovações de alunos da TAJJ para instituições de renome no estado do Rio de Janeiro, como a Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Outra característica dessa época foi o surgimento de muitos grupos de teatro dentro da escola, alguns ainda ativos, como o Surgiu Na Hora (SNH)<sup>12</sup> e o Casa Dois Fundos<sup>13</sup>.

Sob orientação do instrutor Felipe Coelho<sup>14</sup>, foi criada a companhia da Escola de Teatro, que esteve em atividade por somente um ano, entre maio de 2011 e julho de 2012. Era formada por alunos que participaram de uma seleção interna e tinha por objetivo representar a instituição em festivais, o que não chegou a ocorrer, pois, lamentavelmente, houve o corte da gratificação que remunerava as horas que o profissional destinava à companhia.

Cada vez mais a TAJJ se notabilizava como lugar de produção artística de qualidade e como espaço de convivência de toda a comunidade escolar. A aprendizagem do teatro deixou de ser somente terapêutica e, para algumas das alunas e alunos da escola, a atividade teatral passou a ser uma possibilidade de carreira ou de estudo com vistas à profissionalização. O Caderno Baixada do jornal Extra, em 10 de dezembro de 2011, veiculou uma matéria sobre a escola intitulada “Uma escola de artes legal”. O relato do então aluno Paschoal Meato (ao centro com um cordão branco na testa), ilustrava a importância da escola para a região:

É um trabalho que ajuda muito a quem não tem condições [financeiras]. Os cursos de teatro são muito caros e as escolas públicas como a Martins Penna, só no Rio. Ter uma escola desse porte na Região é uma conquista para todos nós, que pretendemos viver de arte. Ano que vem terei meu registro de ator profissional. (QUINTÃO, Eletícia. Capacitação e Registro de Ator, O Extra – Jornais de Bairro, 10 de dezembro de 2011, p. 10. <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=Paschoal+Meato>>)

<sup>12</sup> Segundo o ator Bruno França, o Grupo Surgiu na Hora foi fundado em 2011 por André da Costa e Bruno França na Escola Municipal de Teatro Antônio José, no município de Nilópolis. A partir de 2012 começou a contar com a participação de Bruno Donaz, os três são a atual formação do grupo. O grupo tem sua pesquisa inicial na arte da palhaçaria, posteriormente, na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), onde os integrantes do grupo são formados em Bacharelado em Atuação Cênica, o grupo expandiu sua área de trabalho, unindo toda sua pesquisa em comédia com novas produções experimentais. O grupo possui participações em festivais e prêmios desde sua formação.

<sup>13</sup> Segundo a Atriz Daiana Martins, o Coletivo começou como Grupo Atos, em 2008, formado por mulheres, dentro do Centro Cultural de Nilópolis. No final de 2012 o nome mudou para Coletivo Casa2Fundos, pois todos os integrantes residiam no complemento: Casa 2 Fundos, onde aconteciam todos os encontros do coletivo. Em 2013 o Casa2Fundos se especializou em Teatro de Rua e Palhaçaria através de oficinas ministradas pelo Tá Na Rua, pelo Lume Teatro e pelo Roda Gigante. Dentre os trabalhos nas ruas, destacamos A Última Poesia, as intervenções hospitalares da Palhaça Rosette Crespim. Em 2019 ofereceu formação para palhaços hospitalares, que foi interrompida com a chegada da pandemia em 2020. Atualmente o Casa2Fundos trabalha na montagem, O Fing'Dor. O espaço fica na cidade de Nilópolis, no bairro Cabuís.

<sup>14</sup> Felipe Coelho: Ator formado na Escola Técnica de Teatro Martins Penna, graduado em Produção Cultural pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis, graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e instrutor da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu desde 2009.

# Uma escola de artes legal

Curso agora é reconhecido e alunos de Nilópolis comemoram com espetáculo

■ ELETÍCIA QUINTÃO  
eleticia.quintao@extra.inf.br

■ A única escola pública de Artes Dramáticas da Baixada, localizada em Nilópolis, finalmente vai ser legalizada. Com curso livre de teatro desde 1998, nunca foi oficialmente reconhecida pela categoria. Agora, graças ao empenho de um grupo cultural da cidade, a Escola de Artes Dramáticas Antonio José poderá emitir registro profissional para seus alunos.

Enquanto o registro de ator não chega, muitos alunos do grupo se destacam em outros tabladados. Com o espetáculo "O corpo na teia", o diretor Anderson Silan, ex-aluno do curso e atualmente professor de expressão corporal na escola, levou os alunos a subirem, no início de dezembro, ao palco do teatro do

Sesc de Nova Iguaçu.

— A ideia do espetáculo surgiu trabalhando com eles a expressão corporal. Acabou virando um projeto bacana e marcante — comemora Anderson.

Segundo o diretor da Escola de Artes, Luiz Guarnier, a oficina teatral tem caráter de sensibilização. Ela ajuda a formar uma consciência de pensamento crítico e cultural na cidade. Ao passo que o curso oferece capacitação profissional mesmo, apenas não era regulamentado como tal.

— Grande parte de toda a documentação necessária para a oficialização foi construída este ano. Criamos estatuto, projeto político-pedagógico e estrutura curricular — lembra Guarnier.

MAIS HISTÓRIAS DA ESCOLA  
NAS PÁGINAS 10 E 12 ►►



Grupo de atores do espetáculo "O corpo na teia": apresentações fora do município

Figura 8 - Jornal Extra – DRT – Espetáculo Corpo na Teia



Figura 9- Recorte do Jornal Extra

Quadro 1 - Principais ações do ano de 2011

- Planejamento pedagógico;
- THE para ingressantes no curso de teatro das turmas 2011.1
- Início das aulas para o curso integral aos sábados;
- Início do ano letivo;
- Entrega do Estatuto e o Projeto Político Pedagógico da Escola de Teatro para a secretaria de cultura;
- THE para ingressantes no curso de teatro das turmas 2011.2
- Envio de documento ao prefeito da cidade solicitando a fundação da Escola Municipal de Artes Dramáticas Antônio José – O Judeu;
- Quarto festival de esquetes;
- **Fundação da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu.**

Se no âmbito pedagógico as coisas pareciam evoluir, a estrutura física andava na contramão. Houve visitas de imóveis próximos ao Centro Cultural e até de uma estrutura anexa à Paróquia Nossa Senhora da Conceição com o objetivo de servir de sede para a TAJJ,

mas as opções foram rechaçadas pela prefeitura. Os planos de construir um novo teatro municipal e salas para a escola de teatro, apresentados pela gestão de Augusto Vargas, não provocavam a euforia de outrora e já se configuravam promessas de campanha atreladas à reeleição do prefeito Sérgio Sessim, primo do prefeito anterior Farid Abraão.

Depois de anos de precarização e sucateamento, em 2010, durante a gestão de Sérgio Sessim (PP) e idealizado pelo então secretário de cultura Augusto Vargas (PV), apresenta-se um projeto para a construção de um novo teatro. Conveniando entre a Prefeitura e o Ministério da Cultura e orçado em R\$ 2,6 milhões, o novo equipamento teria capacidade para 250 pessoas, dois pavimentos e abrigaria a Secretaria Municipal de Cultura, uma biblioteca de arte, salas funcionais e um cinema, além de ser batizado em homenagem a atriz nascida em Nilópolis Tereza Rachel. (CANTUÁRIA, Rennan. Era uma vez um teatro. Blog do Rennan. Nilópolis. 09 de julho de 2015. <https://abre.ai/cBIh> Acessado em 01 de junho de 2020)

As instalações sofriam com a ação do tempo e a inação das autoridades. Assistindo a rápida deterioração do equipamento, a sociedade civil, o grêmio estudantil da escola, juntamente com artistas e ativistas da cidade passaram a questionar o secretário de cultura sobre as instalações, que já ofereciam perigo aos mais de trezentos alunos que lá estudavam. Maria Azevedo<sup>15</sup>, aluna da TAJJ nessa época e graduada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), narra um momento delicado que ilustra bem o descaso público com a escola:

O ensaio geral estava correndo bem (...) então de repente começou a cair um temporal, (...), eu consigo lembrar exatamente o momento em que começou a chover dentro do teatro, tinham goteiras por várias partes e uma cachoeira que caía exatamente no meio da plateia. (...) Foi quando o então diretor da escola de teatro, que estava fazendo a iluminação da nossa peça, saiu da cabine de luz, correu para fora do teatro e voltou com uma espécie de tonel que usou para tentar conter ou pelo menos amenizar a “cachoeira da plateia”, e assim tentar minimizar ao máximo os estragos dentro do teatro. (...) o que se seguiu depois foi, tomar a decisão de cancelar ou não a apresentação (...) após o ensaio geral nós trocamos os figurinos por panos de chão, vassouras e rodos, nosso aquecimento pra entrar em cena nesse dia foi limpar o teatro. Teatro limpo, figurino repostado, atores aquecidos e oração feita entramos em cena e estreamos “A lua é minha”. (relato recebido em 14 de maio de 2020).

---

<sup>15</sup> Maria Aparecida Azevedo, bacharel em Artes Cênicas pela UNIRIO.

Rafael Cobo<sup>16</sup> descreveu a ocasião da seguinte forma:

Depois de um ensaio ao longo do dia, arrumação de cenário para a estreia e única apresentação do espetáculo de avaliação, mais próximo do final da tarde uma forte chuva atingiu a região do teatro, uma lona que fechava um buraco antigo do teto do teatro cedeu com o peso do acúmulo de água da chuva, rapidamente os professores Roberto Rodrigues e Luiz Guarnier (nesse período como diretor da escola de teatro) colocaram um latão de lixo para segurar a “cachoeira” vinda do telhado na parte das primeiras fileiras de assentos, pegando parte do palco, com o cenário da peça montado, atores e atrizes se preparando para a estreia. O esforço dos professores citados com o latão de lixo que ficou cheio diversas vezes e foi carregado e despejado na rua, evitou que toda aquela água se acumulasse dentro do teatro. A posterior diminuição da chuva evitou que a situação ficasse ainda pior. (Relato recebido em 19 de maio de 2020)

A umidade provocada por essas chuvas danificava a instalação elétrica, o sistema de som, os condicionadores de ar, a iluminação e as poltronas. As portas do teatro, das salas de aula e secretaria escolar não fechavam mais, e os banheiros, abertos ao público, sempre estavam quebrados e sujos. Era o ano de formatura da primeira turma do curso profissionalizante de teatro e praticamente não havia mais teatro. Enquanto as instalações ruíam, a prefeitura realizava eventos contratando artistas de projeção nacional, como a dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano e a banda gospel Rosa de Saron, para a festa de aniversário de sessenta e cinco anos da cidade<sup>17</sup>. O que sobrava desses eventos era utilizado em reparos paliativos na escola, os *banners* publicitários serviam para colar o teto do teatro, as lâmpadas para iluminar a escola, o material de limpeza era doado por outras secretarias ou trocado como contrapartida pelo uso do espaço. Os restos de fios eram utilizados em gambiarras elétricas e a madeira era usada na construção de tapadeiras.

Além do reaproveitamento dos restos de materiais, a manutenção era feita por grupos de artistas, em sua maioria ex-alunos do antigo centro cultural, que aderiam aos mutirões convocados pela direção da escola. A limpeza era realizada cotidianamente pelos alunos, como descrito no memorando nº 001/2012 da direção da escola de teatro para a secretaria de cultura:

Vimos através deste, após observação dos professores e alunos que estudam nos dias de sábado, informar que toda a limpeza do Teatro e banheiros do camarim e por vezes pátio do Centro Cultural tem sido realizada pelos próprios alunos que estudam neste dia. Também gostaríamos de informar que, por ventura dos espetáculos que vêm acontecendo regularmente aos sábados

<sup>16</sup> Ex-aluno da TAJJ, cursando em 2020 o bacharelado em Direção Teatral da UNIRIO

<sup>17</sup> Trecho do telejornal RJ1 sobre a festa de aniversário dos 65 anos de emancipação de Nilópolis <https://globoplay.globo.com/v/2095939/> Acessado em 18 de julho de 2021.

e domingos, as dependências do Teatro e do Centro Cultural são limpas pelos elencos e seus professores, para que recebamos o público da melhor forma possível. Deste modo, solicitamos à Secretaria de Cultura que, dentro das possibilidades, crie uma escala dos funcionários do Apoio aos fins de semana para que essa faxina seja realizada. (Memorando nº 001/2012 – acervo pessoal)

Ao final do ano de 2012, o prefeito Sérgio Sessim perde as eleições para Alessandro Calazans. Antônio Costa, secretário entre 2000 e 2008 é anunciado como futuro gestor da pasta da Cultura de Nilópolis. O quadro abaixo seguirá a sequência dos fatos mais importantes de 2012:

**Quadro 2-** Descrição dos principais acontecimentos do ano de 2012

|  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• É firmada a parceria SATED/RJ e Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu para a profissionalização dos alunos do Curso de Teatro que passou a se chamar Curso Profissionalizante de Teatro;</li> <li>• Estreia do Grupo de Teatro da EMT Antônio José com o espetáculo Pic-Nic no Fronte de Fernando Arrabal com direção de Felipe Coelho.</li> <li>• A escola é inscrita no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP.</li> </ul> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• 5º Festival de Esquetes da EMT Antônio José – O JUDEU sem a presença de nenhum representante da SEMUC.</li> <li>• A direção passa a cobrar o valor simbólico de dois reais pelo ingresso do festival, com isso arrecada uma pequena quantia para despesas urgentes.</li> </ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Três grupos de Teatro da EMT são finalistas no VII Circuito Mix de Esquetes da cidade de Nova Iguaçu. Indicações para melhor atriz, melhor atriz revelação, melhor direção e melhor texto.</li> </ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prova Pública com as montagens: Álbum de Família e A Serpente, de Nelson Rodrigues, Gota D'água de Chico Buarque e Navalha na Carne de Plínio Marcos.</li> </ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estreia do espetáculo “Imorais?”, montagem de fim de curso da primeira turma de formandos do curso profissionalizante de teatro, texto coletivo original baseado na história dos Dzi Croquettes sob orientação do instrutor Max Nevez da Costa.</li> <li>• Lançamento de edital para as turmas de 2012.2;</li> </ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dois grupos de teatro formados por alunos da escola são selecionados para o FESQ Cabo Frio.</li> </ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sarau Luiz Gonzaga.</li> </ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao contrário do prometido, não houve verba para pagar os processos dos formandos e somente alguns tiveram o dinheiro suficiente para arcar com os custos da profissionalização junto ao SATED/RJ.</li> </ul>  |

## **Demolição do Centro Cultural e do Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes**

O ano de 2013 teve seu início conturbado. As desavenças políticas não permitiram que houvesse transição de governo entre a equipe de saída, chefiada por Augusto Vargas, e a equipe que assumiria, liderada por Antônio Costa. O discurso era de revanchismo político, ameaças, assédio moral, demissões e interrogatórios. As turmas do curso profissionalizante aos sábados foram extintas mesmo ainda estando em atividade. Documentos importantes para a fundação e funcionamento interno da escola foram encontrados no lixo, mas recuperados pelo funcionário da zeladoria e limpeza conhecido como “Senhor Luiz”. Esses mesmos documentos ajudam na construção desse trabalho.

O próximo quadro descreve as principais ações até a condenação de todo o complexo do Centro Cultural e, conseqüentemente, do Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes e da sede da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu.

### **Quadro 1 - Principais acontecimentos do ano de 2013**

- A equipe do novo secretário de cultura chega na SEMUC para a transição da pasta, porém o secretário e o sub-secretário substituídos não comparecem. A transição é feita pelo diretor da escola de teatro, Luiz Guarnier (2011-2012);
- Os funcionários contratados e comissionados são demitidos mesmo sendo regentes de turmas na escola de teatro;
- As turmas do curso profissionalizante aos sábados são extintas mesmo ainda estando em atividade;
- Mudança para um prédio insalubre com salas minúsculas e sem acessibilidade. O mesmo endereço é dividido com a secretaria de emprego e renda;
- O espetáculo Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, com direção de Luiz Valentim, entrou em cartaz como o último espetáculo apresentado no teatro municipal;
- O já abandonado Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes é condenado e demolido em setembro de 2013;

O encerramento das atividades no Centro Cultural de Nilópolis representava a interrupção das atividades teatrais da cidade sem a apresentação à sociedade de nenhuma perspectiva de retorno. A demolição do equipamento que sediava a SEMUC, a TAJJ, o Teatro Municipal e a escola de artes plásticas significava o fim de um equipamento educacional e cultural sem nenhuma garantia de reconstrução. Na edição do Jornal do Município de 30 de junho a 05 de setembro de 2013, uma fotografia do prefeito Alessandro Calazans conduzindo uma retroescavadeira sobre os escombros do que restou da estrutura do teatro, dimensionava o desrespeito e desdém do chefe do executivo e toda a sua equipe. A reportagem intitulada “Tim Lopes é demolido para a construção do novo teatro”, trouxe depoimentos do prefeito, do secretário e de Luiz Valentim, diretor da TAJJ entre 2013 e 2015.

## Tim Lopes é demolido para a construção de um novo teatro

Foi iniciada na última sexta-feira, dia 23, a demolição do Teatro Jornalista Tim Lopes para a construção do novo teatro. A equipe da secretaria de Cultura, assim como o prefeito Alessandro Calazans, os vereadores Jorge Nei Hungria e Pedro Alfredo, o secretário de Cidadania Rodrigo Amorim, estiveram presentes. O prefeito, aliás, participou ativamente da demolição, conduzindo a retroescavadeira. O novo teatro será construído no mesmo local a partir de um convênio da prefeitura com o Ministério da Cultura.

A nova construção tem previsão de 18 meses para ser finalizada e vai contar com equipamentos modernos e terá capacidade de acomodar 350 pessoas. Também irá ter salas para cursos profissionalizantes de teatro e circo. A construção é fruto do esforço do prefeito em recuperar o convênio com o Governo Federal.

“Tivemos que regularizar a titularidade do terreno para que essa demolição acontecesse, o teatro estava prestes a cair sobre a nossa cabeça tamanho era o descaso com a cultura em nosso município e eu tenho uma preocupação com a cultura, as pessoas precisam do alimento cultural. Estou muito feliz por estar realizando hoje esse ato efetivo com esse processo novo. Parabéns a cultura da cidade”, disse Calazans.

O secretário de Cultura Antônio Carlos, ao lado dos professores do teatro e da equipe da secretaria de Cultura, estava emocionado com o ato de demolição. “Estamos muito emocionados em estar presenciando essa demolição hoje. É um sonho que começa a se realizar, é um grande passo que está sendo dado, vamos ter salas para cursos profissionalizantes de teatro e circo. A população irá receber um novo aparelho cultural. É um momento histórico para a cidade”, comentou o secretário.

O diretor do teatro, Luiz Valentim, destacou a importância de ter um teatro moderno na Baixada Fluminense e que o novo espaço vai facilitar o contato da população com as artes cênicas, além de despertar o interesse de jovens atores. “É um grande ganho para a nossa cidade, um benefício para toda a Baixada Fluminense. Com o novo teatro não precisaremos ir nos apresentar em outros lugares. É um momento de muita emoção, estou muito orgulhoso”, explicou.

Para marcar o ato de demolição os professores de teatro fizeram a oração que realizam nos bastidores, antes de entrarem em cena, com todos os presentes e puderam mostrar o quanto estão felizes com essa conquista para a cultura da cidade.



Figura 10 - Prefeito Alessandro Calazans conduzindo o trator na demolição do Centro Cultural e Teatro Municipal <https://pt.calameo.com/read/002015945bf9634ed0c0d>

Foi iniciada na última sexta-feira, dia 23, a demolição do Teatro Jornalista Tim Lopes para a construção do novo teatro. (...) O prefeito, aliás, participou ativamente da demolição, conduzindo a retroescavadeira. O novo teatro será construído no mesmo local a partir de um convênio com o Ministério da Cultura. A nova construção tem previsão de 18 meses para ser finalizada e vai contar com equipamentos modernos e terá capacidade de acomodar 350 pessoas. Também irá ter salas para cursos profissionalizantes de teatro e circo. A construção é fruto do esforço do prefeito em recuperar o convênio com o governo federal. “tivemos que regularizar a titularidade do terreno para que essa demolição acontecesse, o teatro estava prestes a cair sobre a nossa cabeça tamanho era o descaso com a cultura em nosso município e eu tenho uma preocupação com a cultura, as pessoas precisam do alimento cultural. Estou muito feliz por estar realizando hoje esse ato efetivo com esse processo novo. Parabéns a cultura da cidade”, disse Calazans. (A Voz dos Municípios. Rio de Janeiro. 30 a 05 de setembro de 2013, p.5.

<https://pt.calameo.com/read/002015945bf9634ed0c0d>



Figura 9 - prefeito Alessandro Calazans golpeando a parede do Teatro Municipal acompanhado de artistas



**Figura 10 - Início da demolição do Centro Cultural de Nilópolis**



**Figura 11 - Terreno após a demolição**



Figura 12 - Estacionamento criado no terreno dos extintos Centro Cultural de Nilópolis e Teatro Municipal Jornalista Tim Lopes

Em seguida o secretário de cultura, Antônio Costa, vibra com a demolição, como descreve a sequência da matéria:

O secretário de Cultura Antônio Carlos, ao lado dos professores do teatro e da equipe de Cultura, estava emocionado com o ato de demolição. “Estamos muito emocionados em ‘estar’ presenciando essa demolição hoje. É um sonho que começa a se realizar, é um grande passo que está sendo dado, vamos ter salas para cursos profissionalizantes de teatro e circo. A população irá receber um novo aparelho cultural. É um momento histórico para a cidade”, comentou o secretário. (Tim Lopes é demolido para a construção de um novo teatro. A Voz dos Municípios. Rio de Janeiro. 30 de junho a 05 de setembro de 2013, p. 5. <https://pt.calameo.com/read/002015945bf9634ed0c0d>)

É importante esclarecer que o trecho da matéria que menciona os “professores do teatro e equipe da cultura” presentes na demolição, refere-se somente aos funcionários comissionados da SEMUC, um pequeno grupo formado por aliados políticos do secretário Antônio Costa (2000/2008 e 2013/2015) e do prefeito Alessandro Calazans. Para concluir a matéria, numa clara tentativa de agregar legitimidade ao ato, o jornal diz: “Para marcar o ato de demolição os professores de teatro fizeram a oração que realizam nos bastidores, antes de entrarem em cena,

com todos os presentes e puderam mostrar o quanto estão felizes com essa conquista para a cultura da cidade.” (idem)

A Escola Municipal de Teatro passou a funcionar e a dividir espaço com a Secretaria Municipal de Emprego e Renda, com um posto de controle de endemias, com a SEMUC e a Escola Municipal de Artes Plásticas Fayga Ostrower<sup>18</sup>, no endereço localizado na Rua Eliseu de Alvarenga nº 1618, a cerca de um quilômetro de distância de onde funcionava antes. O prédio em questão havia sido uma escola de educação infantil e nenhuma das suas salas tinha mais de doze metros quadrados. Eram cinco salas de pisos acarpetados no segundo andar e sem acessibilidade para pessoas com dificuldade motora. No primeiro pavimento, as seis salas maiores foram destinadas às atividades burocráticas. No pátio funcionavam oficinas de circo e de dança. A pedido do secretário de cultura, o texto de Jean Poiret, ‘A Gaiola das Loucas’, foi remontado. O site de notícias da cidade Nilópolis Online - NOL, divulgou o novo espetáculo da seguinte forma:

Quem está procurando se divertir nos finais de semana sem gastar nada, agora tem uma grande oportunidade. A Prefeitura de Nilópolis, através da Secretaria Municipal de Cultura, está apresentando o espetáculo teatral de grande sucesso, ‘A Gaiola das Loucas’, todo sábado e domingo, até o dia 27 de julho, a partir das 20h, na Rua Eliseu de Alvarenga, 1618, em Nilópolis. (...) O elenco é formado por dezenove alunos da Escola Municipal de Teatro, o texto é de Jean Poiret, direção e adaptação de Luiz Valentim. (SANTOS, André. Musical ‘A Gaiola das Loucas’ é sucesso de público em Nilópolis. Nilópolis Online. Nilópolis. 30 de maio de 2014.)

Em sua fala ao site, o secretário Antônio Costa se manifestou dizendo:

Todos nós estamos contentes com o espetáculo, o esforço de toda a equipe que trabalha para a realização da Gaiola das Loucas, está sendo recompensado com os elogios do público que foi nos prestigiar. Tivemos o primeiro final de semana com a casa lotada, ouvir o riso da plateia era o nosso objetivo, e isso conseguimos. (SANTOS, André. Musical ‘A Gaiola das Loucas’ é sucesso de público em Nilópolis. Nilópolis Online. Nilópolis. 30 de maio de 2014).

Para o espetáculo foi montado um palco modular de andaimes com estrutura para iluminação cênica, sonoplastia com equipamentos modernos, material de divulgação impresso

---

<sup>18</sup> Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora, Fayga Ostrower chegou ao Rio de Janeiro em 1934. Cursou Artes Gráficas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), em curso coordenado por Tomás Santa Rosa. Seus professores foram Axl Leskoschek, Carlos Oswald, Hanna Levy-Deinhard, entre outros. Em 1955, viajou por um ano para Nova York com uma Bolsa de estudos da Fullbright. (<https://faygaostrower.org.br/artista> Acessado em 23 de abril de 2021)

e notas em jornais e sites da região. Nenhum outro espetáculo teatral contou com essa estrutura na terceira gestão de Costa que, ao final do ano de 2014, de forma surpreendente, abandonou o governo Calazans e foi substituído por Augusto Vargas (PV), secretário de cultura entre 2009 e 2012. Para a escola de teatro uma mudança importante acontece: o instrutor Max Neves da Costa<sup>19</sup> é escolhido para substituir Luiz Valentim na direção da TAJJ e a instituição ganha rumo graças a esta nomeação. É preciso ressaltar que estar sob indicação política e querer realizar um trabalho idôneo não é uma tarefa das mais fáceis. Há de se contar com o bom senso dos agentes políticos que, em sua maioria, preocupam-se com a manutenção do governo, e, em algumas vezes, com a população. O comprometimento com a prestação de serviços à sociedade não é maior que o comprometimento com a reeleição do executivo municipal, isso torna a máquina pública uma agência publicitária em benefício, única e exclusivamente, de quem a comanda.

A TAJJ era solicitada a participar de eventos públicos promovidos por aliados políticos do prefeito e em muitas oportunidades desempenhou o papel de uma agência com mão de obra gratuita. Os professores e funcionários comissionados e/ou que ganhavam gratificações não podiam se recusar a participar de eventos e reuniões políticas sob pena de perda de gratificações ou até mesmo exoneração. Em 2015, a escola contava com sete instrutores concursados, um professor de dança e dez instrutores comissionados. No caso de uma votação, um comissionado jamais votaria contra a gestão. Essa coação causava desconfortos e efeitos muito nocivos ao trabalho desses profissionais.

No campo das produções artísticas, a falta de estrutura era um obstáculo muito desestimulante. Na contramão daquela realidade, surgiram iniciativas como o II Festival de Curtas e o espetáculo *Roberto Zucco*, de Bernard-Marie Koltès, formatura do curso profissionalizante de teatro, sob orientação de Ludmila Gomes<sup>20</sup>, que com pouquíssimos recursos conseguiu realizar um espetáculo marcante para a instituição.

### **“Possível falha em obra quase provoca tragédia em Nilópolis”**

No ano de 2016, ventilou-se a possibilidade de construir um complexo cultural no bairro Frigorífico, localizado a pouco mais de um quilômetro de distância da sede da escola. A intenção era a TAJJ ocupar salas que estavam sendo construídas sob as arquibancadas do

---

<sup>19</sup> Músico e Técnico em Teatro pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena - ETETMP/FAETEC. É instrutor de teatro da TAJJ desde 2005.

<sup>20</sup> Graduada em Jornalismo e licencianda em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. A atriz é técnica em Teatro pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena - ETETMP/FAETEC e é instrutora de teatro na TAJJ desde 2009.

ginásio municipal. Questionou-se a distância, a segurança e o fato do local não ser itinerário de nenhuma linha regular de transporte público. Porém pesava a questão de a escola não ser benquista na vizinhança, que já externava sua insatisfação. De acordo com o relato do instrutor Paschoal Meato<sup>21</sup>, na segunda apresentação do espetáculo de sua turma intitulado “Reminiscências”, alguns vizinhos posicionaram caixas de som em direção ao pátio da escola e puseram músicas no volume máximo para atrapalhar a apresentação que precisou ser interrompida.

(...) não havia condição dos formandos ultrapassarem o volume da música no qual se encontrava. E assim foi parada a peça, o trabalho árduo que tivemos durante um ano inteiro. Ao som de choro do elenco, do desespero do público e revolta também, tentamos ligar para as autoridades a fim de resolver, porém não aconteceu. Todos tivemos que ir embora. E logo após o acontecido, como era final de ano, a escola finalizou suas atividades e não houve um retorno da apresentação. (relato do ator Paschoal Meato recebido em 17 de junho de 2020).

A situação descrita por Meato não foi um fato isolado. Posteriormente, um evento similar obrigou o diretor da escola a registrar um boletim de ocorrência contra os vizinhos, que atiraram ovos e até pedras em direção ao pátio da escola, mesmo sabendo que ali aconteciam as apresentações e que poderiam ferir alguém com gravidade. Em algumas manifestações mais explícitas, vociferavam frases como “isso é coisa do diabo”, “é sem-vergonhice”, “bando de viados!”

Esses acontecimentos fortaleciam a urgência na mudança da TAJJ para qualquer lugar que oferecesse condições primárias de segurança aos alunos e funcionários. A transferência estava prevista para as instalações do parque de eventos da cidade, mas o desmoronamento de parte do que seria a “nova” sede, evitou a mudança de endereço e potenciais vítimas. O site de notícias locais, Nilópolis Online descreveu da seguinte forma o ocorrido:

Uma junção da ação do tempo com uma falha de engenharia, quase provocou uma tragédia, na tarde desta terça-feira, dia 08. Duas paredes do Ginásio Poliesportivo do bairro Frigorífico desabaram, e por sorte, não atingiram ninguém. O incidente ocorreu pouco depois das 17h, durante o temporal que atingiu o município. Segundo informações, as paredes desabaram de uma só vez, como se fossem papéis levados pelo vento, como descreve o pintor José Carlos, que mora próximo e viu de casa o estrago. “Quando começou a ventar, as telhas que puseram para completar a parede até o teto, faziam muito barulho, até falei pra minha esposa que estava preocupado, pois elas balançavam muito. Fui para a janela e fiquei observando, até que tudo veio abaixo. Foi muito rápido, pareciam papéis voando. Isso não foi bem feito, é

---

<sup>21</sup> Paschoal Meato é técnico em Teatro pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena - ETETMP/FAETEC e foi instrutor da TAJJ entre os anos de 2015 e 2017. O ator fez parte da primeira turma do Curso Profissionalizante em Teatro da TAJJ, formando-se em 2012.

impossível que uma parede caia assim tão fácil”, descreve José. (COSTA, Guilherme. Possível Falha Em Obra, Quase Provoca Tragédia Em Nilópolis. Nilópolis Online. Nilópolis. 09 de novembro de 2016.)



Figura 13 - Ginásio Municipal após o desmoronamento da estrutura que abrigaria a TAJJ

A imagem acima ilustrava a matéria mencionada, através dela podemos ter a dimensão da tragédia que poderia ter acontecido se os alunos da escola estivessem estudando no ginásio.

## **Segunda Transferência: o endereço muda, mas os hábitos não**

O desfecho do pleito de 2016 foi uma vitória categórica de Farid Abraão que assumiria seu terceiro mandato. Para a SEMUC o retorno de Farid significava o retorno de Antônio Costa, que colecionaria quatro passagens à frente da Secretaria Municipal de Cultura: 2000, 2004, 2013 e 2017. Com o retorno de Costa, Max Nevez é substituído na direção da escola. Thiago Cardoso recebe indicação para o cargo, mas na ocasião seu nome não foi aceito pelo prefeito. Sou convidado a assumir a instituição e, pensando em continuar o bom trabalho que vinha sendo feito por Nevez, aceito o convite para novamente dirigir a TAJJ.

A notícia de que um prédio grande seria alugado para sediar a escola de teatro elevou as expectativas da equipe e o local informado teve aprovação de todos. Era realmente um espaço muito bom, no centro do bairro de Olinda<sup>22</sup>, próximo à estação ferroviária e aos pontos de ônibus municipais e intermunicipais. As instalações localizadas na Rua João Pessoa, 355, contavam com uma quadra poliesportiva, três salas amplas no térreo, além de uma cantina e dois banheiros. No segundo pavimento havia cinco salas e um banheiro, e no terceiro andar mais três salas, um auditório e um banheiro. Apesar de necessitarem de manutenção, todas as salas tinham ventiladores de teto, eram bem arejadas e a menor delas teria entre 35 e 40 metros quadrados. Aquele local diferia completamente do endereço anterior em dimensões, estrutura e localização. O ex-aluno Horácio Fortes relatou seu sentimento de esperança: “O ano começou com muita esperança, pois o local onde a escola se instalou, era maior e com isso abria um leque de possibilidades e nos livrávamos automaticamente das limitações que tínhamos no antigo espaço.” (relato recebido em 19 de junho de 2020)

Embora o novo endereço fosse bom, pela segunda vez a escola deixaria para trás dezenas de estudantes que não teriam condições de atravessar a cidade, isso significou nova evasão de grande parte do corpo discente. A transferência foi realizada por pessoas da própria equipe e contou muito mais com o esforço pessoal que institucional. A mudança ocorreu em inúmeras viagens a bordo de uma pequena caminhonete.

O pedagogo e artista circense Fabrício Esteves<sup>23</sup>, convidado a coordenar a TAJJ, formulava estratégias para aumentar o número de alunos da escola. Nós dois fazíamos de tudo, desde a limpeza do prédio até as matrículas dos alunos. Organizávamos documentos e recriamos

---

<sup>22</sup> Segundo distrito de Nilópolis.

<sup>23</sup> Pedagogo, ator e artista circense da cidade de Nilópolis.

a pequena biblioteca e acervo de textos. Convocávamos mutirões de alunos e realizávamos encontros com as demais escolas da secretaria, além da escola de teatro.



Figura 14 - Fabrício Esteves, Lea Garcia e Luiz Guarnier



Figura 15 - Mutirão de professores e alunos na limpeza da TAJJ em 2017



Figura 16 - parte da biblioteca escolar



Figura 17 - Acervo de textos

No decorrer de poucas semanas percebia-se a desorganização na gestão da SEMUC. As nomeações dos novos funcionários não haviam sido publicadas no Diário Oficial (DO). Eu, como funcionário estatutário<sup>24</sup>, recebia meu salário fixo ainda sem a gratificação da função de diretor, mas alguns dos demais colegas sequer eram remunerados e vendiam lanches para conseguirem alguma renda. Não havia uma explicação decente da gestão sobre esse assunto. No mês de março de 2017, o DO do município indicava a nomeação da sobrinha do secretário Antônio Costa como diretora da TAJJ. Interpelado sobre a nomeação da própria sobrinha e de outros familiares, o secretário alegou ter ocorrido um erro.

Foi desapontador, mas embora estivesse insatisfeito com a situação absolutamente incorreta, as novas turmas repletas de alunos e a evolução da escola foram fatores primordiais para que eu decidisse permanecer na direção. Nesse período da minha vida eu gozava de tempo livre e resolvi dedicá-lo a melhorar tudo que pudesse. Aquele era o meu local de trabalho e de meus colegas, eu tinha a formação exigida, a experiência de ter sido um dos fundadores da instituição e o primeiro diretor após a fundação da TAJJ.

---

<sup>24</sup> Para os efeitos da Lei 8.112/97, servidor é a pessoa legalmente investida em cargo público (art. 2º, do referido diploma legal). Sendo assim, estatutário é aquele que possui vínculo legal, o que lhe concede prerrogativas extraordinárias. (<https://abre.ai/CBH2> Acessado em 23 de abril de 2021)

Prefeitura Municipal de Nilópolis, 29 de março de 2017.  
**FARID ABRÃO DAVID**  
 Prefeito

**PORTARIA Nº 416 DE 29 DE MARÇO DE 2017.**  
 O Prefeito Municipal de Nilópolis, usando das atribuições que lhe confere a legislação em vigor,

**RESOLVE:**

NOMEAR, a contar de 01 de abril do corrente ano, os abaixo relacionados, no cargo de provimento em comissão junto a Secretaria Municipal de Cultura.

| MAT.   | NOME                         | CARGO                     |
|--------|------------------------------|---------------------------|
| 22.106 | INGRID COSTA FIGUEIREDO      | DIRETOR DA ESCOLA TEATRO  |
| 22.107 | SERGIO LUIZ DA COSTA         | ASSESSOR ADMINISTRATIVO V |
| 22.108 | ACÁCIO LEÃO DA COSTA         | ASSESSOR ADMINISTRATIVO V |
| 22.109 | HUDSON PONTES SEIXAS MARTINS | ASSESSOR ADMINISTRATIVO V |

Figura 18 – Voz dos Municípios, 30 a 06 de abril de 2017, p. 13  
<https://pt.calameo.com/read/002015945e89c00cce8f7>

Sugerida por Fabrício Esteves, coordenador ainda sem nomeação e salário, a primeira ação do ano de 2017 foi a Semana Pedagógica, com aulas públicas de todos os professores da TAJJ abertas à comunidade. O portal oficial da Prefeitura Municipal de Nilópolis noticiou o evento da seguinte forma:

Com o objetivo de democratizar e difundir a Arte e o ensino da mesma, através de aulas e apresentações públicas, a Escola Municipal de Arte Antônio José – O Judeu, promove desde o último dia 24, na sua nova sede, no bairro de Olinda a I Semana Pedagógica. De acordo com Luiz Guarnier e Fabricio Esteves, diretor e pedagogo da escola, respectivamente, “as ações também vêm sensibilizar pessoas que nunca tiveram contato com aulas de artes, para que estas possam se despir de preconceitos e matriculem seus filhos, esclareçam os amigos e também façam parte desse movimento, além de criarem mais zelo e sentimento de pertencimento pela escola e por sua localidade”, contam. (Matéria veiculada em 28 de abril de 2017 <https://abre.ai/cByi>).

No início do mês de abril, o ator Paschoal Meato, técnico em teatro pela Escola Estadual Técnica Martins Pena, foi convidado a ministrar aulas na escola e foi incluído no quadro de professores. Com o decorrer dos meses,

o profissional passou a ser mais um sem remuneração que continuava atuando por militância artística na TAJJ. No final do ano letivo, Meato foi dispensado sem sequer ser contratado, mesmo cumprindo seus horários, entregando relatório e tendo a menor evasão da instituição no ano inteiro.

### **Um agitador chamado Shakespeare**

O corpo de alunos tomou conhecimento da situação dos professores que não receberam salários e da diretoria fantasma. O constrangimento passou a ser constante para a gestão da SEMUC. As cobranças ao secretário e subsecretário passaram a ser cotidianas, muitas vezes com alunos questionando-os o motivo pelo qual os funcionários não recebiam pelo trabalho.

O final do ano se aproximava e com ele as apresentações públicas. Por mais que a escola passasse por problemas seríssimos, no âmbito pedagógico as ações transcorriam bem. O site de notícias locais Nilópolis Online divulgou a programação de apresentações da escola.<sup>25</sup> A imagem abaixo foi divulgada pela prefeitura anunciando a programação de fim de ano.

---

<sup>25</sup> <https://nilopolis.rj.gov.br/site/escola-de-teatro-antonio-jose-o-judeu-divulga-sua-programacao-de-final-do-ano/>



A Escola Municipal de Teatro Antônio José O Judeu divulgou a sua programação de término do ano letivo. Serão apresentados espetáculos realizados pelos alunos na sede da Secretaria Municipal de Cultura, que fica na Rua João Pessoa, 355, Olinda.

**Confira abaixo a programação completa:**

- 26/10 - 19:30h - "Sonho de Uma Noite de Verão" – Professor Max Nevez
- 27/10 - 19:27h - "Os Pecados de Shakespeare" - Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 28/10 - 18h - "Os Pecados de Shakespeare" - Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 03/11 - 19:27h - "Os Pecados de Shakespeare" - Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 10/11 - 19:27h - "Os Pecados de Shakespeare" – Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 17/11 - 19:27h - "Os Pecados de Shakespeare" – Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 18 e 19/11 - 17h - Espetáculo a ser definido – Professora Sandra França
- 24/11 - 19:27h - "Os Pecados de Shakespeare" – Professor Max Nevez - \*Classificação etária: 14 anos
- 25 e 26/11 - 19h - Pautas abertas para prova pública – Professor Paschoal Meato
- 28 e 30/11 - 19h - "Geração Trianon" – Professor Marcelo Alonso
- 29/11 - 19:30h - "O Diálogo" - Professor Beto Sannves
- 01 e 02/12 - horário e espetáculo a ser definido - Professor Eduardo Ravena
- 29 e 06/12 – horário e espetáculo a ser definido - Professor Felipe Coelho
- 06/12 – 18h - Música – Coral do Curso Profissionalizante – Professora Mônica Maia
- 08 e 09/12 - 16h e 18h - Vanessa Traba - A Revolta dos Brinquedos e A Cigarra e a Formiga

**A entrada é franca, porém, sujeita à lotação do espaço. Maiores informações podem ser obtidas através do telefone (21) 3761-3658.**

*Nossa Cidade, Nosso Orgulho!*



Figura 19 - Programação das apresentações de 2017

Os alunos formandos do curso profissionalizante estavam muito animados com o espetáculo sob a orientação do instrutor Max Nevez. *Os Pecados de Shakespeare* tinha a proposta de reunir recortes de cinco clássicos do autor inglês, abordando trechos principais dos textos *Sonho de Uma Noite de Verão*, *Romeu e Julieta*, *Otelo*, *Hamlet* e *Ricardo III*, com uma roupagem atualizada do ponto de vista político. O ator formado na TAJJ, Horácio Fortes, descreve um pouco sobre a adaptação da sua personagem, um dos pontos altos do espetáculo:

O processo durou todo o ano, fizemos estudos, seminários, performances, leituras, experimentações, reconstruções, planejamentos, artes gráficas e audiovisuais para divulgação, construímos e montamos figurinos e cenários baratos e, esteticamente pensados por nós, com a orientação do professor, tudo com o dinheiro que nós conseguimos arrecadar durante todo o ano, em cada evento da escola. O espetáculo foi formado em sua estrutura como uma coletânea de quatro esquetes adaptadas de quatro textos de Shakespeare, e como adaptaríamos esses textos de forma contemporânea, queríamos falar sobre assuntos atuais na sociedade (...). Apresentamos então, em ordem, *Hamlet* (trabalhando sobre depressão, traição, honra), *Otelo* (trabalhamos com temas como racismo, intolerância religiosa), *Romeu e Julieta* (trabalhamos a Homofobia, desigualdades, amor) e *Ricardo III* que tínhamos como principal fonte de inspiração, o golpe de estado de 2016. Colocamos falas do Temer na boca do Ricardo III, homenagens a Dilma, e condenamos o autoritarismo que já ameaçava o futuro do país desde aquela época.

Os atores formandos tinham conhecimento do que ocorria dentro da instituição acerca das perseguições, do não pagamento de alguns funcionários e dos nomeados que não trabalhavam:

E como estávamos descontentes com a gestão da escola, comandada pelos secretários de cultura, e passando por cima da direção e pelos outros motivos apresentados acima, também sobrou espaço para criticar e protestar, pela forma como a escola foi gerida durante o ano. Nós tivemos o prazer de apresentar 6 vezes na escola, sempre com lotação, e uma dessas vezes com uma sessão dupla (e forçada - para os funcionários da escola), a pedido do secretário de cultura, e para finalizar, a última apresentação foi no Teatro Sylvio Monteiro em Nova Iguaçu. (Horácio Fortes, relato recebido em 19 de junho de 2020)

*Os Pecados de Shakespeare* incluiu um trecho do discurso de Michel Temer<sup>26</sup>, lido na ocasião de sua posse como presidente do Brasil, decorrente do golpe contra a presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff. As pessoas que assistiram ao espetáculo iniciaram uma série de críticas ao governo municipal nas redes sociais: “não foi um movimento

---

<sup>26</sup> Michel Miguel Elias Temer Lulia, político, advogado, 37.º Presidente do Brasil empossado após o impeachment da titular, Dilma Rousseff, em 2016.

coordenado, mas depois da primeira apresentação, as pessoas que assistiram, se sentiram livres para exercer seu papel de cidadão de criticar o governo”. (Horácio Fortes. relato recebido em 19 de junho de 2020)

A exemplo dos anos de 2011-2012, tudo na TAJJ era reciclado e adaptado para oferecer o mínimo de condições aos espetáculos. Novamente lidávamos com restos de tudo: cortinas, fios elétricos, fita isolante, carcaças de canhões de luz, restos de gelatinas, acervo de figurinos doados, tapetes, cadeiras. A gestão argumentava que faltava verba, porém uma matéria no site de notícias locais Nilópolis Online gerou revolta do corpo discente, ao relatar que o chefe do executivo havia ordenado a pintura e manutenção do cemitério municipal por ocasião do dia de finados. A prioridade do governo passava longe da TAJJ. Em sua fala na matéria, o prefeito disse que o intuito era dar “respeito e a dignidade que o local merece”. Nas redes sociais, os questionamentos eram sobre a prefeitura dispensar recursos para pintar o cemitério, mas não enviar uma lata de tinta para a pintura da sala de espetáculos da escola.

Os efeitos da desorganização da secretaria de cultura já se refletiam no cronograma de atividades da TAJJ para o ano de 2018. Um atraso na divulgação do período de matrículas atrapalhou o ingresso de novos estudantes e a renovação de matrícula dos remanescentes. A escola também sofreu uma de suas maiores perdas quando o instrutor Carlos Roberto Santos Alves, o único funcionário com licenciatura e mestrado na área, pediu exoneração. Ainda no primeiro semestre fui comunicado pelo chefe da pasta, via aplicativo de mensagens, que eu não deveria mais responder pela direção da instituição.

A partir do segundo semestre de 2018, a direção da TAJJ foi ocupada pelo subsecretário de cultura, Manoel Félix, um cabo eleitoral do pré-candidato à presidência Jair Bolsonaro. O gestor, sem formação pedagógica, implementava medidas autoritárias na escola. Após a divulgação de um exercício de improvisação inspirado na música “Roda Viva”, de Chico Buarque de Holanda, o subsecretário Manoel Félix bloqueou o acesso dos alunos e dos professores ao auditório sob alegação de “balbúrdia”, ameaçou-me com uma advertência administrativa pelo que chamou de “doutrinação esquerdista” e quando questionei o motivo da medida, Félix quis argumentar que teatro não era política e que eu deveria tomar cuidado com os conteúdos que ministrava, já que após as minhas aulas os alunos passaram a “reclamar de tudo”.

A posição assumida pelo gestor se assemelha às ideias do projeto intitulado de Escola sem Partido, que segundo Catelan<sup>27</sup> e André<sup>28</sup> (2019, p. 238) é “uma ação política junto ao poder legislativo para tornar lei uma série de medidas que proíbe em sala de aula a manifestação de ideias partidárias” e prevê, entre outras coisas:

A ameaça de sanções e punições a professores e professoras que ousarem falar sobre política em suas aulas é real e já acontece em casos de profissionais da educação constrangidos e ameaçados por denúncias de alunos, alunas e políticos. Isso tudo embalado por um movimento que se autodenomina “escola sem partido”, que tem como um de seus defensores o candidato eleito presidente do país, em 2018, Jair Messias Bolsonaro. (CATELAN; ANDRÉ, 2019, p. 236-245).

Sem funcionários na secretaria escolar, os diários de classe e os pontos dos professores não eram mais entregues. Para assegurar a marcação da presença, uma lista era improvisada e reforçada com uma *selfie* que postávamos nas redes sociais para provar que a turma estava em atividade. A ex-aluna Amanda Cordeiro descreve em seu relato como observou o período:

No ano anterior teve muitos conflitos entre os alunos e o secretário, desde então a maioria dos alunos já sentiam um certo descaso dele com a Secretaria de Cultura. No ano de 2018, a quantidade de alunos que se matricularam pra realmente concluir o curso já foi bem reduzida. Tínhamos poucos alunos e esses poucos estavam desanimando. Foi extremamente triste ver a escola que antes era sempre agitada em qualquer horário do dia ir ficando cada vez mais vazia. Começaram a surgir boatos (até então não sabíamos se era verdade ou não) que o curso profissionalizante iria acabar, e nós mesmos estávamos vendo que não havia nenhum esforço de algumas pessoas para organizar eventos como sempre acontecia para os alunos exporem para seus amigos e família o que aprendiam lá. Aconteceram muitas desistências ao longo do ano, e estávamos todos exaustos de continuar e não saber o que viria depois, se iríamos de fato nos formar algum dia, cansados de não expor nada para ninguém, e com os poucos recursos. Mesmo com uma sala boa para apresentações com luzes e com um camarim a nossa disposição, não podíamos entrar lá, acabamos ficando com o espaço reduzido e pouco incentivo. Até tentamos nos reanimar, um professor abriu suas aulas e a gente podia levar amigos de fora que tinham curiosidade e vontade para fazer aulas com a gente, mas já não era suficiente. Não consigo nem me lembrar o que foi o último dia de aula, ou qual foi nossa avaliação, quando me dei conta já não estávamos tendo mais. (Relato de Amanda Cordeiro recebido em 20 de junho de 2020)

---

<sup>27</sup>Ator, Educador, Pesquisador, Diretor Teatral e Iluminador. Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/ São Paulo.

<sup>28</sup> Profa. Dra. Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias Cnpq. Coordenadora da Instituição Promotora do DINTER entre UNESP e UFT.

### **A terceira mudança de endereço (2018): evasão escolar**

As turmas infantis ainda resistiam e alguns trabalhos foram apresentados no fim de 2018, porém a escola estava desfigurada. Não havia planejamento pedagógico, não havia cronograma de apresentações, nem projeção para o ano de 2019 que já se aproximava. A instituição estava completamente abandonada e aos poucos sua estrutura foi sendo transferida para a Praça do CEU's. Segundo o extinto Ministério da Cultura - Minc, as Praças CEU's são:

(...) equipamentos públicos estatais localizados em áreas de vulnerabilidade social de cidades brasileiras. A proposta é integrar, em um mesmo espaço, programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital, a fim de promover a cidadania em territórios de vulnerabilidade social, nas cidades brasileiras. A construção dos CEUs é feita por meio de parceria entre a União e municípios. Quando inauguradas, essas praças são entregues à comunidade, passando a ser administradas por um grupo gestor formado por representantes do poder público municipal, da sociedade civil organizada (ONGs e Pontos de Cultura) e de moradores locais.

No contexto nilopolitano, o equipamento em questão foi erguido sobre um trecho alagado e conhecido por ser um serpentina natural, junto a uma Área de Proteção Ambiental – APA, no Parque Natural do Gericinó. Toda a área onde a praça foi construída, além de alagar com chuvas medianas, também é habitada por cobras que cotidianamente são encontradas na quadra, na pista de skate, salas de aula e demais áreas comuns. O projeto da praça não previa muros ou cercas, o que impossibilitava o controle de entrada e saída de pessoas e alunos, desencorajando muitos pais a matricularem seus filhos na escola. Por ser distante da sede anterior, pouquíssimos alunos retornaram às aulas, acarretando o esvaziamento de turmas inteiras.

Ainda em 2018, um elenco formado por egressos, instrutores e atores da cidade estreou *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, com a presença do prefeito na plateia. Discursos, aplausos e promessas relembavam a performance característica dos primeiros anos do Teatro Municipal (2000-2008), inclusive com a participação dos mesmos personagens: Farid Abraão, Antônio Costa e Luiz Valentim. De acordo com a publicação no site da prefeitura de Nilópolis, o prefeito lamentou a demolição do Teatro Municipal culpando seu antecessor, Alessandro Calazans, e não mencionou o nome do seu secretário de cultura, Antônio Costa, que foi secretário de cultura de Calazans, participou e comemorou a demolição do equipamento em 2013, conforme pode ser lido na figura 10 deste artigo.

Desde a última mudança, foram convocadas reuniões de funcionários para a apresentação do espaço ainda em obras. O prédio em questão havia sido sede de uma outra escola municipal. O seu primeiro pavimento é no mesmo nível da rua, há um pequeno *hall* de entrada, cinco salas, uma cozinha com refeitório e dois banheiros. O segundo andar é ocupado pela TAJJ e possui quatro salas amplas, dois banheiros e um auditório para reuniões, ensaios e pequenas apresentações. O terceiro andar possui sete salas de aula e dois banheiros.

A localização da TAJJ é o bairro de Olinda, segundo distrito de Nilópolis e região de importância ímpar para a cidade. Tem sua própria estação ferroviária, pontos de ônibus municipais e intermunicipais, policiamento, calçadão, cartório e o Fórum Municipal, porém essas são características do centro do bairro, e a TAJJ está localizada em sua periferia. Um local de infraestrutura deficitária, com iluminação precária, sinais da presença de facções criminosas, milícia e fundamentalismo religioso. Na rua Eliseu de Alvarenga, onde a escola está localizada, há três igrejas entre uma esquina e outra, num espaço de aproximadamente quinhentos metros. A escola é vizinha de muro de uma igreja, que por sua vez, é vizinha de muro de outra que fica de frente a uma Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

As aulas foram retomadas efetivamente no dia três de março de 2020, cerca de 150 alunos se ingressaram nas oficinas e a maioria deles frequenta a educação básica do ensino público ou particular, e para uma minoria a escola ocupa lugar único de aprendizado. Os ingressantes são distribuídos em horários de segunda a sexta-feira em três turnos, e os cursos são separados em três níveis (infantil, adolescente e adulto) com quatro horas aula semanais.

Atualmente, a escola de teatro possui oito funcionários: um diretor com cargo comissionado, um professor de dança (cedido da secretaria de educação) e cinco instrutores em atividade, um comissionado e quatro estatutários, sendo que um atuando na secretaria escolar. Nos cerca de vinte e quatro anos de existência da secretaria de cultura, dois concursos foram realizados: em 2002 e em 2008. Para a função de instrutor de teatro foi exigido curso técnico na área ou registro no órgão da classe, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do estado do Rio de Janeiro – SATED/RJ. A carga horária semanal é de quarenta horas e a remuneração é um salário mínimo com desconto de onze por cento para a previdência social. Não há benefícios como auxílio-transporte nem auxílio-refeição, não há plano de carreira, não há possibilidade de mudança de nível por tempo de serviço e nem por grau de instrução, ou seja, a prefeitura não investe nem incentiva a especialização da categoria que nunca recebeu aumento salarial num regime em que gratificações são oferecidas somente a aliados políticos. A justificativa para os baixos salários são de que a secretaria de cultura não

cobra o cumprimento das quarenta horas semanais de seus instrutores, uma estratégia que mantém a maioria dos funcionários reféns de uma falsa benevolência.

Através do Educacenso é possível traçar o perfil do corpo de alunos, o censo escolar é aplicado anualmente em todo o Brasil e coleta informações sobre diversos aspectos das escolas brasileiras, em especial as matrículas e infraestrutura, envolvendo o ensino infantil, ensino fundamental, ensino médio e EJA. Para vincular um aluno a uma instituição de ensino complementar, como a TAJJ, existe uma série de pré-requisitos que devem ser obedecidos, um deles é identificar se o aluno em idade escolar está matriculado na Educação Básica, se estiver, este indivíduo só poderá ser matriculado na TAJJ em seu horário de contraturno em relação ao turno de sua escola regular.

A TAJJ não restringe a matrícula de pessoas de fora da cidade, e houve uma época em que pessoas de outros municípios da Baixada Fluminense e de bairros da capital, representavam cerca de 25% do corpo discente da instituição. Isso ajudou a difundir o nome da escola no estado do Rio de Janeiro. Todos os alunos são periféricos, alguns são das periferias das periferias. Essa semelhança os torna compartilhadores de uma realidade muito parecida em aspectos como habitação e saneamento básico precários, serviços de transporte público ruins, saúde e educação insuficientes, e segurança pública ineficaz e corrompida. Segundo o Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro, a região da Baixada Fluminense:

(...) vem se consolidando ao longo de décadas com problemas sociais, habitacionais, educacionais e de segurança pública. As cidades da região surgiram e cresceram de forma irregular, sem planejamento, e os governos não conseguiram garantir serviços públicos para toda a população. (...) A pobreza se traduz na ausência de um conjunto de direitos como renda, habitação segura, escolaridade com aprendizagem, segurança familiar e comunitária. A desigualdade é perceptível na dificuldade de acessar serviços públicos e emprego. A Baixada Fluminense soma pobreza e desigualdade. E, sem dúvida, um dos piores resultados dessa equação é a violência. (<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/desigualdade-na-baixada-fluminense>, acesso em 02/11/2021)

### **Teatro: coisa do diabo!**

As igrejas evangélicas estão por todas as partes da Baixada Fluminense, notabilizando-se como um traço marcante das periferias dessa grande periferia. O jornal Extra, em matéria veiculada no ano de 2015 e intitulada “Maioria da população da Baixada é de evangélicos.

Seropédica lidera o ranking”, descreve o panorama trazendo números do Censo 2010: “Os evangélicos estão em alta na Baixada. Nos 13 municípios, são mais de 1,3 milhão de fiéis, segundo o Censo 2010. Nove cidades têm maioria evangélica. Seropédica lidera o ranking com 44% da população seguidores da religião.” (*Jornal Extra*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2015. <https://abre.ai/c2o2> acesso em 13 de julho de 2020). Essas congregações passaram a ser referências de apelo social nas localidades abandonadas pelo estado. Seus líderes são respeitados e têm livre entrada até nos locais onde nem a segurança pública transita. Dessa forma constituíram hegemonia tornando-se a única opção de lazer em muitas comunidades. Segundo a pastora pastora Gícia Bacelar, em declaração ao jornal, “o desemprego alto na cidade, os jovens não têm renda para se divertir (...) a igreja promove o acesso ao lazer com festividades, louvores e passeios” e “ajuda a ressocializar o jovem que teve a vida perdida.” (idem). A socialização deixa de ser um papel da rede pública de educação e da Assistência Social através dos Centros de Referências em Assistência Social – CRAS, tornando-se incumbência das igrejas evangélicas, que abrem suas portas para servirem de abrigo seguro em locais onde transitar à noite, é estar em completa vulnerabilidade:

Na tentativa de afastar os jovens do caminho do “mundo”, como dizem os cristãos, vale até esticar o funcionamento da igreja. No bairro Campo Lindo [município de Seropédica-RJ], a Assembleia de Deus Ministério de Missões é conhecida como a “igreja das onze” porque encerra as atividades às 23h.  
— Se os jovens vão lanchar num lugar onde ficarão expostos ao álcool ou às drogas, por exemplo, é melhor que lancem aqui — explicou o pastor José Félix, presidente do templo. (idem).

Não há aqui o objetivo de menosprezar a importância das igrejas, que em alguns locais são o único porto seguro para muitos jovens, mas existe um outro lado que precisa ser problematizado: a intensificação do pensamento fundamentalista, que rechaça o diferente, repele aquilo ou aquele que é do “mundo”. Esse termo característico engloba tantas nuances que realmente abarca um mundo de significados, pois tudo que não é da “igreja”, é do “mundo” e, nesta perspectiva, as coisas que são do mundo, potencialmente, são também do diabo. O alastramento desses pensamentos pode significar a implantação de uma cultura única, de doutrina rígida, de linguagem característica e monoteísta. Todos esses aspectos trabalham para eliminarem o diferente criando uma atmosfera preconceituosa e intolerante, em que todos os não-evangélicos são bárbaros. Um exemplo infeliz que ilustra um dos resultados desse comportamento está descrito na matéria veiculada na Folha de São Paulo intitulada “Polícia prende 8 traficantes do 'Bonde de Jesus', que atacava terreiros no Rio”:

Evangélicos bandidos mantiveram sacerdotisa octogenária sob mira de armas. Era por Bonde de Jesus que atendiam traficantes evangélicos que atuavam na comunidade Parque Paulista, em Duque de Caxias (Baixada Fluminense). A ficha corrida deles envolve também ataques a terreiros de candomblé da região, segundo a Polícia Civil. (...) As autoridades identificaram 21 traficantes que teriam relação com terrorismo religioso. (...) Álvaro Malaquias Santa Rosa, chefe do tráfico e membro do TCP (Terceiro Comando Puro) é também pastor. Teriam vindo dele as ordens para depredar espaços de culto candomblecistas. (Polícia prende 8 traficantes do 'Bonde de Jesus'. Folha de São Paulo. São Paulo. 14 de agosto de 2019. <https://abre.ai/c2o5> acessado em 13 de julho de 2020)

Além da intolerância religiosa e a associação com o crime organizado, os evangélicos fundamentalistas também se enraizaram na política, tanto que foram capazes de fomentar e apoiar o golpe de 2016 e elegerem Jair Messias Bolsonaro como presidente da república em 2018. Atualmente a bancada evangélica, segundo o jornal Estadão, é de 195 dos 513 deputados, equivalendo a 38% do total dos parlamentares. Em 2020 o ministro da justiça<sup>29</sup> era evangélico, a ministra dos direitos humanos<sup>30</sup> é evangélica, o ministro da educação<sup>31</sup> é um pastor evangélico. Augusto Boal, em *A Estética do Oprimido* desenhou este quadro: “Toda e qualquer religião ou seita, estruturando fiéis em forma monárquica piramidal, como é costume, ganha força sinérgica e se transforma em agrupação política – torna-se Poder. Como tal, possui relativa força, que intervém na realidade do seu país ou região.” (BOAL, 2009, p. 44). Mas todos os evangélicos são envolvidos em corrupção, crimes, ou agem de forma descabida? A resposta, obviamente, é não! Entretanto mesmo os fundamentalistas sem armas na mão agem de forma criminosa quando são intolerantes com as demais religiões. Retomando um dado da matéria do

<sup>29</sup> Nomeado para o Ministério da Justiça, André Mendonça, que até esta segunda-feira (27) ocupava o cargo de advogado-geral da União, tem pós-graduação em direito pela Universidade de Brasília (UnB) e é pastor na Igreja Presbiteriana Esperança, em Brasília. (Novo titular da Justiça é pastor evangélico e tem interlocução com ministros do STF. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/novo-titular-da-justica-e-pastor-e-tem-interlocucao-com-ministros-do-stf.ghtml> Acesso em 23 de abril de 2021)

<sup>30</sup> Nova ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos é pastora evangélica e já disse que família brasileira 'corre riscos' em razão do Plano Nacional de Direitos Humanos. (VIVAS, F. 'Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã', diz Damares ao assumir Direitos Humanos. Brasília. **Tv Globo**. 02 de janeiro de 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml> Acesso em 23 de abril de 2021)

<sup>31</sup> Nomeado novo ministro da Educação, o pastor Milton Ribeiro, da Igreja Presbiteriana em Santos (SP) foi uma opção segura para o presidente Jair Bolsonaro. Embora não fosse o nome preferido dos militares, não incomodava essa ala do governo. Ao mesmo tempo, o religioso agrada bastante a ala mais conservadora e é considerado; de maneira positiva; terrivelmente evangélico;. Agradar esse segmento religioso é uma preocupação constante de Bolsonaro. (NUNES, M.; TEÓFILO, S.; VICENTE, N. "Terrivelmente evangélico", ministro da Educação agrada alas do governo. Brasília. **Correio Brasiliense**. 10 de julho de 2020 [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/10/interna\\_politica,871194/quem-e-milton-ribeiro-pastor-evangelico-e-novo-ministro-da-educacao.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/10/interna_politica,871194/quem-e-milton-ribeiro-pastor-evangelico-e-novo-ministro-da-educacao.shtml) Acesso em 23 de abril de 2021)

jornal Extra sobre o número de evangélicos na Baixada em 2015, o percentual de evangélicos em Nilópolis era de 33% de um total de 157.986 habitantes. Esse percentual, corresponderia no atual cenário, a mais de 52 mil habitantes evangélicos. Isso quer dizer que a cada três nilopolitanos, um seria evangélico.

No âmbito da TAJJ, o pensamento fundamentalista já interrompeu a trajetória de alunos que viviam sob a orientação de responsáveis e lideranças religiosas radicais. Outros não executaram jogos com toque alegando que seus corpos são “templos” que não podiam ser tocados. Alguns não cantam as músicas “do mundo” e nem interpretam personagens que julgam serem pecaminosos. Fora de sua religião tudo é diabólico e radicalmente dividem a sociedade entre as “coisas e pessoas que são da igreja” e as “coisas e pessoas que são do mundo”

Aproveitando a comodidade do grupo de mensagens dos instrutores da TAJJ, solicitei aos colegas que narrassem episódios ocorridos em sala de aula que envolvessem alguma situação em que alunos se recusaram, ou foram impedidos por alguém de realizarem atividades, leituras ou apresentações alegando motivos religiosos. Os relatos foram surpreendentes. Segundo a instrutora Vanessa Traba, em relato enviado a mim no dia 17 de julho de 2020, uma criança foi impedida pela mãe de atuar em *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado, por ser “coisa do demo”: “uma semana antes da peça a mãe dela falou que ia chamar o pastor para assistir, mas que o pastor não ia aceitar aquilo, que era muito pesado”. A instrutora Sandra França revelou que, em uma adaptação do clássico *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, uma integrante do elenco a implorou para que conversasse com sua mãe, para deixá-la participar do espetáculo:

(..) a menina dizia “poxa, professora, conversa com a minha mãe! Conversa com a minha mãe. E eu conversei com a mãe dela que dizia que “não, isso não é coisa de Deus, isso é coisa do demônio. Isso é putaria. A minha religião não permite isso. Isso é teatro mesmo? Isso não é teatro, isso é putaria.” E disse que o pastor não ia permitir. Resultado foi que a aluna se afastou por um tempo, eu passei um monólogo para ela que ficou me ajudando com os figurinos. (Sandra França. Relato recebido em 17 de julho de 2020).

Thiago Cardoso, diretor e instrutor da escola, disse-nos que durante as aulas de História do Teatro para o primeiro ano do curso profissionalizante, ao explicar sobre os ritos dionisíacos e as tragédias gregas, sentia um grande desconforto com as atitudes de alguns alunos. Essa sensação se intensificou quando, meses depois ele propôs a leitura dramatizada de *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes:

Tinham palavras ali que elas não queriam ler, porque achavam um absurdo. Eu dizia “gente, isso é um texto clássico, ela [personagem] está aqui falando justamente de como as mulheres eram vistas naquela época, de como eram escravizadas pela religiosidade” (...) elas [alunas] ficaram loucas e não queriam de jeito nenhum e não leram! Não leram! (Thiago Cardoso, relato recebido em 17 de julho de 2020).

Também há incidência do pensamento religioso radical no ensino superior, o relato desta vez tem como cenário a Escola de Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UFRJ:

Pode parecer absurdo que alunos de música de uma universidade do país se recusem a tocar ou cantar músicas do genial compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), mas isso está ocorrendo com frequência, destaca o jornalista Paulo Lopes em seu blog. A reportagem ressalta que a professora de Canto da Escola de Música da UFRJ Andrea Adour observou que alunos evangélicos têm se recusado a cantar a música “Xangô”, por “acharem se trata de uma reverência a um demônio de religiões de origem africanas. (Brasil 247. <https://www.brasil247.com/cultura/evangelicos-de-escola-de-musica-da-ufrj-se-recusam-a-cantar-villa-lobos-por-intolerancia-religiosa>. Acesso em 13 de julho de 2020).

Esses acontecimentos esdrúxulos já estão presentes em todas as gamas da sociedade e nas altas escalas do poder opressor do crime organizado, do Executivo, Legislativo, e Judiciário – inclusive com promessa presidencial de indicar para o Superior Tribunal Federal (STF), um ministro “terrivelmente evangélico”<sup>32</sup>, cumprida em julho de 2021, com a indicação de André Mendonça ao STF<sup>33</sup>. Sobre o pensamento fundamentalista, vejamos as palavras de Rocha (2014, p. 762):

*um modo de ser, de pensar e de agir, que resulta de uma crença e de uma adesão incondicionais a uma doutrina religiosa, qualquer que ela seja, judaica, cristã ou islâmica, considerando-a como a única detentora e protetora do Bem e da Verdade. E, em virtude desta atitude radical, os fundamentalistas religiosos tratam como inimigos todas as outras religiões e pessoas, que não comunguem com suas crenças, nem com seus ideais, tanto religiosos como políticos. (Rocha, 2014, p.762).*

<sup>32</sup> Presidente participou de culto evangélico na manhã desta quarta-feira (10) na Câmara dos Deputados. Ele havia mencionado indicar um evangélico para a Corte durante evento em maio. (MAGLAGO; MAZUI. Bolsonaro diz que vai indicar ministro 'terrivelmente evangélico' para o STF. **G1 – O GLOBO**. Brasília. 10 de junho de 2019. <https://abre.ai/cBHo> acessado em 23 de abril de 2021).

<sup>33</sup> Presidente afirma que nome de indicado ao Supremo sai nesta segunda, em edição extra do Diário Oficial. Quando esteve à frente do Ministério da Justiça, o pastor presbiteriano mandou a Polícia Federal investigar críticos do presidente com base na Lei de Segurança Nacional. (ALESSI, Gil. André Mendonça, o nome “terrivelmente evangélico” para o STF de Bolsonaro. *El País*. São Paulo. 12 de julho de 2021. <https://abre.ai/c2pd> Acessado em 18 de julho de 2021)

Isto posto, é plausível concordarmos que o fundamentalismo religioso se apresenta como mais uma das questões prejudiciais à educação na região da Baixada Fluminense. Esse fenômeno, juntamente com o coronelismo, com as milícias, com o narcotráfico e a incompetência instalada na máquina pública, em sua maioria na forma de funcionários transitórios que em grande parte não possuem a capacitação e experiência exigidas para a função que cumprirão, estabeleceu-se como mais um agente nocivo à educação e à cultura, sendo mais um dos obstáculos a serem superados pela TAJJ, instituição que sempre buscou seu caráter libertário, laico e democrático.

No momento em que este trabalho é escrito, completa-se um ano e meio desde a interrupção das atividades escolares em decorrência da pandemia da COVID – 19. Na TAJJ, as turmas constituídas em março de 2020 se desfizeram, e a não democratização da internet, somada à baixa condição sócio financeira da maioria dos alunos, impossibilitou o acesso de muitos deles aos computadores e *smartphones* necessários para conectá-los aos cursos oferecidos na retomada das aulas, de forma remota, entre os meses de abril e agosto de 2021. Nessa perspectiva, observamos as centenas de milhões de pessoas com baixa renda que perderam o acesso à educação, enquanto alguns milhares de filhos da classe média e rica estão matriculados em escolas particulares, recebendo instrução remota nos seus lares. O atual e macabro cenário já contabiliza mais de seiscentos mil mortos por COVID-19 no Brasil. Há um genocídio em curso e um genocida no comando. Vivemos um tempo de necropolítica<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo negro, historiador, teórico político e professor universitário camaronense Achille Mbembe que, em 2003, escreveu um ensaio questionando os limites da soberania quando o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer. (FERRARI, M. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. **PONTE**. 25 de setembro de 2019 <https://abre.ai/cBHx> Acessado em 23 de abril)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, S. **Relações Entre Teatro e Poder na Corte do Brasil Império: sinais em obras e episódios de vida de Gonçalves de Magalhães e Martins Pena**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro p. 14. 2019.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Dossiê – **Desigualdades e Interseccionalidades. Gênero, Raça, Classe: Opressões Cruzadas e Convergências na Reprodução das Desigualdades**. LONDRINA: Mediações. 2015.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009;

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014;

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019;

CATELAN, Fernando Bueno; ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro na escola com ou sem partido sempre será político**. Urdimento, Florianópolis, v.1, n.34, p. 236-245, mar./abr. 2019.

CUNHA, José Marcos P.; MIGLIORANZA, E. **Valinhos: um novo padrão de cidade-dormitório?** In: CUNHA, José Marcos P. (Org.). *Novas Metrópoles Paulistas: População, vulnerabilidade e segregação*. Campinas, SP: Unicamp, 2006. p. 539-560.

DEMO, Pedro. **Política Social, Educação e cidadania**. São Paulo: Papyrus, 1994.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ICLE, Gilberto. **Pedagogia teatral como cuidado de si**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Funarte, 1978;

Painel regional: Baixada Fluminense I e II / Observatório Sebrae/RJ. -- Rio de Janeiro : SEBRAE/RJ, 2016

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981. COSTA, Cristina. “Sociologia alemã: a contribuição de Max Weber”, in: *Sociologia – Introdução à ciência da sociedade*. (2a ed). São Paulo: Moderna, 2001 (pp. 70-77).

## SITES

Acervo O Globo <https://abre.ai/cBIK> Acessado em 20 de maio de 2020;

Blog livre do TAJJ <http://emtantoniojoselivre.blogspot.com/> Acesso em 07 de maio de 2020;

CANTUÁRIA, R. **Era uma vez um teatro: a cultura estacionada**. Blog do Renan Cantuária. 09 de julho de 2015. <https://abre.ai/cBIM> Acesso em 13 de maio de 2020;

Coordenadoria de Comunicação. Prefeito Farid Abrão prestigia apresentação da peça teatral “O Auto da Compadecida”. Site da Prefeitura Municipal de Nilópolis. Nilópolis. 16 de setembro de 2018 <https://bitlybr.com/98RmsaI> acessado em 19 de junho de 2020.

COSTA, Guilherme. Possível Falha Em Obra, Quase Provoca Tragédia Em Nilópolis Publicado. Nilópolis Online. Nilópolis. 09 de novembro de 2016 <<https://abre.ai/cBxM>> Acessado em 01 de abril de 2021.

CRUZ, Cíntia. *Maioria da população da Baixada é de evangélicos. Seropédica lidera o ranking*. Jornal Extra. Rio de Janeiro. Matéria atualizada em 25 de setembro de 2015. <<https://bitly.com/rfzrR>> acessada em 13 de julho de 2020

FERRARI, M. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. **PONTE**. 25 de setembro de 2019 <https://abre.ai/cBHx> Acessado em 23 de abril

MAGLAGO; MAZUI. “Bolsonaro diz que vai indicar ministro ‘terrivelmente evangélico’ para o STF”. **G1 – O GLOBO**. 10 de junho de 2019. <https://abre.ai/cBHo> acesso em 23 de abril de 2021

MELO, Tiago. *Evangélicos se recusam a apresentar projeto sobre cultura africana, no AM*. Portal G1. Amazonas. Matéria atualizada em 09 de setembro de 2012. <https://abre.ai/cBIQ> Acessado em 16 de julho de 2020;

Novo titular da Justiça é pastor evangélico e tem interlocução com ministros do STF. **G1**. <https://abre.ai/cBHO> Acessado em 23 de abril de 2021

NUNES, M.; TEÓFILO, S.; VICENTE, N. "Terrivelmente evangélico", ministro da Educação agrada alas do governo. Brasília. **Correio Brasiliense**. 10 de julho de 2020 <https://abre.ai/cBHI> Acessado em 23 de abril de 2021

PEIXOTO, G. PRADO, A. Secretário de Nilópolis nomeia parentes na prefeitura, mas contratados não são vistos no trabalho. G1. 06 de outubro de 2020. <https://abre.ai/cBJs> Acessado em 23 de abril de 2021.

**Portal Nilópolis Online**. 25 de outubro de 2018. <https://abre.ai/cBIS> Acessado em 18 de julho de 2020;

QUINTÃO, Eletícia. Capacitação e Registro de Ator, O Extra – Jornais de Bairro, 10 de dezembro de 2011, p. 10. <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=Paschoal+Meato>>

SANTOS, André. Musical ‘A Gaiola das Loucas’ é sucesso de público em Nilópolis. **Portal Nilópolis Online**. 30 de maio de 2014. <https://abre.ai/cBIU> Acesso em 08 de junho de 2020;

Teatro Municipal Tim Lopes é demolido. **A Voz dos Municípios Fluminenses**. Rio de Janeiro. Edição de 30 a 05 de setembro. Calameo.

<https://pt.calameo.com/read/002015945bf9634ed0c0d> acesso em 07 de junho de 2020;

VIVAS, F. 'Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã', diz Damares ao assumir Direitos Humanos. Brasília. **TV GLOBO**. 02 de janeiro de 2019. <https://abre.ai/cBHM> Acesso em 23 de abril de 2021.

## Anexo I - Quadro 2 - Planejamento de atividades para 2018.2

| FEVEREIRO  |  |  |
|------------|--|--|
| DIAS       | EVENTO   | DESCRIÇÃO  |
| 05         | Abertura de matrículas e renovações  | Recebimento de documentação para matrícula nas diversas oficinas abertas e renovação para o Curso Profissionalizante de Teatro.                    |
| MARÇO      |  |  |
| 06         | Início das Aulas   | Início das atividades colocando em prática as experiências adquiridas na semana de planejamento.   |
| 30         | Encerramento das matrículas para o 1º semestre e renovações para o 2º e 3º ano                       |  |
| ABRIL      |  |  |
|            | Provas internas  | Provas Internas das turmas da EMT Antônio José – O JUDEU   |
| MAIO       |  |  |
|            | Lançamento do Edital para a nona edição do Festival de Esquetes, que será mostra de Esquetes em 2017 | Abertura de Edital para inscrições dos grupos que quiserem participar da já tradicional mostra de esquetes da Escola Municipal de Teatro.          |
|            | Ciclo de Leituras Dramatizadas   | Ciclo de Leitura envolvendo os alunos do segundo e terceiro ano da escola apresentando obras de autores nacionais inclusive autores nilopolitanos. |
| JUNHO      |  |  |
|            | Início das matrículas  | Matrícula para as oficinas do Segundo Semestre – (vagas remanescentes)   |
| 29         |  | Fazer um diagnóstico de todas as ações de alunos e professores identificando problemas e trazendo as soluções.                                     |
| 29         | Recesso  |  |
| JULHO      |  |  |
| 16         | Retorno das aulas  | Início do segundo semestre   |
| 26, 27, 28 | Festival de Esquetes   | Inscrições abertas.  |

| AGOSTO   |   |  |
|----------|---|--|
| 10       | Festa Agostina  | Festa típica   |
| SETEMBRO |   |  |
| 07       | Desfile Cívico  | Desfile Cívico caracterizado   |
| OUTUBRO  |   |  |
| 19       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| 26       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| NOVEMBRO |   |  |
| 02       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| 09       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| 20       | Dia da Consciência Negra  |  |
| 16       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| 23       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| 30       | Pauta para apresentações públicas   | Avaliação dos alunos.  |
| DEZEMBRO |   |  |
|          | Conselho de Classe  | Resenha final e análise dos resultados dos alunos e dos professores. |
|          | Divulgação dos Resultados dos Alunos e Confraternização dos Funcionários e Alunos |  |
|          | Formatura e entrega de certificados   |  |

## Anexo II – Censo Escolar 2018

Censo escolar de educação básica INEP



Ministério da Educação

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Sistema disponível apenas para leitura.  
Escola fechada! Para cadastrar/editar dados, faz-se necessário retificação do Censo.  
As informações constantes neste recibo poderão sofrer alterações, devido a correções de inconsistências identificadas pela Secretaria Estadual de Educação ou pelo Inep.

**Educacenso 2018**  
**33163367 - EM DE TEATRO ANTONIO JOSE - O JUDEU**

**Recibo**

**Dados da entidade**

Código da Escola: 33163367  
Nome da Escola: EM DE TEATRO ANTONIO JOSE - O JUDEU  
Situação de Funcionamento: Em Atividade  
Dependência administrativa: Municipal  
Localização/ Zona da escola: Urbana  
Localização diferenciada da escola: Não se aplica  
UF: RJ  
Município: Nilópolis

**Informações cadastrais**

| Turmas | Disciplinas confirmadas sem docente | Alunos | Docentes | Profissionais Escolares   |   |  |                                     |                                  |
|--------|-------------------------------------|--------|----------|---|---|--|-------------------------------------|----------------------------------|
|        |                                     |        |          | Docentes titulares - coordenadores de turma (de módulo ou disciplina) - EAD | Docentes tutores - Auxiliares (de módulo ou disciplina) - EAD | Profissionais/monitoras de atividades complementar | Auxiliares/assistentes educacionais | Tradutores/Interpretes de Libras |
| 11     | 0                                   | 116    | 0        | 0   | 0   | 8  | 0                                   | 0                                |

**Informações de vínculo**

| Tipo de mediação didático-pedagógica | Escolarização | Matrizes               |  | AEE      | Dados de docência |
|--------------------------------------|---------------|------------------------|--|----------|-------------------|
|                                      |               | Atividade complementar |  |          |                   |
| Presencial                           | 0             | 116                    |  | 0        | 8                 |
| Semipresencial                       | 0             | 0                      |  | 0        | 0                 |
| EAD                                  | 0             | 0                      |  | 0        | 0                 |
| <b>Total</b>                         | <b>0</b>      | <b>116</b>             |  | <b>0</b> | <b>8</b>          |

**Alunos que utilizam transporte escolar**

| Poder Público | Alunos   |
|---------------|----------|
| Municipal     | 0        |
| Estadual      | 0        |
| <b>Total</b>  | <b>0</b> |

**Autenticação**

Nome do gestor escolar: INGRID COSTA FIGUEIREDO  
CPF do gestor escolar: 148.193.307-80  
Cargo: Diretor

**Responsável pelo Fechamento do Censo Escolar – Educacenso 2018**

Nome do informante: LUIZ ALBERTO GUARNIER SILVA  
CPF responsável: 086.721.527-51  
Data/Hora do encerramento: 18/06/2018 às 13:05  
Código do recibo: 29F600A126D5B8024BACE7394A2FD913D576B950

Enviado em 18/06/2018 às 13:05  
<http://censoescolar.inep.gov.br/censoescolar/res/relatorioFechamento/RelatorioFechamento.pdf>

## PLANTANDO A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA MUNICIPAL DE TEATRO ANTÔNIO JOSÉ – O JUDEU

Luiz Guarnier<sup>35</sup>

**RESUMO:** O artigo busca fundamentar como o Teatro do Oprimido (TO), desenvolvido e sistematizado pelo diretor e teatrólogo Augusto Boal, pode contribuir na proposta pedagógica da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU (TAJJ), instituição fundada no ano de 2011, originada dos cursos e oficinas teatrais oferecidos pelo extinto Centro Cultural de Nilópolis (1996 – 2013) e que em 2019 encontrava-se abandonada. Discorreremos sobre pesquisas e práticas pedagógicas que envolveram o TO em escolas, assim como a TAJJ, localizadas na Baixada Fluminense, território marcado pela violência, abandono do estado, refém do coronelismo político e do pensamento fundamentalista religioso. Como sugestão de estímulo do TO no âmbito da escola, apresentaremos a ferramenta pedagógica Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido e a descrição de uma proposta de curso submetida à direção da TAJJ, em que a ferramenta é utilizada como ementa para a introdução do Teatro do Oprimido aos estudantes da instituição.

**PALAVRAS-CHAVE:** escola de teatro; Nilópolis; Teatro do Oprimido; educação; jogo didático.

**RESUMEN:** El artículo busca fundamentar cómo el Teatro del Oprimido (TO), desarrollado y sistematizado por el director y dramaturgo Augusto Boal, puede contribuir a la propuesta pedagógica de la Escuela Municipal de Teatro Antônio José - O JUDEU (TAJJ), institución fundada en 2011, originario de los cursos y talleres teatrales ofrecidos por el extinto Centro Cultural de Nilópolis (1996 - 2013) y que en 2019 fue abandonado. Hablaremos de las investigaciones y prácticas pedagógicas que involucraron a la OT en las escuelas, así como al TAJJ, ubicado en la Baixada Fluminense, un territorio marcado por la violencia, el abandono del estado, rehén del coronelismo político y el pensamiento religioso fundamentalista. Como sugerencia para estimular la TO dentro de la escuela, presentaremos la herramienta pedagógica Juego del Árbol del Teatro del Oprimido y la descripción de una propuesta de curso sometida a la dirección de TAJJ, en la que se utiliza la herramienta como menú. para la presentación del Teatro del Oprimido a los estudiantes de la institución.

**PALABRAS CLAVE:** escuela de teatro; Nilopolis; Teatro de los oprimidos; educación; juego educativo.

Plantar a Árvore do Teatro do Oprimido é a metáfora que utilizaremos para estimular na TAJJ a prática de uma pedagogia teatral dialógica, que buscará nortear a equipe pedagógica

---

<sup>35</sup> Autor do artigo. Mestrando em Ensino de Artes Cênicas - UNIRIO. Instrutor de Teatro na Secretaria Municipal de Cultura desde 2006, lotado na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU (TAJJ). Licenciado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá e Especializado em Orientação Educacional e Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes. E-mail: guarniere@gmail.com

na retomada de procedimentos que foram esquecidos durante o período em que a instituição esteve sem comando e sem rumo, abandonada na Praça CEU's<sup>36</sup>. A estratégia adotada para que busquemos o diálogo da gestão, será baseada no trabalho de conscientização de um grupo de alunos, mais especificamente, a turma do curso Ação-Reflexão: O Jogo da Árvore do TO como introdução ao método.

Na atual conjuntura, autores como Augusto Boal e Paulo Freire vêm sendo frequentemente hostilizados por figuras políticas de projeção nacional, como o presidente da república Jair Bolsonaro que, infelizmente, exerce grande influência sobre os habitantes do estado do Rio de Janeiro, onde obteve ampla vitória no segundo turno das eleições de 2019<sup>37</sup>, tendo seu prestígio potencializado nas cidades periféricas como as da Baixada Fluminense (BF). Ocorre que entre esses habitantes periféricos estão os secretários municipais, os vereadores e os prefeitos, agentes interessados em se perpetuarem no poder e que não fomentam práticas pedagógicas libertárias. Curioso é que enquanto as periferias do Brasil exploram pouco as obras de Freire e Boal, periferias de outras partes do mundo pesquisam esses autores brasileiros, como constata a professora Márcia Pompeu Nogueira:

A prática de interação com comunidades através do teatro não é nova, entretanto pude constatar que ela vem acontecendo com mais frequência em outros países do chamado terceiro mundo do que no Brasil. O que é mais surpreendente é que a principal fundamentação teórica destas práticas é baseada no trabalho de dois brasileiros: Paulo Freire e Augusto Boal. (NOGUEIRA, 2003, p. 19)

Paulo Freire, patrono de nossa Educação, é referência incontestada nas formações universitárias dos professores brasileiros, porém o mesmo não ocorre com Augusto Boal, que continua sendo negligenciado em boa parte das universidades ainda bastante eurocêntricas. Felizmente o debate acerca da necessidade do Teatro do Oprimido na formação do docente de Artes Cênicas vem ganhando repercussão a cada ano, fazendo com que cada vez mais o TO adentre ao espaço acadêmico.

As atividades teórico-metodológicas baseadas nas obras de Freire e Boal mencionados por Nogueira (2003, p. 19) demonstram importância da direta participação da comunidade “em todo o processo teatral, incluindo a criação do texto e representação que são baseadas em

---

<sup>36</sup> Equipamentos públicos estatais localizados em áreas de vulnerabilidade social de cidades brasileiras. (Ministério da Cultura – Praça Ceus. Grupo Orzil. Grupo Orzil - acessado em 19 de junho de 2020)

<sup>37</sup> Candidato do PSL derrotou os adversários em todas as 92 cidades. No Rio, Ciro terminou em 2º e Haddad, em 3º. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/07/bolsonaro-vence-em-todos-os-municipios-do-rj-e-em-todas-as-zonas-eleitorais-da-capital.ghtml>

problemas apontados pelos participantes”. Através da introdução do TO na TAJJ, será estimulado que os educandos tragam questões relativas à comunidade escolar para serem debatidas. Esse processo pretende promover que, por meio da avaliação dos problemas, possa-se chegar, coletivamente, às possíveis soluções, visto que:

A dramatização é proposta enquanto um processo de aprendizagem acessível a qualquer grupo. Permite uma combinação de análise e dramatização que pode ajudar a tornar certas discussões mais concretas. Improvisando, criando imagens, assumindo papéis permite um olhar diferente sobre a realidade. Enquanto se faz e refaz uma dramatização, os participantes podem focar em detalhes, prestar atenção em diferentes lados das relações. A dramatização também pode ajudar a identificar as causas subjacentes dos problemas, e as razões deles permanecem sem solução. Permite também que diferentes estratégias de solução sejam tentadas. A apresentação dos problemas num palco ajuda a deixá-los mais concretos, o que pode ajudar na organização da comunidade para solucioná-lo. (NOGUEIRA, 2003, p. 21 e 22)

O processo descrito na citação demonstra a marcante influência das técnicas de Augusto Boal, sobretudo da técnica de Teatro Fórum, que possibilita a encenação dos problemas para que, através da observação e do debate teatral, da reflexão e da ação, alternativas de solução possam ser formuladas e apresentadas. Este é um dos motivos pelos quais acreditamos que a prática do TO na TAJJ poderá contribuir para o reestabelecimento da instituição.

Embora o trabalho de Nogueira (2003) descreva o uso e os resultados do método dialógico de teatro para o desenvolvimento, com fortes influências de Freire e Boal, em periferias do exterior e do Brasil, sabemos que apesar desses territórios apresentarem problemas semelhantes aos da BF, também possuem particularidades inerentes à sua região, por isso, daremos ênfase aos exemplos de experiências do uso do TO em espaços escolares localizados na Baixada Fluminense.

A busca de referências por trabalhos desenvolvidos em escolas da BF, ou em territórios semelhantes, envolvendo o Teatro do Oprimido aplicado à educação, apresentou-nos a pesquisa da professora Daniela Abreu<sup>38</sup>, em dissertação defendida no ano de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas - PPGEAC, intitulada “O Despertar dos Corpos e o Distanciamento no Olhar - Fissuras e empoderamento na Escola Pública da Baixada”.

---

<sup>38</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística, mestrado em Ensino de Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2001). Atualmente é professora docente I - Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro - Santo Cristo e professora docente 1 na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Artística (Artes Cênicas). (<https://www.escavador.com/sobre/492289736/daniela-araujo-de-abreu> acessado em 21 de abril de 2021).

Na apresentação de seu trabalho, a educadora revela uma passagem pelo Centro Cultural de Nilópolis, como professora de teatro para um grupo de interesse no ano de 1996. Apesar de curta, a experiência foi determinante para entender a importância do teatro de Boal para seus alunos e suas realidades. A autora diz que “As experiências com os jovens em Nilópolis trouxeram a percepção do quanto essencial são os métodos e linguagens do Teatro do Oprimido e do teatro dialético de Brecht.” (ABREU, 2020, p. 15), e que essa percepção foi fundamental para seu rompimento com as linguagens do teatro burguês e a opção por um teatro dialético, que desde então a acompanha em seus mais de vinte anos no magistério.

“Escola pública na periferia ou para a periferia?” A reflexão proposta por Abreu (2020, p. 31) joga luz sobre outras questões que atravessam as escolas da Baixada, como: a escola pública da periferia aborda em seu planejamento pedagógico a realidade do território em que está inserida? E o que a escola da periferia faz, ou deve fazer, para conscientizar sua comunidade escolar da necessidade de buscar instrumentos que a ajude a enxergar sua condição histórica e geograficamente desfavorecida na sociedade?

A educação que interessa aos filhos da periferia deve ser aquela que leve os questionamentos sobre a desigualdade da sociedade capitalista e que contribua para a superação das classes sociais. A escola enquanto aparelho ideológico do Estado sofre fissuras e disputas, se esta pode apresentar um modelo de educação tradicional, opressora e reprodutora do pensamento dominante, também será nesse espaço, de efervescência de debates e de profissionais diversos, que o potencial transformador se revela. São muitos educadores ao longo dos anos que pensaram em pedagogias progressistas e libertadoras. (ABREU, 2020, p. 32).

A professora Daniela Abreu é uma das educadoras que “pensaram em pedagogias progressistas e libertadoras”, através do uso do Teatro do Oprimido, pedagogia que “está baseada na escolha de um instrumento de transformação das relações de opressão” (ABREU, 2020, p. 64), ou seja:

Seu método é uma ruptura com o que chama de sistema trágico coercitivo Aristotélico, o qual apresenta a tragédia grega como uma possibilidade de dominação das massas. Um teatro para poucos, o qual cabia ao povo apenas contemplar. Boal possibilita um teatro que seja o retorno do protagonismo do povo, não apenas quebra a quarta parede como Brecht, mas a estoura e visa devolver o teatro que ocupe a rua, em que todos participarão como público e atores, dentro do mesmo espetáculo, como um ditirambo que debate as questões sociais. (ABREU, 2020, p. 64)

Estimular o protagonismo do oprimido é lutar pelos espaços ocupados hegemonicamente pela classe dominante que, segundo Boal (2009, p. 15), “(...) aliena o

indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível. Reduz indivíduos, potencialmente criadores, à condição de espectadores.” O autor segue descrevendo o que chama de “castração estética” promovida pelas classes dominantes, que “vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las!”. Partindo desse pressuposto, a escola periférica não pode funcionar como uma extensão dos interesses da classe dominante, e sim como um local de fissura (HOLLOWAY, 2010) desses interesses. Para a professora Daniela Abreu: “Tal escolha é a compreensão que, se existe um teatro para a classe trabalhadora, as aulas de teatro para os seus filhos serão aquelas que os libertem e contribuam, assim, na transformação do mundo.” (ABREU, 2020, p. 64)

### **O Teatro Fórum e a Transubstanciação da Realidade**

Em *A Estética do Oprimido*, Boal (2009, p. 119), discorre sobre o sentido etimológico da palavra “metáfora”, que significa “translação e transubstanciação, transpõe algo que existe no contexto cotidiano para um contexto diferente (...) Ou constrói, em outra substância, imagens da realidade original, como um quadro ou uma estátua.” O exercício de transubstanciar a realidade, sugere ao indivíduo observar-se na terceira pessoa, distanciando-se de sua realidade para que assim, possa repensá-la e entendê-la, possibilitando que tal observação o ajude estrategicamente no seu desejo de modificar a realidade em que está inserido.

Para Abreu (2020, p. 66), “É urgente proporcionar a esses jovens ferramentas para a compreensão de como funciona a sociedade e suas entranhas, e a localização de cada um dentro dessa realidade.” As ferramentas para aqueles jovens chegaram através da prática dos jogos e exercícios do Teatro do Oprimido, modificando o entendimento sobre o teatro e o mundo. A técnica aplicada por Daniela Abreu, capaz de transubstanciar a realidade para a cena, foi o Teatro Fórum, que para Boal (2009 p. 189) é o momento em que “(...)os oprimidos conscientes e os oprimidos conscientizáveis expõem opiniões, necessidades e desejos; ensaiam ações sociais concretas e continuadas, que é a Copa Soberana, meta maior do Teatro do Oprimido – a intervenção na realidade.”

A classe dominante quer que a classe trabalhadora se mantenha como coadjuvante social, sujeitando seus filhos à uma escola que funcione como aparelho ideológico do Estado, promotora da educação bancária, opressora e reprodutora do pensamento dominante. Uma escola que pode ser interpretada como uma reprodutora do sistema trágico-coercitivo

aristotélico que “(...) tinha por meta política acomodar suas plateias ao conformismo social, não estimular seu inconformismo, seu desejo de transformar o mundo – ao contrário do Teatro do Oprimido!” (BOAL, 2009, p. 150). Já que a proposta do TO rompe com esse sistema, proponho que o método de Augusto Boal seja apresentado aos alunos da TAJJ, como foi apresentado pela professora Daniela Abreu aos alunos do C.E Professor Alfredo Balthazar da Silveira, como uma ferramenta de libertação, protagonismo e contrária a formação de corpos dóceis<sup>39</sup>, deixando de ser meros espectadores para se tornarem atores, reivindicadores de:

Uma educação humanizadora, que encante e emancipe, que entenda que esta realidade é desigual. O direito à cidade passa pelo direito à educação, à saúde, ao transporte, ao saneamento básico, ao acesso a arte e à produção cultural. O despertar se faz urgente, educar como prática da liberdade é um contraponto possível nesse amarrado de impossibilidades construídas. É a ruptura com um cotidiano de opressão naturalizado. Nada é natural, homens e mulheres são sujeitos históricos e a sociedade é o resultado da ação de alguns poucos. Uma mudança de direção, não virá dos que detêm a hegemonia. (ABREU, 2020, p. 73)

Outra experiência com o TO em uma escola da Baixada Fluminense, ocorreu no Colégio Estadual Dom Walmor, localizado no bairro da Posse, cidade de Nova Iguaçu. Na escola em questão, a análise de Moreira (2016) revelou que a matéria prima que compunha seus desafios, era a mesma que lhe entregaria as possibilidades para transpô-los. A matéria prima era o “mau” comportamento dos seus alunos, que nos espaços escolares, corriqueiramente, é rotulado como irremediável. Segundo a autora:

A Performance apresentada por este aluno de artes cênicas do Colégio Dom Walmor, é a performance da opressão, da submissão, da violência, da baixa estima, e muitas vezes do ser estático, linear, contraído e material. Parafaseando Schechner (2003, p.27) na verdade esta Performance expressa hábitos, opressão, ritualizações e recombinações de comportamentos previamente exercidos. E Schechner assinala que comportamento restaurado é o processo chave de todo tipo de Performance. Neste caso específico, a Performance pode então ser um instrumento que permite desenvolver aspectos artísticos, ou ritualísticos, que resgate nestes alunos um conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades, despertando a sua crítica e reflexão e participação para mudanças no seu contexto sócio cultural. (MOREIRA, 2016, p. 95)

---

<sup>39</sup> Toda uma arquitetura é moldada para trazer a ideia da vigilância constante e modular ações e comportamentos, buscando o adestramento do corpo que acarreta docilidade e uma maior produtividade. Analisando o desenvolvimento dos mecanismos de poder que foram cruciais para a consolidação do capitalismo, Foucault vai mostrar a formação da sociedade disciplinar, a partir do desenvolvimento dessas instituições com o objetivo de transformar os indivíduos em corpos dóceis e úteis ao desenvolvimento do capitalismo. (CARVALHO, 2015, p. 32)

A professora buscou no Teatro do Oprimido o suporte metodológico e teatral, para transformar as ações negativas, fruto do reflexo das opressões vividas por aqueles indivíduos em suas realidades, em possibilidades para a modificação de seus contextos sociais, dentro e fora da escola. Moreira (2016, p. 95) ressalta que “O professor de artes cênicas deve atuar como um provocador, no sentido de restaurar neste aluno um comportamento a partir de si mesmo que o liberte de suas opressões.”

Em *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, Boal ratifica que:

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la” – disse Marx, com admirável simplicidade. (BOAL 2019, p. 16)

O restabelecimento da autoestima do indivíduo enquanto sujeito histórico<sup>40</sup>, torna-o capaz de intervir e transformar sua realidade e as realidades que o circundam. A professora Maria Aparecida Moreira<sup>41</sup>, através de jogos do TO, estimulou o desenvolvimento da criatividade de seus alunos a partir do debate e da problematização das opressões sofridas por eles.

Partir dos jogos do Teatro do Oprimido como preparação para a introdução de técnicas do método, é aplicar a metodologia de forma progressiva. Sarapecck (2016, p. 60) salienta que no tronco da Árvore do TO, a inscrição “Jogos e Exercícios” ocupa um lugar estrategicamente pensado por Boal durante a construção da metáfora. Nas palavras da pesquisadora “Boal pretendia organizar na Árvore todo o conteúdo do método de forma pedagógica, deixando explícito que a metodologia deve seguir uma sequência lógica”. Sarapecck ressalta que:

Os jogos não estão postos no “tronco” à deriva, mas porque Boal acreditava que um trabalho com o método deveria se iniciar pelos jogos, no intuito de começar ludicamente, porém usando-se o princípio organizador do jogo, a regra, permitindo um acordo coletivo no mergulho do participante na brincadeira. (SARAPECK, 2016, p. 60)

---

<sup>40</sup> Sujeito histórico. Sujeito que participa de processo histórico, que é modificado pelo contexto histórico que está inserido, e que contribui para a mudança e construção da história. (Dicionário Informal <https://www.dicionarioinformal.com.br/sujeito%20hist%C3%B3rico> Acessado em 19 de abril de 2021)

<sup>41</sup> Possui mestrado em Ensino de Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2017). Atualmente é professora de artes na Secretaria Estadual de Educação- RJ, e de Teatro Engajado na Escola Sesc de Ensino médio. (<https://www.escavador.com/sobre/5279639/maria-aparecida-moreira> Acessado em 21 de abril de 2021)

A perícia de Moreira na aplicação do TO, oriunda dos anos de magistério aliados às capacitações no Centro de Teatro do Oprimido, deu suporte para que a educadora proporcionasse “aos participantes a experimentação, o encorajamento para exploração, ocupação e posse deste espaço tornando-o assim expressivo.” (MOREIRA, 2016, p. 96). Desta forma, a introdução da técnica do Teatro Imagem surgiu como, parafraseando Boal (2019, p. 15), expressão da arte na busca de verdades através dos aparelhos sensoriais dos educandos: “através da imagem os participantes constroem as imagens, que podem ser moldadas e/ou modificadas pelo grupo, transformando uma imagem real, em uma imagem ideal.” (MOREIRA, 2016, p. 97). A professora fez com que aqueles alunos se descobrissem não telas em branco, pois todos carregam em si seus saberes, opressões e impressões do mundo, mas sim telas repletas de vida e de possibilidades de ressignificação das realidades a partir delas próprias.

No Teatro Imagem, dispensamos o uso da palavra – a qual, no entanto, reverenciamos! – para que possamos desenvolver outras formas perceptivas. Usamos o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores, que nos obrigam a ampliar nossa visão *sinalética* – onde significantes e significados são indissociáveis, como o sorriso da alegria no rosto, ou as lágrimas na tristeza do pranto –, e não apenas a linguagem *simbólica* das palavras dissociadas das realidades concretas e sensíveis, e que a elas apenas se referem pelo som e pelo traço. (BOAL, 2019, p. 15)

Através do Teatro Imagem, repetidamente o universo retratado nas aulas foi o da violência, expondo a relação opressor x oprimido de forma sensorial nas imagens formadas pelos indivíduos. As experiências com o TO resultaram em maior interação entre os integrantes do grupo, e entre o grupo e a professora. Observou-se maior confiança entre os estudantes, elevação da autoestima e interesse na disciplina Artes Cênicas, que se tornou território para que aqueles participantes extravasassem as energias oprimidas em seus cotidianos por meio da arte.

Continuando sua exploração do TO como agente transformador no CE Dom Walmor, Moreira (2016) aborda a importância do treinamento dos canais estéticos, para atuarem como barreiras sensoriais a fim de se evitar o que Boal (2009, p. 15), descreve como “subliminal Invasão dos Cérebros” impetrada pelas classes dominantes com o objetivo de monopolizar estes canais “(...) produzindo uma estética anestésica [conquistando] o cérebro dos cidadãos para esterilizá-lo e programá-lo na obediência, no mimetismo e na falta de criatividade ” (BOAL, 2009, p. 18).

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar

arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. (BOAL, 2009, p. 19)

Desta forma, para os oprimidos, num contexto geral, a libertação passa pela reconquista dos canais estéticos, para que não sejam latifúndios das classes dominantes. A investigação das práticas pedagógicas apresentadas demonstrou, que após a preparação dos grupos com os jogos e exercícios do TO, tanto Moreira (2016) com a aplicação do Teatro Imagem no CE Dom Walmor, quanto Abreu (2014) com o emprego do Teatro Fórum no contexto do CE Alfredo Balthazar da Silveira, desenvolveram estratégias conscientizadoras que partiram da observação de suas realidades transubstanciadas para as cenas e imagens. Esse procedimento colaborou para que ambas as educadoras oportunizassem aos seus alunos, percepções das opressões sofridas, ampliação da compreensão do mundo ao entorno.

Tais resultados corroboram com a intenção da proposta investigativa-educativa, que propõe estimular o TO como um método político-pedagógico a ser praticado na TAJJ, uma instituição pública de ensino de Teatro, localizada na Baixada Fluminense que, embora não configure uma escola da educação básica como as apresentadas por Abreu (2020) e Moreira (2016), é uma instituição de ensino complementar, que recebe os estudantes das escolas da educação básica.

Acreditamos que, com o suporte da metodologia, poderemos ampliar as possibilidades de restabelecimento da TAJJ, no intuito de que venha a ser novamente uma instituição de referência para o ensino do Teatro na Baixada Fluminense e região metropolitana.

### **Retorno das atividades e ensino remoto**

O atual momento em que a instituição atravessa, apesar da pandemia, é de reorganização pedagógica coordenada pelo ator Thiago Cardoso<sup>42</sup>, ex-aluno da TAJJ. O corpo docente tem sido de extrema importância na elaboração e adaptação de cursos para serem oferecidos no ambiente remoto. Alguns dos instrutores sentem-se inseguros por não terem o domínio das plataformas, porém mesmo os que já dominam relataram insegurança na modalidade de ensino a distância.

Durante duas semanas de inscrições abertas a escola matriculou cerca de duzentos novos alunos que se distribuíram em sete cursos de acordo com seus interesses: Viagens da Cachola:

---

<sup>42</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ator e atual diretor da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O Judeu.

oficina de contação de histórias; Caminhos de Teatralização: ressignificando adversidades, transformando-as em vivências cênicas; Dez Conselhos Para Se Montar Uma Cena; Oficina de Corpo e Relaxamento; Produção Audiovisual com Smartphone; Brincando de Teatro: oficina de teatro infantil; e, Ação-Reflexão: O Jogo da Árvore do TO como introdução ao método.

O curso Ação-Reflexão busca que o indivíduo tome conhecimento de que o Teatro do Oprimido vai além de um conjunto de técnicas teatrais, configurando-se uma ferramenta de transformação social. Sensibilizar o cursista para a importância da metodologia na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU, introduzida através da ferramenta pedagógica Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido será o objetivo do curso.

Para explicarmos a proposta do Ação-Reflexão, é necessário esclarecermos o que é o Jogo da Árvore do TO, ferramenta que compreende a ementa do curso, podendo ser definida como um convite a um passeio pela metáfora que agrega os principais elementos do método. Esse jogo didático surgiu no início de 2019 como estratégia de ensino e estudo do Teatro do Oprimido (TO), tendo como principal objetivo implementar o TO como metodologia de trabalho no grupo de teatro Movimento Intergeracional de Teatro – MIT<sup>43</sup> e nas turmas da (TAJJ). Tanto o MIT quanto a TAJJ constituem-se, em sua maioria, por pessoas que trabalham e/ou estudam durante o dia, tendo o teatro como atividade noturna, muitas vezes “terapêutica, mas não terapia” (BOAL, 2009, p. 188). É uma característica de grande parte da população periférica ter o cansaço do trabalho como companheiro e alibi para praticar alguma atividade que gere prazer, como estudar ou praticar uma linguagem artística.

Como artista e educador periférico formado nas frestas de tempo entre um emprego e outro, sei o quanto podem ser desestimulantes as aulas somente teóricas, com leituras de textos complexos após um dia de trabalho. É uma luta contra o próprio corpo. O pensamento foge, o cérebro desliga, os olhos fecham e a cabeça abaixa num determinado movimento de “sim, estou cansado!”. É preciso mesclar prática com teoria, agregar prazer à pesquisa e incitar o desejo da descoberta de forma conjunta nos indivíduos.

Os alicerces para construção desta ferramenta estão em Freire (1997), Boal (2009 e 2019), Sarapeck (2016), além de Huizinga (2010) e Kishimoto (2005) e seus estudos acerca do jogo. Consideraremos os relatos de experiência sobre o uso dos jogos de tabuleiro aplicados ao processo de ensino-aprendizagem da educação formal no âmbito do PIBID/UEPB, presentes na

---

<sup>43</sup> Fundado por mim, em 2016, em Nova Iguaçu, oferece aulas públicas de teatro para pessoas de todas as idades.

Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, bem como os feedbacks de professores, companheiros e alunos que já participaram do Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido.

### O Surgimento do Jogo da Árvore

No ano de 2018, participei como aluno especial da disciplina *Encenação da Pecinha na Escola: Truques, Técnicas e Receitas Mágicas*, ministrada pela professora Elza de Andrade<sup>44</sup> para os programas de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Suas aulas foram uma fonte renovadora de ideias. Delas retirei textos e jogos que foram repassados ao Grupo de Estudos do MIT - GEMIT<sup>45</sup>, em especial os do arsenal do Teatro do Oprimido que a professora adaptava e compartilhava conosco. Nesse período, conheci Helen Sarapeck<sup>46</sup>, colega de turma convidada pela professora para ministrar uma aula teórico-prática sobre a metodologia e sua vivência com Boal, o que me trouxe um novo olhar para o Teatro do Oprimido através da práxis de quem fez parte da sistematização do método. No semestre seguinte, por intermédio da professora Angela Reis<sup>47</sup>, Helen ministrou a disciplina *Praticando o Teatro do Oprimido: um método político-pedagógico*, através do departamento de Licenciatura na Escola de Teatro da UNIRIO.

Eu imaginava como construiria a ponte entre o TO, a TAJJ e o MIT quando Helen Sarapeck apresentou a Árvore do Teatro do Oprimido como a metáfora do método. Conhecer o símbolo me fez entender o TO de forma mais ampla. Compreendi a metáfora como um mapa capaz de me conduzir na pesquisa gradativa sobre a metodologia, além de me auxiliar no objetivo de implementar o TO no MIT e nas minhas turmas na TAJJ.

---

<sup>44</sup> Coordenadora do THE do Departamento de Interpretação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Elza de Andrade é licenciada em Pedagogia pela PUC/Rio de Janeiro (1976), Bacharel (1992), Mestre (1996) e Doutora (2005) em Teatro pela UNIRIO.

<sup>45</sup> Grupo de Estudos do Movimento Intergeracional de Teatro, composto por integrantes que mediavam encontros abertos ao público e ministravam jogos e exercícios.

<sup>46</sup> Doutoranda em Artes Cênicas pela UNIRIO e mestra no Ensino das Artes Cênicas também pela UNIRIO, possui licenciatura em Ciências Biológicas com pós-graduação em Teatro na Educação pela UERJ e qualificação como atriz pela Escola de Teatro Martins Pena. Educadora/Curinga da equipe do Centro de Teatro do Oprimido - CTO entre 1990 a 2015, e coordenadora Geral de 2009 a 2013. Integrante do GESTO - Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, que atua desde 2010 na inclusão do Teatro do Oprimido na academia, produzindo livros na área e organizando as JITOUs - Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade.

<sup>47</sup> Bacharel em Artes Cênicas, com habilitação em Interpretação, possui Mestrado em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO) (1999) e Doutorado em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO) (2004). Em 2004 foi aprovada em concurso para a cadeira de História do Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, passando a atuar na graduação e na Pós-graduação da mesma. ([Angela de Castro Reis | Escavador](#) Acessado em 21 de abril de 2021)

## A Árvore do Teatro do Oprimido

Para reunir todo o método do Teatro do Oprimido (TO) numa metáfora que o representasse por completo, Augusto Boal juntamente com os Curingas<sup>48</sup> do Centro do Teatro do Oprimido<sup>49</sup> (CTO) iniciaram uma pesquisa conjunta para chegar ao símbolo ideal que pudesse reunir em si tudo que compõe a metodologia. Desta forma chegaram à figura da árvore, um ser vivo representando um método que cresce continuamente através de seus praticantes.

A prática no exterior, e em especial no Brasil, fruto do trabalho árduo do Centro de Teatro do Oprimido, trouxe uma somatória infindável de experiências e novas descobertas que exigiram do criador a sistematização do método em um símbolo que o representasse, incluindo todos seus meandros, desde a base filosófica até a multiplicação criativa. Uma representação que fosse capaz de agregar suas complexidades e particularidades. (SARAPECK, 2016, p. 50)

---

<sup>48</sup> “o Curinga é um mestre na tradição do Teatro do Oprimido, pois este aprendeu com um Curinga mais experiente, através da vivência cotidiana, dos elementos filosóficos, éticos e políticos do método. Portanto, não basta fazer uma formação de multiplicador ou aplicar bem os jogos para ser considerado um Curinga, mas as habilidades pessoais adquiridas coletivamente e presencialmente, através do tempo de sua prática se tornam o caminho para seu desenvolvimento. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 15)

<sup>49</sup> O Centro de Teatro do Oprimido surgiu em 1986 como um centro e pesquisa de difusão da metodologia específica do Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, ambos de caráter permanente, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais. Nos laboratórios e seminários são elaborados e produzidos projetos socioculturais, produtos artísticos, tendo como alicerce a Estética do Oprimido.

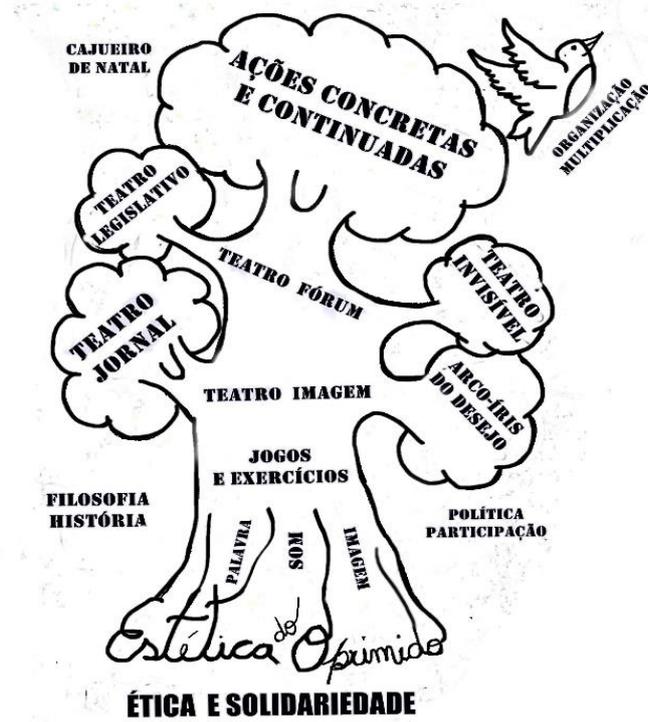


Figura 1- Desenho da Árvore feito por mim

Plantada num solo fértil em Ética e Solidariedade e enraizada na Estética do Oprimido, “teoria que permeia toda a metodologia do Teatro do Oprimido. Dividida em três vertentes – Som, Imagem e Palavra” (SARAPECK, 2016, p. 49), a Árvore do TO alimenta, através dos canais da palavra, da imagem e do som<sup>50</sup>, o seu tronco onde estão os Jogos e Exercícios, o Teatro Imagem<sup>51</sup> e o Teatro Fórum, técnica do TO mais utilizada no mundo em que “os oprimidos conscientes e os oprimidos conscientizáveis expõem opiniões, necessidades e desejos” (BOAL, 2009, p. 189). O tronco sustenta as copas laterais onde estão localizadas as técnicas de Teatro Jornal<sup>52</sup>, Teatro Invisível<sup>53</sup>, Arco-Íris do Desejo<sup>54</sup> e o Teatro Legislativo<sup>55</sup>,

<sup>50</sup> Canais estéticos, por onde, segundo Boal (2009, p.15), penetram as mensagens das classes dominantes.

<sup>51</sup> “Teatro-Imagem (TIIm), que compreende uma série de jogos e técnicas em que prevalece a linguagem não verbal, em que o diálogo pode ser feito através da linguagem puramente corporal. (SARAPECK, 2016, p. 48).

<sup>52</sup> Considerado a primeira descoberta do Teatro do Oprimido, na verdade, é um conjunto de onze técnicas que procura expor as notícias de jornal de modo a desvendar a verdade, muitas vezes escondida por trás de manchetes tendenciosas e manipuladoras. As técnicas também podem ser aplicadas a notícias de revistas, rádio, TV ou internet.” (idem, ibidem)

<sup>53</sup> Em sua estadia na Argentina, também sobre pressão militar, foi impedido de elaborar seus projetos teatrais oficialmente e desenvolveu o Teatro Invisível (TI), uma encenação que é feita no local onde realmente poderia acontecer, de forma que não se perceba que se trata de uma representação. (idem, ibidem)

<sup>54</sup> Com a crescente e acirrada ditadura na América Latina, se viu obrigado a migrar para a Europa. Foi na França que desenvolveu o Arco-Íris do Desejo, um conjunto de técnicas terapêuticas que colaboram para a compreensão de opressões internalizadas. (idem, p. 49).

<sup>55</sup> “o Teatro Legislativo (TL), que pretendia ir além da apresentação teatral e usava os espetáculos dos grupos populares da época para gerar leis que beneficiassem a população. O Teatro Legislativo transformou o cidadão em legislador” (SARAPECK, 2016, p. 49).

que pode ser considerado um desdobramento do Teatro Fórum. Essas técnicas e fundamentos contribuem para que haja Ações Concretas e Continuadas, copa maior da árvore e meta do TO. Os responsáveis pela difusão do Teatro do Oprimido são os seus praticantes, multiplicadores criativos<sup>56</sup> e curingas, que na árvore estão representados pelo pássaro que, metaforicamente, ao comer os frutos da Árvore, voa e espalha as sementes em outros solos. Assim o método se desenvolve.

A metáfora representa a unidade de toda a metodologia numa ordem que obedece a pré-requisitos técnicos e não cronológicos, deixando evidente a interdependência entre os fundamentos e técnicas. Pode-se dizer que Boal iniciou o desenvolvimento do Teatro do Oprimido a partir do recrudescimento da ditadura militar<sup>57</sup> com o Ato Institucional nº5 (AI-5), quando fazia parte do Teatro de Arena de São Paulo<sup>58</sup>. Nesse período Boal foi preso, torturado e se exilou na Argentina e no Peru, porém com o avanço dos regimes militares na América do Sul, o teatrólogo brasileiro foi forçado a ir para a Europa, primeiramente em Portugal e posteriormente na França, onde se estabeleceu.

Boal retornou ao Brasil em 1986 e fundou o CTO no mesmo ano. Em 1992 candidatou-se e foi eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Foi nomeado “Embaixador do Teatro” pela UNESCO<sup>59</sup> em 2009 e faleceu em maio do mesmo ano após o agravamento de uma leucemia. Mesmo depois de sua morte o Teatro do Oprimido continua se reinventando, pois o teatrólogo desenvolveu um método que cresce e se renova constantemente através da multiplicação criativa de seus praticantes e multiplicadores.

Sobre reunir o TO na figura da Árvore, Bárbara Santos explica que:

Havia um método que não era visto como um todo, mas, sim, como um nome geral para um conjunto de técnicas. Augusto Boal insistia na interdependência entre as técnicas como elementos de um mesmo método e buscava uma forma de representar essa relação. Creio que este foi e é um dos méritos mais importantes da Árvore do Teatro do Oprimido, representar um todo composto

---

<sup>56</sup> Segundo Helen Sarapeck, **Praticante** é a denominação geral para todos aqueles e aquelas que estão envolvidos com a prática do TO de alguma forma e **Multiplicador Criativo** é a denominação para aqueles que usam e assumem a responsabilidade de partilhar a metodologia, já que o TO não é um método para consumo pessoal. A multiplicação deve ser criativa. Ou seja, é preciso multiplicar mantendo os princípios da metodologia, mas tendo espaço para adaptações a novas demandas que surgem com a realidade e as mudanças que ela traz.

<sup>57</sup> Ditadura militar brasileira foi o regime instaurado em 1 de abril de 1964, com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares, caráter autoritário e nacionalista.

<sup>58</sup> O Teatro de Arena foi um dos mais importantes grupos teatrais brasileiros das décadas de 50 e 60. Inicia-se em 1953 tendo promovido uma renovação e nacionalização do teatro brasileiro, sua existência termina em 1972. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_de\\_Arena\\_\(S%C3%A3o\\_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_Arena_(S%C3%A3o_Paulo)) Acessado em 18 de fevereiro de 2021.

<sup>59</sup> Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

por partes inter-relacionadas que têm os mesmos princípios e visam ao mesmo fim. (SANTOS *apud* SARAPECK, 2016, p. 50).

O poder de síntese da metáfora permitiu uma visualização geral do método sem esconder sua dimensão e complexidade compactando décadas do trabalho de Boal numa imagem intuitiva. Entende-se a magnitude do método sem intimidação, pelo contrário, a imagem é convidativa. Eu queria que meus alunos e companheiros de grupo tivessem a mesma impressão e iniciei uma investigação sobre como conseguiria isso. Minhas inquietações resultaram na ideia de desenvolver um jogo didático.

Nessa perspectiva a utilização de jogos didáticos, é uma estratégia importante para auxiliar no processo ensino-aprendizagem, é ainda um instrumento fundamental ao professor na abordagem de conceitos de difícil compreensão. Esses conceitos quando apresentados por intermédio de um jogo didático, torna o conteúdo mais atrativo e divertido, despertando a curiosidade e a motivação do estudante, torna a aula mais interativa favorecendo o desenvolvimento de um aprendizado significativo. Outra característica do jogo didático é a coletividade, aspecto importante para o desenvolvimento das habilidades do estudante, pois, simula a vida em grupo. (Revista Brasileira de Ensino, Ciência e Tecnologia. v. 13, n. 1. 2020, p. 314)

A ideia do jogo didático era estratégica, já que antes de apresentar o Teatro do Oprimido aos meus alunos e companheiros, eu precisava entender muito mais sobre o método. Um jogo aparentava ser uma forma de aprender trocando saberes, recebendo *feedbacks* e compartilhando conhecimento, como na Ação-Reflexão de Paulo Freire:

Ação-Reflexão é expressão recorrente na obra de Freire. Ela designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente. (KRONBAUER, Dicionário Paulo Freire, 2015, p. 478).

O verbete “Ação-Reflexão”, muito presente na obra e na práxis de Paulo Freire, funcionaria como metodologia de aplicação do Jogo da Árvore por aludir o modo como os jogadores deveriam participar da atividade: agindo e refletindo, praticando e entendendo, “numa tentativa de evitar a separação entre as mãos e o cérebro, o fazer e o saber, a linguagem e o mundo” (KROMBAUER, 2015, p. 43).

A Ação-Reflexão do Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido, deveria estimular a pesquisa e trilhar caminhos para descobertas sobre o TO, bem como sua prática em concomitância com o seu aprendizado: Aprender fazendo, fazer aprendendo. Propondo ação e

reflexão em simultaneidade. Para isso a ferramenta pedagógica conduziria o jogador através do método desenvolvido por Augusto Boal de forma envolvente.

O objetivo no ensino e pesquisa mútuos colaboraria na horizontalidade, visto que a participação no jogo necessitaria da bagagem cultural dos jogadores, suas leituras e interpretações do mundo requisitadas no momento da conversão do Pensamento Simbólico para o Pensamento Sensível<sup>60</sup>. O mediador conduziria a orientação sem cerceamento, para estimular a troca espontânea de saberes e experiências, sem imposição de regras limitantes às ações dos jogadores, encorajando o erro como construção do caminho no processo de aprendizagem.

Naquele contexto, os jogadores seriam os componentes do GE-MIT, pois a escola de teatro estava passando por profundas dificuldades que impediram a formação de turmas regulares durante o segundo semestre do ano de 2018 e de todo o ano de 2019. De muitas maneiras, contar com companheiros de grupo ajudaria no desenvolvimento do jogo, pois o grupo já bebia na fonte do Teatro do Oprimido e experimentava jogos do arsenal nos encontros abertos ao público.

Huizinga (2001, p. 03) ressalta que “O jogo é fato mais antigo que a cultura (...)”, sendo assim um fenômeno anterior ao homem, dando-nos a entender que a humanidade assimilou a atividade lúdica a partir da observação do jogo animal, que já dispunha do ritual do convite, das regras e, evidentemente do prazer. Kishimoto (2005, p. 13) diz que: “Tentar definir jogo não é tarefa fácil. Quando se diz a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente.”, pois pode ser associado a jogos esportivos, infantis, de adultos, políticos, de adivinhação e etc. No entanto, ambos os autores ratificam que o jogo é inerente ao ser humano e à vida.

Etimologicamente a palavra jogo vem do latim ludus, que segundo Torrinha (1945, p. 488), significa “divertimento; passatempo; sueto; folga; (...) jogos públicos; representações teatrais; teatro (edifício)”, e também “2. Escola; aula”. No entanto o processo de ensino-aprendizagem nas escolas, por vezes, é encharcado de planejamentos e sistematizações que beiram a robotização, adestramento. Os conjuntos de procedimentos metodológicos são adotados como estratégia de transferência e cobrança da assimilação de conteúdo, a exemplo do que Freire (1970, p. 61) denominou como educação bancária. Privilegia-se o quantitativo, o acúmulo de informações, em detrimento do qualitativo. O acertar em detrimento do apreender. Porém, se o jogo é inerente ao ser humano, e uma escola compreende seres humanos, onde está

---

<sup>60</sup> Segundo Conceição (2012, p. 3) “(...) o Pensamento Sensível, responsável pelas emoções e sentimentos; e o Pensamento Simbólico, responsável pela comunicação racional, simbolizada pelas palavras;”

o ludus da escola? “Se em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não séria, depois do romantismo, a partir do século XVIII o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança” (KISHIMOTO, 2005, p. 108).

A escola é lugar de brincadeira e brincar na sala de aula é coisa séria. Portanto, os jogos didáticos são alternativas que agregam prazer e divertimento às atividades, podendo contribuir para transformar informação em experiência, que segundo Larossa (2010, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”

Entre os tipos de jogos aplicados no processo de ensino-aprendizagem, o jogo de tabuleiro surgiu como um dos mais utilizados na estratégia de ensino em muitas disciplinas da Educação Básica, sendo inclusive instituído como programa educacional na secretaria de educação da cidade de São Paulo através da portaria nº 7.240 do dia 21 de outubro de 2016. O documento considera, em um dos argumentos, “que o incentivo ao ensino e a prática dos Jogos de Tabuleiro, representam um caminho de ricas experiências de aprendizagens para o estudante.” E o primeiro artigo da portaria diz:

Art. 1º - Fica instituído o Programa "Jogos de Tabuleiro" nas unidades educacionais que mantêm a Educação Infantil (a partir de quatro anos de idade), o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Ensino. (Portaria SME nº 7.240,SP. <https://tinyurl.com/3vsvy6tyk> . Acessado em 04 de abril de 2021)

## **Jogo da Árvore do TO**

### **TABULEIRO**

Esteticamente o formato do tabuleiro parecia se encaixar com a figura da Árvore e isso facilitou o processo de composição dos demais elementos. O percurso deveria ser um passeio por toda a extensão da metáfora, oportunizando a observação de todas os elementos ali contidas. As figuras dois e três demonstram o processo de composição do tabuleiro, com a Árvore ao centro e o percurso traçado em volta da mesma. A figura quatro já traz o tabuleiro físico em sua última versão.

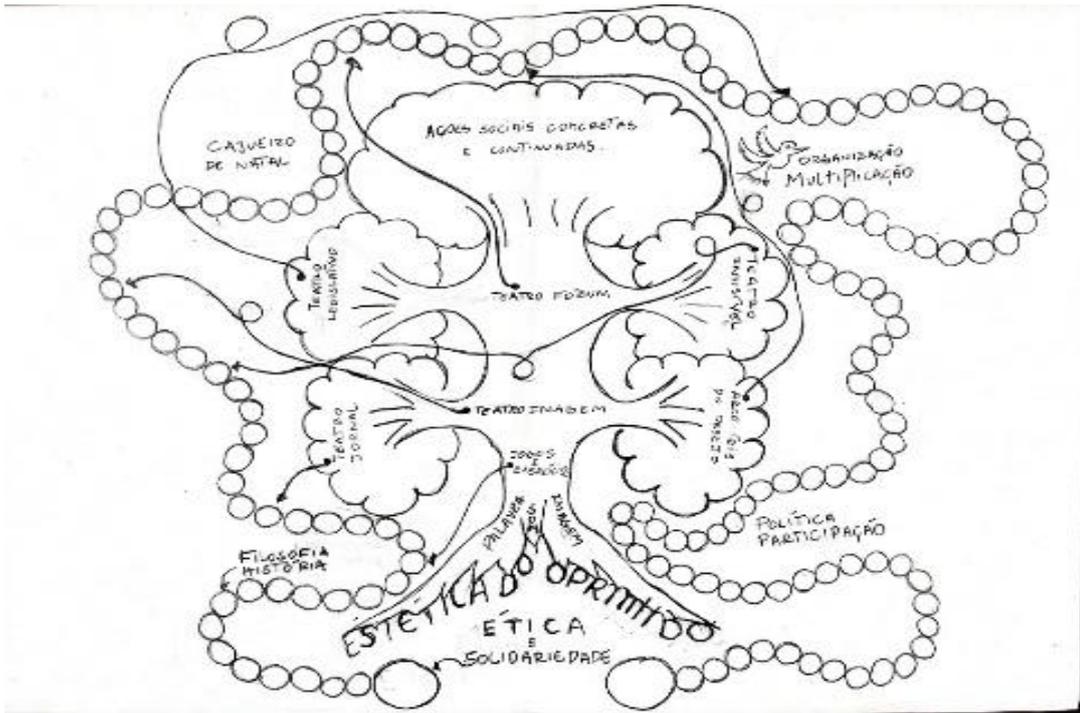


Figura 2 – Primeiro esboço do tabuleiro

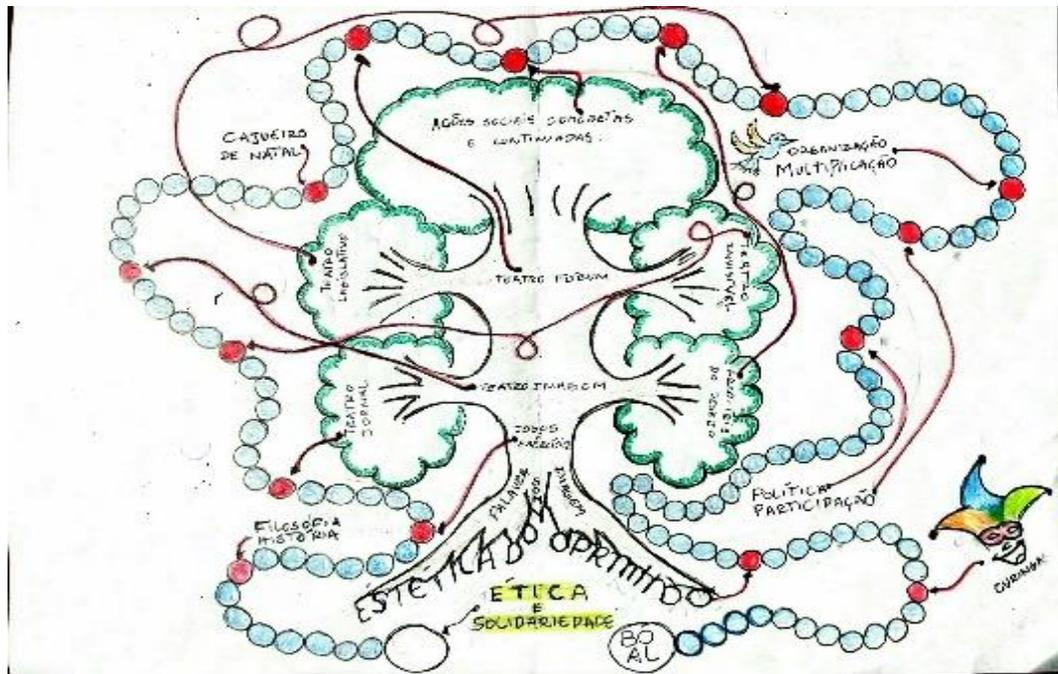


Figura 3 - Segundo esboço do tabuleiro

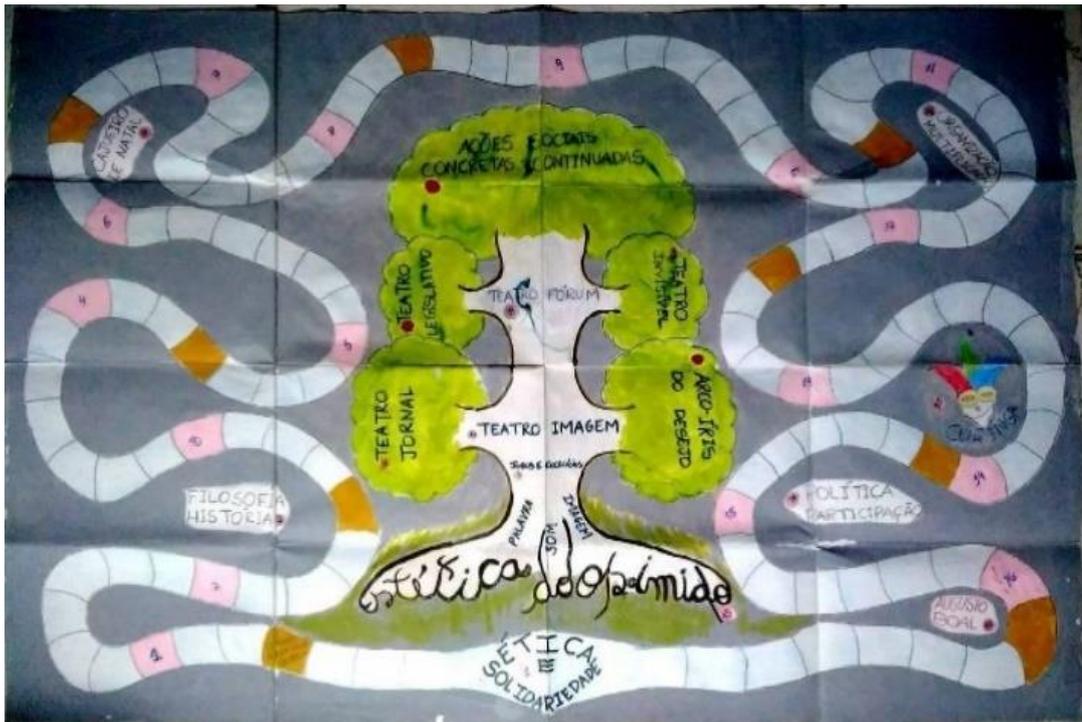


Figura 4 - Tabuleiro pronto

## CARTAS

O monte de cartas deveria conter palavras que configurassem opressões ou situações opressivas. Esse elemento, mais adiante, seria estabelecido como a representação do Pensamento Simbólico no jogo.



Figura 5 – cartas

## PEÕES

A maioria dos jogos de tabuleiro tem os peões, que são as peças que demarcam a posição em que os jogadores ocupam durante o percurso. No Jogo da Árvore, como forma de aludir uma das funções dos multiplicadores, o pássaro foi escolhido para representar esse elemento, ou seja, metaforicamente esse pássaro voaria em torno da árvore apresentando aos jogadores todos os fundamentos nela contidos, à medida que fossem avançando no percurso.

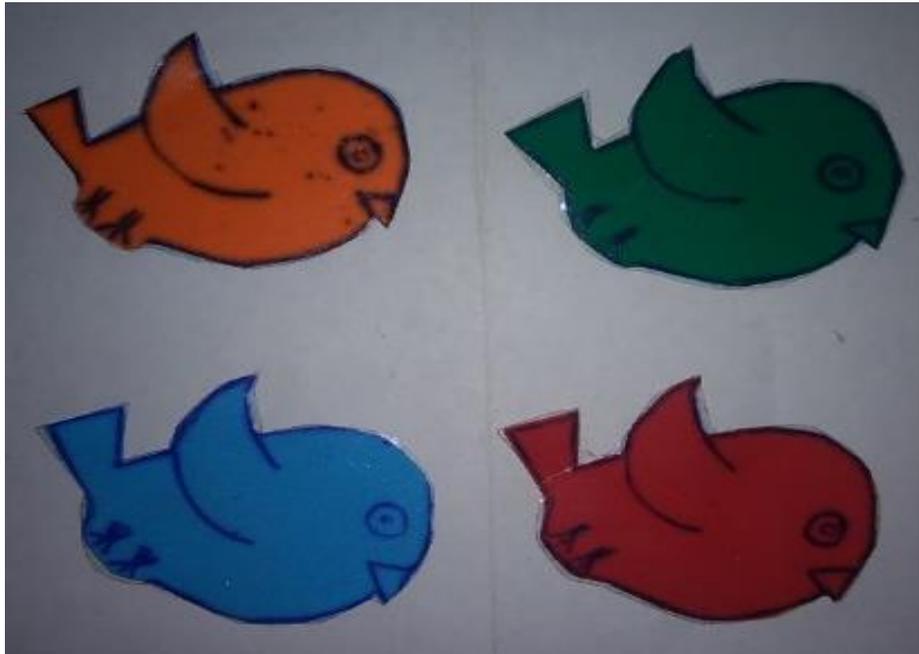


Figura 6- Pássaros, ou peões.

## CARTÕES EXPLICATIVOS

Os cartões explicativos foram desenvolvidos como forma de esclarecer os significados de cada uma das informações presentes na Árvore do Teatro do Oprimido. Neles estão citações de obras de Boal e de outros pesquisadores do TO. Ao chegar, ou passar pelas casas marcadas, os jogadores ganhariam o direito de ler o cartão referente à casa em questão.

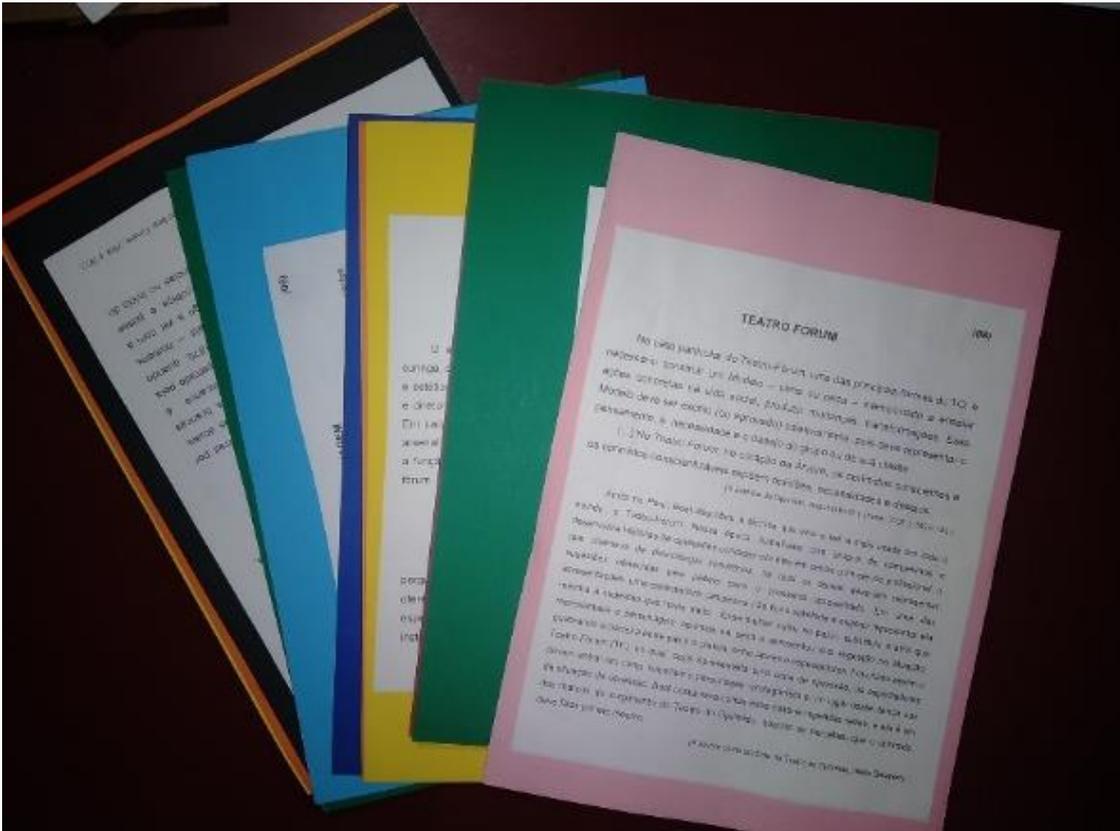


Figura 7- Cartões Explicativos

Com todos os elementos prontos, apresentei a proposta ao GE-MIT que concordou em participar da experiência. A forma de jogar era simples e consistia em:

- 1- Dividir o grupo em equipes e cada equipe escolheria seu pássaro;
- 2- Cada equipe escolheria um jogador e entrariam em acordo sobre qual delas iniciaria o jogo;
- 3- O jogador escolhido tiraria uma carta do monte e tentaria interpretar a palavra da carta através de som e imagem;

- 4- A equipe tentaria descobrir qual palavra estava sendo representada por seu jogador e se descobrisse, andaria no tabuleiro;
- 5- A equipe que chegasse antes nas casas marcadas teria o direito de ler um cartão explicativo sobre uma informação gravada na Árvore do TO.

O objetivo era que todos jogassem e apreendessem juntos sem competição.

O primeiro encontro para o jogo foi marcado por incertezas e euforia, minha e do grupo. Nas palavras de Patrícia Acosta<sup>61</sup>, a atriz revela que teve bastante expectativa sobre a atividade:

Nos dividimos em grupos, escolhemos as cores dos passarinhos que representaria cada grupo e prosseguimos. Cada jogada vinha com um desafio, e mesmo quando não se está com a vez, a gente aprende e tem a oportunidade de pensar sobre aquele tema, sobre o que pode ser.

A atriz faz uma reflexão relativa ao cotidiano de oprimidos e opressores na sociedade e sobre apreender conceitos do Teatro do Oprimido através da ferramenta:

Recordando de como eram as tentativas de representar oprimido ou opressor, acho que muitas vezes no cotidiano temos dificuldades de nos posicionarmos sobre certas questões. Como se o oprimido não compreendesse de todo o seu opressor, nas suas mais diversas armadilhas. E como se o oprimido muitas vezes se sentisse incompreendido, com dificuldades de fazer com que seus direitos sejam assegurados. O jogo de "adivinhação", de leitura do outro, dos sinais do outro são uma representação do cotidiano em que muitas situações se tornam invisíveis, seja por cansaço, por não conhecer recursos, por deixar que outros decidam por nós. Esse jogo leva a muitas reflexões e aprendizado e traz muitos conceitos do teatro do oprimido. Jogar várias vezes me parece um treino, aulas de interpretação do mundo em que vivemos. (Patrícia Acosta, relato recebido em 09 de fevereiro de 2021).

Posteriormente, apresentei a proposta dentro de uma segunda disciplina oferecida por Helen Sarapeck no Departamento de Licenciatura chamada *Teatro do Oprimido: um aliado na educação*. Após a prática do jogo, foi possível coletar as opiniões dos artistas e futuros professores.

---

<sup>61</sup> Patrícia Acosta é uma atriz e artesã iguaçuana, formada em Marketing. Atua na CIA Uz Outruz e na Trupe Investigativa Arroto Cênico.

Em 2020, o Jogo da Árvore foi apresentado à direção da TAJJ como plano de curso para a turma que eu seria instrutor de teatro. Ali o tabuleiro seria jogado e cada informação da Árvore do TO seria investigada. A proposta era aprofundar os estudos do método a partir do jogo e a ementa foi implementada em caráter experimental.

Ao final de quatro encontros os alunos já dominavam o modo de jogar. Debateu-se sobre as casas Ética e Solidariedade e Filosofia e História, sobre como esses conceitos se apresentavam para a turma na vida em sociedade e seus significados no Teatro do Oprimido. O objetivo primário do Jogo da Árvore é difundir o Teatro do Oprimido, plantar uma semente, uma lembrança, gerar interesse sobre o método. Com pouco tempo de prática na TAJJ, o relato do aluno Gabriel Lyra<sup>62</sup> demonstra que mesmo após um ano de sua participação no jogo, a lembrança da experiência e de nomes de técnicas do TO persistem:

Ano passado iniciei meu curso de teatro com o professor Guarnier e em uma das propostas de aula o professor trouxe um jogo de tabuleiro que representava a árvore do Teatro do Oprimido, no primeiro contato foi bem legal, pois veio a proposta da interpretação de uma palavra através da expressão corporal ou som e a cada acerto que ocorria no jogo, nós íamos andando pelas casas e lendo os "cards" respectivos de cada casa, adquirimos o conhecimento de alguma galha da árvore que representava o Teatro do Oprimido, como o Teatro Fórum e o Teatro Jornal. (Gabriel Lyra, aluno da TAJJ. Relato recebido em 19 de fevereiro de 2021).

Com o recrudescimento da pandemia e a total impossibilidade de aulas no espaço escolar, restava aguardar as orientações de possíveis retomadas das atividades presenciais. Como a prioridade era, e é a preservação da vida, não havia espaço para pensar no trabalho na escola e, conseqüentemente, tudo foi para a gaveta.

### **Adaptação para o modo virtual e aperfeiçoamento da ferramenta**

A classe artística e as demais profissões que são ativadas por ela foram bastante prejudicadas pela pandemia, sobretudo num país cujo governo considera a “arte” algo supérfluo. Com o tempo vários segmentos profissionais começaram a se adaptar àquela nova realidade, e tornaram a internet o principal meio de trabalho e contato com o público geral,

---

<sup>62</sup> Gabriel Lyra é formado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e pós-graduando em Segurança da Informação.

fazendo surgir uma onda de *lives* transmitidas através das redes sociais. Grandes produções e transmissões independentes passaram a movimentar a rede funcionando como válvula de escape e fonte de renda. Sobre a adaptação, Boaventura Souza Santos em *a Cruel Pedagogia do Vírus* diz que:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. (SANTOS, 2020, p. 29)

A partir desse movimento também surgiram cursos, aulas e/ou palestras sobre muitos temas. Helen Sarapeck ofereceu uma série de *lives* no *Instagram* sobre Teatro do Oprimido, e convidou especialistas e multiplicadores do método a falarem sobre suas práticas com o TO, entre os quais eu também fui convidado para apresentar o Jogo da Árvore. Com todas as limitações da plataforma, consegui demonstrar a ideia e percebi o interesse nos comentários dos presentes. Naquela oportunidade, percebi a necessidade de adaptação do jogo para plataformas virtuais, mas não tinha a mínima ideia de como faria tal adaptação.

Em julho de 2020, o CTO promoveu uma série de cursos como iniciativa para angariar fundos para a organização e Helen, que além de incentivadora, passou a ser minha coorientadora no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas da UNIRIO, ofereceu o curso *Práticas Antifascistas no Contexto da Educação* e me convidou para participar, apresentar e jogar o Jogo da Árvore com os demais cursistas.

Com poucos recursos, foi possível posicionar uma câmera auxiliar sobre o tabuleiro de forma que pudesse projetá-lo na tela do computador e, novamente recorri aos integrantes do GE-MIT para testar a “parafernália” que se mostrou eficiente. Essa experiência foi fundamental e possibilitou a prática do jogo no curso. Mesmo com poucos tempo pudemos jogar e avançar algumas casas. O resultado veio em relatos valiosos para a evolução do Jogo da Árvore e sua adaptação às plataformas virtuais como o *Zoom* e o *Google Meet*.

A versão virtual do Jogo da Árvore foi um acontecimento que trouxe animadoras possibilidades e dilemas, pois tendo em vista que o principal interesse da ferramenta seja apresentar o Teatro do Oprimido aos oprimidos, isso não seria possível, já que a internet não é democratizada e milhões de pessoas, incluindo alguns dos alunos da TAJJ, não possuem sequer um *smartphone*, que dirá computador.

A pandemia revelou outras pandemias instaladas e naturalizadas pela sociedade, como a fome, a miséria, a violência, o genocídio da população negra e periférica perpetrado

pelo Estado. A pandemia do desemprego, dos baixíssimos salários pagos que não dão conta da cesta básica e dos serviços essenciais, como água potável, energia elétrica e transporte público. A pandemia do “neoliberalismo – predatório em todas as suas modalidades e não apenas nos seus excessos -, busca sempre mais poder e riqueza sem limites. Essa é sua essência e razão!” (BOAL, 2009, p. 17). Um jogo de democratização do Teatro do Oprimido nessas condições, parecia-me um deboche, ou simplesmente a concretização de um interesse pessoal disfarçado de benfeitoria social às custas das necessidades dos oprimidos, que se dizia para os oprimidos, mas sem a participação dos oprimidos. Falácia academicista.

Nesse sentido, o TO tem se esforçado para entregar os meios de produção artísticos aos oprimidos e fornecê-los ferramentas necessárias na luta contra a introjeção das ideias das classes dominantes. As elites agem de forma imperialista, impõem um padrão de língua, de comportamento, de corpo, de alimentação, de consumo e de vida, e quem não obedece a esse padrão é considerado o bárbaro<sup>63</sup>. Fazem isso com facilidade porque detêm os meios de comunicação de massa e através deles mantêm sua hegemonia artística, política, econômica, acadêmica e estética. “Sempre lamentamos que nos países pobres, e entre os pobres dos países ricos, seja tão elevado o número de pré-cidadãos fragilizados por não saberem ler nem escrever; o analfabetismo é usado pelas classes, clãs e castas dominantes como severa arma de isolamento, repressão, opressão e exploração” (BOAL, 2009, p.15).

O analfabetismo não é somente relacionado à leitura e escrita, mas também ao “analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escritura, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros!” (BOAL, 2009, p.15). Boal é categórico em defender o treinamento dos canais estéticos da palavra, da imagem e do som como freio a invasão das ideias das classes dominantes.

A partir da adaptação do Jogo para o modo virtual, houve a necessidade de criar os elementos em formato digital. Então o tabuleiro, os pássaros e os cartões explicativos foram refeitos e passaram a ser operados através do *Microsoft powerpoint*, uma opção simples e sem custos. Esse novo formato do jogo foi submetido e selecionado para ser apresentado como Comunicação Oral e Minicurso nas VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU)<sup>64</sup>, em outubro de 2020.

---

<sup>64</sup> As JITOU tratam-se de evento anual que busca congrega pesquisadores e praticantes para discutir, refletir e multiplicar de maneira crítica os saberes e práticas que envolvem o Teatro do Oprimido. ([VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade - Teatro do Oprimido como arte marcial: resistência em movimento! \(even3.com.br\)](http://www.even3.com.br) Acessado em 01 de abril de 2021)

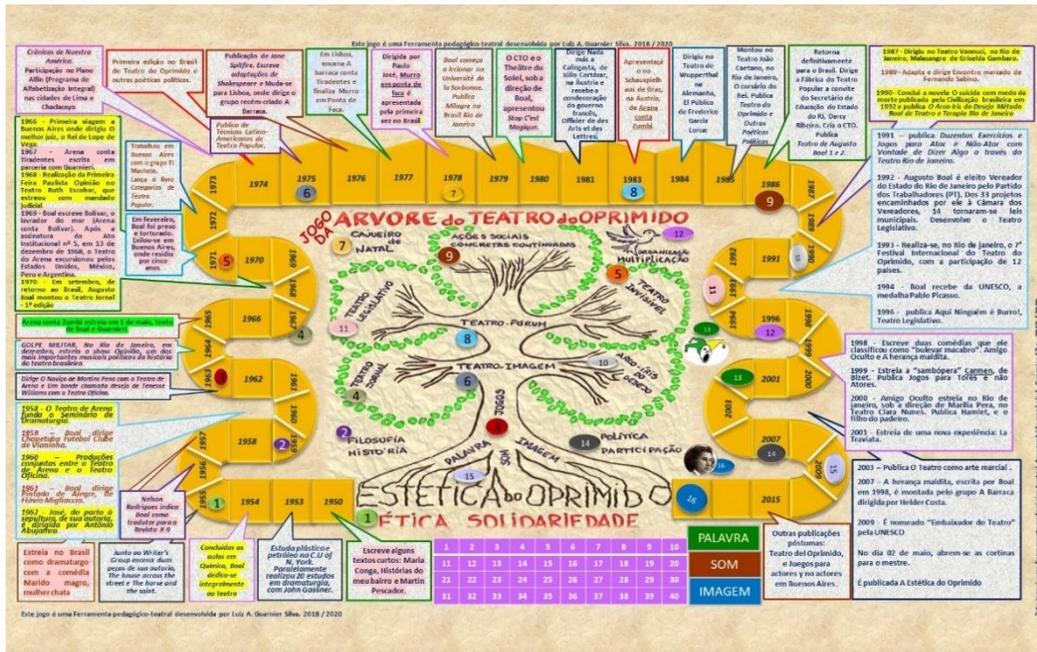


Figura 8- Tabuleiro do Jogo da Árvore apresentado na Comunicação Oral das VIII JITOU 2020

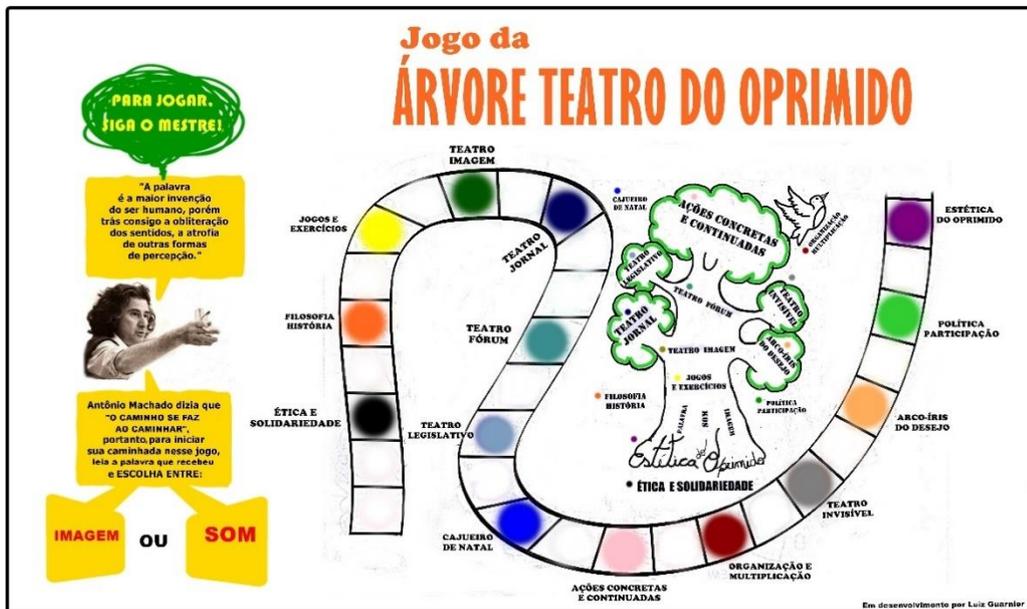


Figura 9- Tabuleiro do Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido utilizado no Minicurso para as VIII JITOU 2020

A experiência de oferecer um minicurso do Jogo da Árvore nas JITOU, contando com a participação e opiniões de professores, pesquisadores e especialistas em Teatro do Oprimido, suscitou uma série de questionamentos acerca da proposta pedagógica trazida pela ferramenta que, apesar dos muitos pontos positivos observados pelos participantes, também

deixou clara a necessidade em melhorar sua fundamentação na Estética do Oprimido, para que rigorosamente seguisse os fundamentos do método.

Uma das preocupações na aplicação da ferramenta, sobretudo no contexto da sala de aula era não gerar um ambiente de competição entre os indivíduos e esse foi um dos pontos assinalados pelos colegas em suas falas. Na ocasião, uma das participantes foi incisiva em dizer que “houve muita competição durante o jogo”. Segundo Caniato & Rodrigues (2012, p. 2):

A competição social é a base do modo de produção capitalista, desde o seu surgimento. Assim, já nos primórdios dessa organização social essa conduta é valorada de forma positiva. No entanto, na contemporaneidade a competição tornou-se um imperativo categórico. Ela acirrou-se substancialmente ao ponto de transformar-se em um destruir-se a si e ao outro semelhante. O competir impregnou todos os âmbitos da vida dos indivíduos, enlaçando a construção e destruição da subjetividade humana.

Não há espaço para a competição numa proposta pedagógica que envolva o Teatro do Oprimido. Observamos pela cidade os outdoors que exibem os aprovados em concursos militares, escolas técnicas e nos cursos mais concorridos das universidades. Muitas escolas introduzem o sentimento de competição em seus espaços gerando consequências na formação dos indivíduos. Do latim *competitione*, competição significa concorrência, luta, rivalidade, antagonismo, emulação (CUNHA, 1991). O espírito de competitividade nos é alimentado desde muito cedo, na escola esse espírito vem sendo potencializado em símbolos que exaltam pouquíssimos e oprimem muitos.

Na escola, a ideia de que um indivíduo está sendo exaltado por seu máximo, que pode significar um esforço muitas vezes exacerbado, revela que todos os demais não estudaram o suficiente, por isso, os quadros de honra que enaltecem os primeiros colocados de suas turmas, também desprezam todo o empenho dos outros. Uma das interpretações que pode ser feita é que a honra dentro da escola é somente de uns poucos, e os demais precisam alcançá-la e, para tanto, precisam se esforçar mais, o que gera opressão para ambos. Os “desonrados” e os “honrados” criam círculos sociais diferentes, sendo ambos oprimidos, pois quem quer habitar o quadro de honra, ou o *outdoor* redobra seu esforço, e o que já habita esses pódios, mantém-se tenso para não perder seu lugar de celebridade escolar. Partindo desse pressuposto, a escola pratica a lógica do mercado de trabalho, ou seja, a lógica do capitalismo.

Competir no atual contexto significa esvaziar-se, negar-se enquanto indivíduo-sujeito; sujeitar-se às injunções perversas do capitalismo flexível, que retira a possibilidade do desenvolvimento da solidariedade e acolhimento entre os homens. O indivíduo nesse contexto procura manter grande distância dos outros, pois todos podem lhe tomar o lugar. (CANIATO & RODRIGUES. 2012, p. 2).

A forma que o jogo vinha sendo praticado, e o modo como eu estava mediando, não estavam sendo suficientemente capazes de evitar que os participantes instintivamente competissem entre si, por isso, incluí informações mais incisivas nas orientações sobre como jogar. A jogabilidade passou a ser dividida em dois pilares: Ético e Estético:

O Pilar ético é aquele que busca promover um ambiente de cooperação, inclusão, integração e interatividade, em que o objetivo seja conhecer o TO e não chegar na frente ou ganhar a corrida das casas. Visa pausar o sentimento de competição que é incitado pelo capitalismo e que impede os indivíduos de exercitarem a ética e a solidariedade para com o outro, ou mesmo para consigo, já que “A solidariedade entre semelhantes é parte medular do Teatro do Oprimido” (BOAL, 2019, p. 14), e mais:

Entre os humanos, a luta pelo espaço é uma luta por todos os espaços: físico, intelectual, amoroso, histórico, geográfico, social, esportivo, político... Há que se inventar seu antídoto: a Ética da Solidariedade, cuja construção terá que ser obra da incessante luta dos próprios oprimidos, e não dádiva celeste: do céu, cai chuva, neve e gelo, eventualmente bombas e foguetes, mas não mágicas soluções. Estamos entregues a nós mesmos e temos que aceitar a nossa condição com a cabeça nas alturas, os pés no chão e mãos à obra. (BOAL, 2009, p. 17)

O Pilar estético é a forma como os jogadores irão avançar no tabuleiro, pois não há o elemento “sorte” no jogo da Árvore e, para avançar nas casas será necessário praticar as duas formas humanas de pensamento – Sensível e Simbólico. “São formas complementares, poderosas, e são, ambas, manipuladas e aviltadas por aqueles que impõem suas ideologias às sociedades que dominam” (BOAL, 2009, p. 16). Pedimos que o jogador converta o Pensamento Simbólico (PS) que é a palavra, em Pensamento Sensível (PSem), som e imagem. O objetivo é que seus companheiros descubram qual palavra - ou seu sinônimo – foi convertida em som e imagem. Com o propósito do avanço nas casas, o pilar estético também busca exercitar os “(...) soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores!” [a fim de se evitar a] “subliminal Invasão dos Cérebros!” (BOAL, 2009, p. 15).

Além do treinamento dos canais estéticos, explorar as potencialidades artísticas do jogador na conversão do PS para o PSem, colabora na revelação da estética de um oprimido, produzida por ele enquanto oprimido. Portanto, o jogar pretende que o oprimido, através da auto-observação, conscientize-se de que:

Assim como as sociedades estão divididas em classes, castas, etnias, nações, religiões e outras confrontações, é absurdo afirmar a existência de uma só estética que a todos contemple com suas regras, leis e paradigmas: existem muitas estéticas. Todas de igual valor, quando têm valor. (BOAL, 2009, p. 16)

Ou seja, busca-se que por meio da prática do Jogo da Árvore, o jogador possa entender sua capacidade estética de expressão e comunicação. Desta forma poderá iniciar um pensamento autônomo capaz de questionar a padronização estética, planejada e instalada pela classe dominante detentora dos meios de comunicação de massa, os mesmos meios que impõem a “ideia de que existe uma só estética, soberana, à qual estamos submetidos – tal atitude seria nossa rendição ao Pensamento Único, à ditadura da palavra – que, como sabemos é ambígua” (BOAL, 2009, p. 18).

### **Curso Ação-Reflexão: o jogo da Árvore do Teatro do Oprimido como introdução ao método**

As pesquisas para a adaptação foram fundamentais no esforço de tornar a ferramenta um instrumento pedagógico potente na construção do processo de ensino-aprendizagem ainda pouco testado no ambiente remoto. Se lecionar teatro pela internet já se apresentava um desafio a ser superado, abordar o Teatro do Oprimido, com jogos e exercícios em que a presença física se faz tão primordial, requereria ainda mais investimento nas adaptações.

Foi preciso avaliar se valeria a pena arriscar e apresentar à direção da TAJJ um plano que poderia não atrair interesse do público, visto que, após um ano da interrupção das aulas, não era mais possível resgatar a turma que iniciou o curso em março de 2020. Porém o fato de encarar a nova realidade como um exercício de exploração de novas possibilidades, serviu de combustível para formatar um curso a partir do Jogo da Árvore virtual.

O curso “Ação-Reflexão: o jogo da Árvore do Teatro do Oprimido como introdução ao método” foi apresentado como um exercício de pesquisa e aprendizado mútuos, buscando a partir do jogo didático, o estudo e a prática do método do Teatro do Oprimido. Uma tentativa de resgate de parte da identidade da instituição, visto que o método de Augusto Boal já era praticado na Secretaria Municipal de Cultura - SEMUC desde os primeiros anos de fundação do extinto Centro Cultural de Nilópolis.

Explorando a capacidade que a internet tem em extrapolar fronteiras físicas, uma das medidas que poderiam garantir um número mínimo de pessoas matriculadas no curso on-line, seria torná-lo acessível aos estudantes de outros estados. Desta forma seria possível formar turma, além de divulgar a TAJJ em outros territórios em todo o Brasil.

Após a elaboração e aprovação da direção da TAJJ, o curso foi implementado e disponibilizou vinte e cinco vagas, totalizou 24 horas de carga horária em doze encontros que

abordaram: Quem foi Augusto Boal?; O que é o Teatro do Oprimido?; Pensamento Simbólico e Pensamento Sensível; Por que precisamos exercitar os canais estéticos da palavra, da imagem e do som?; Ética e Solidariedade; História e Filosofia; Jogos e Exercícios; Categorias dos jogos e exercícios; Teatro Imagem; Teatro Jornal e demais técnicas e fundamentos do método. É importante ressaltar que o curso, apesar de ser aplicado no ambiente remoto, foi ministrado como uma jornada teórico-prática, experimentando adaptações dos jogos do arsenal do TO no ambiente virtual.

Como objetivo geral, o curso se propôs a sensibilizar o participante para a importância do Teatro do Oprimido na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU, através da ferramenta pedagógica Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido. E entre seus objetivos específicos, buscou o estimular o aprendizado e a prática do TO; pesquisar e debater questões relativas à ética e solidariedade, história, filosofia e participação política na comunidade escolar e nos círculos sociais dos indivíduos e; fomentar a participação política do corpo discente nas decisões que norteiam os objetivos pedagógicos e artísticos da TAJJ.

Como ação concreta e continuada, o curso Ação-Reflexão produziu um material audiovisual intitulado *Reverberações do curso Ação-Reflexão*, foi disponibilizado no canal oficial da TAJJ no *Youtube*<sup>65</sup>. A proposta foi submetida e aprovada em duas categorias nas IX Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade – IX JITOU: Mostra de Cine Esperançar<sup>66</sup> e Comunicação Oral<sup>67</sup>. O êxito da proposta proporcionou instituí-la como um curso permanente na grade da TAJJ possibilitando a oferta de uma nova turma, desta vez, na modalidade presencial que obteve dezessete inscritos que atualmente formam a *Turma II do Curso Ação-Reflexão: O Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido como introdução ao método*, transformando em realidade a metáfora que motivou e norteou o tema deste artigo: Plantar a Árvore do Teatro do Oprimido na Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU.

---

<sup>65</sup> Reverberações do Curso Ação-Reflexão no canal oficial da TAJJ no Youtube [https://youtu.be/uAe81RP\\_Zrk](https://youtu.be/uAe81RP_Zrk) Acesso em 27 de outubro de 2021.

<sup>66</sup> Reverberações do Curso Ação-Reflexão aos 20': <https://youtu.be/wdouslDEsAo> Acesso em 27 de outubro de 2021.

<sup>67</sup> Comunicações Oraís das IX JITOU aos 31'50'': <https://youtu.be/kG7d9P62kZI> Acessado em 27 de outubro de 2021.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Dossiê – **Desigualdades e Interseccionalidades. Gênero, Raça, Classe: Opressões Cruzadas e Convergências na Reprodução das Desigualdades.** LONDRINA: Mediações. 2015.
- BOAL, A. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Estética do Oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não atores não atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** São Paulo: Editora 34, 2019.
- CATELAN, F. B.; ANDRÉ, C. M. **Teatro na escola com ou sem partido sempre será político.** Urdimento, Florianópolis, v.1, n.34, p. 236-245, mar./abr. 2019.
- FREIRE. P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** [trad. João Paulo Montenegro] São Paulo, Perspectiva. 2007.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil.** In: KISHIMOTO, T. M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 1, p. 13-43.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Edições ALMEDINA, S.A, 2020.
- TORRINHA, F. **Dicionário Latino-Português.** Porto: Edições Maranus, 1945.
- ZITKOSKI. J. J.; REDIN. E. e STRECK. D. R. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2008.
- TESES
- ABREU, D. A. **O Despertar dos Corpos e o Distanciamento do Olhar: Fissuras e empoderamento na Escola Pública da Baixada.** Tese (Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 136. 2020.
- CARVALHO; AGUIAR; COSTA. **A docilização do corpo na Educação Infantil.** Revista Educação Pública, v. 19, nº 28, 5 de novembro de 2019. <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/28/a-docilizacao-do-corpo-na-educacao-infantil>> Acesso em 19 de abril de 2021.

CASTRO, T. D. C. P. **O Curinga no Teatro do Oprimido e sua Atuação no Movimento Antiglobalização**. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo – USP – São Paulo. 2006.

KHUN, M. L. W. Boal e o Teatro do Oprimido: **O Espect-Ator EM Cena na Educação Popular**. Tese (Mestrado em Educação nas Ciências) - DEPE – Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí, p. 73. 2011.

MOREIRA, M. A. **Desafios e Possibilidades Para o Ensino de Artes Cênicas No Universo do Dom Walmor**. Tese (Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 182. 2016

SANCTUM, F. **Pensamento Sensível e Pensamento Simbólico – Uma Concepção Boalina da Arte**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro – UniRio; PPGAC; Doutorado; Zeca Ligiéro. Bolsa CAPES. Professor de Artes Cênicas da FAETEC-RJ e Curinga do Centro de Teatro do Oprimido.

SARAPECK, H. **Abraçando a Árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método**. Tese (Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 199. 2016.

## SITES

JITOU - **VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade - Teatro do Oprimido como arte marcial: resistência em movimento!** [VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade - Teatro do Oprimido como arte marcial: resistência em movimento! \(even3.com.br\)](http://VIIIJornadasInternacionaisdeTeatrodoOprimidoeUniversidade-TeatrodoOprimido.com.br) Acessado em 01 de abril de 2021.

Ministério da Cultura – **Praça Ceus**. Grupo Orzil. [Grupo Orzil](http://GrupoOrzil.com.br) - acesso em 19 de junho de 2020;

Painel regional: Baixada Fluminense I e II / Observatório Sebrae/RJ. -- Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2016

Sindicato dos Especialistas em Educação do Ensino Público de São Paulo [PORTARIA Nº 7.240, DE 21/10/2016 - INSTITUI O PROGRAMA "JOGOS DE TABULEIRO" \(sinesp.org.br\)](http://PORTARIA%20N%277.240%2C%20DE%2021%2F10%2F2016%20-%20INSTITUI%20O%20PROGRAMA%20%27JOGOS%20DE%20TABULEIRO%27%28sinesp.org.br%29) Acessado em 04 de abril de 2021.

REIS, Thiago. **Bolsonaro vence em todos os municípios do RJ e em todas as zonas eleitorais da capital**. G1. O Globo. Rio de Janeiro. 07 de outubro de 2018. Disponível em <[Bolsonaro vence em todos os municípios do RJ e em todas as zonas eleitorais da capital | Eleição em Números Eleições 2018 | G1 \(globo.com\)](http://Bolsonaro%20vence%20em%20todos%20os%20munic%C3%ADpios%20do%20RJ%20e%20em%20todas%20as%20zonas%20eleitorais%20da%20capital%20|%20Elei%C3%A7%C3%A3o%20em%20N%C3%BAmeros%20Elei%C3%A7%C3%B5es%202018%20|%20G1%20(globo.com))> Acessado em 01 de abril de 2021.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**

**LUIZ ALBERTO GUARNIER SILVA**

**PROPOSTA PEDAGÓGICA**  
**AÇÃO-REFLEXÃO: O JOGO DA ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO**  
**INTRODUÇÃO AO MÉTODO**

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO .....   | 96  |
| OBJETIVO GERAL.....  | 96  |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....   | 97  |
| METODOLOGIA.....   | 97  |
| 1- Pilar ético.....  | 98  |
| 2- Pilar estético.....   | 98  |
| ENCONTRO 1: Apresentação dos participantes.....  | 99  |
| 1- Jogo “Eu vim com”   |     |
| 2- Apresentação do programa de curso ao grupo;   |     |
| 3- Jogo: “Desmaiando de Rir”   |     |
| ENCONTRO 2: Quem foi Augusto Boal e o que é o Teatro do Oprimido.....  | 100 |
| 1- Jogo “Batizado Mineiro”   |     |
| 2- Exibição do filme de Zelito Viana “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido”;  |     |
| 3- O Teatro do Oprimido na história da TAJJ  |     |
| ENCONTRO 3: Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido.....  | 101 |
| 1- Jogo “Testa, Nariz e Queixo”  |     |
| 2- Canais Estéticos;   |     |
| 3- Por que precisamos exercitar os canais estéticos da palavra, da imagem e do som?;   |     |
| 4- A Metáfora do Método: Exibição do vídeo “A Árvore do Teatro do Oprimido - uma oficina visual-virtual com Helen Sarapecck” ( <a href="https://youtu.be/uUY47Iya1eo">https://youtu.be/uUY47Iya1eo</a> )   |     |
| ENCONTRO 4: Ação-Reflexão: jogando o Jogo da Árvore.....   | 102 |
| 1- Apresentação da ferramenta;   |     |
| 2- Ação-Reflexão: jogando o Jogo da Árvore. Seguindo o objetivo de apresentação do Teatro do Oprimido através do jogo, o encontro quatro será destinado a levar o grupo até o final do tabuleiro, apresentando, através dos cartões explicativos, os fundamentos, técnicas e exercícios do TO. |     |

- ENCONTRO 5: Ação-Reflexão: Ética e Solidariedade.....103
- 1- Debate sobre o conceito etimológico das palavras ética e solidariedade;
  - 2- Ética e Solidariedade no Teatro do Oprimido; trabalho artístico; na comunidade escolar; no trabalho; na política; na vida em sociedade.
  - 3- Improviso de cenas com o tema ética e solidariedade;
- ENCONTRO 6: Ação-Reflexão: História e Filosofia.....106
- 1- História e Filosofia são somente disciplinas escolares? Debate;
  - 2- História e Filosofia no Teatro do Oprimido;
  - 3- Improviso de cenas com o tema História e Filosofia.
- ENCONTRO 7: Ação-Reflexão: Jogos e Exercícios.....108
- 1- Ensaio para a vida em sociedade;
  - 2- As categorias dos jogos do TO:
    - 1ª Categoria: “SENTIR TUDO QUE SE TOCA”;
    - 2ª Categoria: “ESCUTAR TUDO QUE OUVI”;
    - 3ª Categoria: “ATIVANDO OS VÁRIOS SENTIDOS”;
    - 4ª Categoria: “VER TUDO QUE SE OLHA”;
    - 5ª Categoria: “A MEMÓRIA DOS SENTIDOS”
  - 3- Aplicação do jogo Cruz e círculo e adaptações do Contrários de Jackson e Um, Dois, Três de Bradford.
- ENCONTRO 8: Ação-Reflexão: Teatro Imagem.....111
- 1- Participação de Boal no ALFIN;
  - 2- Praticando o Teatro Imagem;
    - Apresentação de imagens enviadas anonimamente que, na concepção dos cursistas, representam opressões ou situações opressivas.
    - Análise das imagens e divisão das mesmas em dois grupos para composição de imagens coletivas;
    - Apresentação de imagens coletivas.
- ENCONTRO 9: Ação-Reflexão: Teatro Jornal:.....114
- 1- Teatro de Arena de São Paulo;

- 2- Censura na Ditadura;
- 3- Apresentação de técnicas do Teatro Jornal;
- 4- Pesquisa e leitura de manchetes;
- 5- Montagem de cenas de Teatro Jornal;
  - Notícias na internet;
  - Jornais impressos;
  - Revistas impressas;
  - Desmentindo as “fake News”;

ENCONTRO 10: Ação-Reflexão: Teatro Fórum.....116

- 1- Como surgiu;
- 2- Exibição do espetáculo “Coisas do gênero” <https://vimeo.com/58716290> com a presença de Helen Sarapeck como convidada;
- 3- Levantamento de situações opressivas vividas pelos integrantes da turma através de cartas anônimas;
- 4- Ensaios para Fórum.

ENCONTRO 11: Composição de cenas de Teatro Jornal .....119

- 1- Assistir os improvisos produzidos ao longo do curso;
- 2- Busca de notícias e leitura para o grupo;
- 3- Composição e gravação.

ENCONTRO 12: Ação concreta e continuada.....120

- 1- Exibição da gravação das cenas;
- 2- Ações concretas e continuadas.

ANEXO 1: Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido virtual .....124

## APRESENTAÇÃO

O curso “Ação-Reflexão: o jogo da Árvore do Teatro do Oprimido como introdução ao método” é um exercício de pesquisa e aprendizado mútuos que busca, a partir do jogo didático, o estudo e a prática do método sistematizado pelo dramaturgo e teatrólogo brasileiro Augusto Boal. A iniciativa também pretende resgatar parte da identidade da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU, pois de acordo com Abreu (2020), o método de Augusto Boal já era praticado no extinto Centro Cultural de Nilópolis desde o ano de 1996 por alguns grupos interessados na temática, e, portanto, o curso também tem um caráter de resgate histórico. A realização deste curso, além de contribuir para o aumento do corpo de alunos da TAJJ, visa ser parte da reconstrução pedagógica desta escola.

O Teatro do Oprimido (TO) é um método político-pedagógico que carrega consigo valores indispensáveis para a vida em comunidade como a ética e a solidariedade, fundamentos primordiais na busca por uma sociedade com justiça e equidade. O curso “Ação-Reflexão: o Jogo da Árvore do TO como introdução ao método” procura demonstrar de que maneira o teatro pode ser um aliado no combate às opressões de gênero, raça e classe, que combinadas são as causadoras das grandes desigualdades sociais.

Uma das pretensões do curso é colaborar para a composição da proposta pedagógica da TAJJ. A escola vem se reerguendo de um período sombrio em que sofreu com o abandono estrutural e pedagógico, sendo transferida de endereço por quatro vezes em seis anos. Tantas trocas de endereços acarretaram a perda de documentos, de identidade e na descontinuidade da formação artística de centenas de pessoas. No âmbito pedagógico houve equívocos, irresponsabilidade e descompromisso com a instituição por parte da gestão municipal em vários momentos de sua história, sobretudo nos anos de 2018 e 2019. Os objetivos do curso visam contribuir com o restabelecimento da instituição.

### 1.2 – OBJETIVO GERAL

- Demonstrar como o Teatro do Oprimido pode ser uma metodologia emancipadora no âmbito da Escola Municipal de Teatro Antônio José – O JUDEU, através da ferramenta pedagógica “Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido”.

### 1.3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Introduzir o Teatro do Oprimido aos participantes de modo que sejam estimulados a se apropriarem da metodologia para suas práticas artísticas;
- Abordar e debater questões relativas à ética e solidariedade, história, filosofia e participação política na comunidade escolar e nos círculos sociais dos indivíduos;
- Exercitar os canais estéticos da palavra, da imagem e do som;
- Aprofundar o conhecimento das técnicas do Teatro do Oprimido, direcionando suas potencialidades para o benefício da comunidade escolar;
- Provocar nos indivíduos, através de montagens de cenas de Teatro Jornal, o exercício do questionamento sistemático das informações veiculadas na grande mídia;
- Produzir protocolos<sup>68</sup> das oficinas e gerar documentos para publicação virtual;
- Estimular a retomada da organização política do corpo discente;
- Fomentar a participação política do corpo discente nas decisões que norteiam os objetivos pedagógicos e artísticos da TAJJ;
- Estimular o surgimento de grupos de teatro com interesse na prática do Teatro do Oprimido.

### METODOLOGIA

A metodologia será a aplicação do Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido que conduzirá os cursistas na apresentação do método. O jogo é uma ferramenta pedagógica em formato de tabuleiro que vem sendo desenvolvida desde 2019. Foi apresentado nas VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU)<sup>69</sup>, em aula síncrona para a Licenciatura em Teatro EAD da Universidade Federal da Bahia- (UFBA)<sup>70</sup> nesta mesma universidade, fez parte da ementa do curso de extensão “Jogos Improvisacionais de Teatro: prática de jogo no modo online”. A mais recente demonstração do Jogo da Árvore aconteceu

---

<sup>68</sup> O protocolo é, nas pesquisas em pedagogia do teatro, um instrumento relevante de avaliação da prática teatral. (CONCÍLIO e KOUDELA, 2019, p. 248)

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/jitou2020/> Acessado em 12 de abril de 2021

<sup>70</sup> Disponível em: <https://youtu.be/cXv4sDnWzLs> Acessado em 12 de abril de 2021

para os mestrados do Prof-Artes da Universidade de Brasília<sup>71</sup>, sendo apresentado como metodologia para a introdução ao Teatro do Oprimido. O Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido vem gerando o interesse de pesquisadores que investigam processos pedagógicos que envolvam o método na educação formal e não formal. Está em constante desenvolvimento para auxiliar o multiplicador a semear o método coletivamente e interativamente, pretendendo ser uma didatização da Árvore do TO, metáfora que carrega os fundamentos da metodologia. O jogo se apresenta como uma estratégia de ensino e pesquisa do método em diferentes situações, atraindo o interesse de pessoas envolvidas ou não com o TO.

A ferramenta tem o formato de um jogo de tabuleiro que aspira, através de sua prática, fornecer noções do Teatro do Oprimido e seus fundamentos. A forma de jogar obedece a dois pilares: ético e estético.

**O Pilar ético** busca promover um ambiente de cooperação, inclusão, integração, interatividade e solidariedade que, (...) entre semelhantes é parte medular do Teatro do Oprimido” (BOAL, 2019, p. 14). O objetivo é conhecer o TO e não chegar na frente ou ganhar a corrida das casas.

**O Pilar estético** conduz o jogador no avanço de casas no tabuleiro, e, para isso, é necessário que o jogador entenda o que é pensamento simbólico e pensamento sensível, de acordo com o Teatro do Oprimido. Além de ser a forma de avançar no tabuleiro, o pilar estético do jogo também permite aos jogadores conhecerem “(...) não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias.” (BOAL, 2019, p. 14).

Não há o elemento “sorte” no Jogo da Árvore, já que não se usa o dado. Portanto, o pilar estético exigirá que o indivíduo exercite suas potencialidades teatrais, desenvolvendo, revelando e encorajando a criatividade e a expressividade. Investe-se em estratégia para que a forma de jogar seja sedutora e sobreponha o instinto de competição.

O termo Ação-Reflexão, presente na obra de Paulo Freire, e que integra o nome do curso, está diretamente ligado ao modo como o jogo é ministrado, pois:

Ação-Reflexão é expressão recorrente na obra de Freire. Ela designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer,

---

<sup>71</sup> Disponível em: <https://youtu.be/18-bbaNOEV4> Acessado em 12 de abril de 2021

cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente. (KRONBAUER, 2015, p. 478).

A ação-reflexão do Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido busca estimular a pesquisa, o aprendizado e a prática do TO concomitantemente: aprender fazendo, fazer aprendendo. Propondo ação e reflexão em simultaneidade. Para isso a ferramenta pedagógica pretende conduzir o jogador através do método desenvolvido por Augusto Boal de forma envolvente e sedutora

O verbete ação-reflexão de Freire, apresenta-se como metodologia de aplicação do Jogo da Árvore por aludir o modo como os jogadores devem participar: agindo e refletindo, praticando e entendendo, “numa tentativa de evitar a separação entre as mãos e o cérebro, o fazer e o saber, a linguagem e o mundo.” (KROMBAUER, 2015, p. 43).

## **ENCONTRO 1 – Apresentação**

A plataforma utilizada para a realização deste curso na TAJJ será o Google Meet. Para o início, é fundamental preparar o primeiro contato entre os participantes do grupo promovendo um ambiente de cordialidade e interação. A proposta é gerar um espírito colaborativo entre os indivíduos desde o início através de seu caráter teórico-prático, mesclando jogo teatral com informação teórica, valorizando os momentos de reverberações da turma após o jogar, incentivando a fala e o debate.

Por isso, os quarenta minutos iniciais estão reservados às conversas aleatórias, ao conhecer espontâneo e à fala descompromissada. Permitir determinada desordem na plataforma virtual serve-nos como quebra desse ambiente frio. Deve-se provocar vida, risos, falatório... integração. Esses minutos são importantes para o/a docente incitar a manifestação dos menos falantes e observar o grupo.

Após o momento de extroversão, a aplicação do jogo “Eu vim com...” tem o objetivo de reforçar as apresentações pessoais. Nele, os participantes dizem seus nomes e os nomes dos demais colegas de turma. O primeiro jogador, hipoteticamente chamado João, diz a frase “eu sou João e vim com Maria”, em seguida Maria dirá “Eu sou Maria e vim com o João e o Pedro.”, Pedro completará “Eu sou Pedro, vim com Maria, João e José.”, José, por sua vez falará “Eu sou José e vim com Pedro, Maria, João e Felipe”. O Jogo segue até que o último participante

repita o seu nome e os nomes dos demais componentes do grupo. Além de apresentar os participantes, esta atividade torna o ambiente extrovertido e colaborativo, pois quando um jogador não se lembra de algum nome, os demais o auxiliam nessa tarefa.

Na sequência, o plano de curso é apresentado para que todos tenham conhecimento dos caminhos a serem trilhados na introdução do Teatro do Oprimido através do Jogo da Árvore. Este momento é importante para que o/a mediador explique passo a passo os objetivos da jornada que, assim como todo o planejamento escolar, poderá sofrer alterações ao longo do seu curso. Os protocolos, ou súmulas, são apresentados como alternativas para os registros das impressões dos participantes e como parte de uma avaliação processual.

Para concluir o encontro, o jogo “Morrendo de rir”, compilado de uma das aulas da professora Elza de Andrade<sup>72</sup>, será aplicado. O jogo foi adaptado ao ambiente remoto e ao momento em que o país atravessa, em que mais de seiscentas mil pessoas já perderam suas vidas devido às complicações da COVID-19. Devido a esse contexto, o nome “morrendo de rir” foi substituído por “desmaiando de rir”. Para a realização da atividade deve-se seguir os seguintes passos:

1. Enumerar os jogadores e escrever seus números em pequenos pedaços de papel;
2. Pedir para que cada um memorize sua numeração;
3. Solicitar que desabilitem suas câmeras e microfones;
4. Explicá-los que serão sorteados dois números por vez correspondentes a dois jogadores;
5. Quando os números da dupla forem anunciados pelo mediador, os dois jogadores devem abrir suas câmeras para travarem uma interação, rindo descontroladamente até simularem os desmaios, tentando estabelecer harmonia em suas performances;

## **ENCONTRO 2 - Quem foi Augusto Boal e o que é o Teatro do Oprimido?**

Com o grupo reunido, o jogo sugerido para iniciar a aula é o “Batizado mineiro”, pertencente à segunda categoria (escutar tudo que ouve) de jogos do arsenal do Teatro do Oprimido. A aplicação da atividade busca reforçar os laços ainda recentes, rerepresentando os

---

<sup>72</sup> Coordenadora do THE do Departamento de Interpretação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Elza de Andrade é licenciada em Pedagogia pela PUC/Rio de Janeiro (1976), Bacharel (1992), Mestre (1996) e Doutora (2005) em Teatro pela Unirio.

participantes e apresentando os possíveis faltosos do primeiro encontro. É importante esclarecer que a adaptação dos jogos para o ambiente remoto pode desviar seu objetivo principal, nessa aplicação especificamente, o Batizado Mineiro tem função de quebrar o gelo, reforçar e/ou estabelecer vínculos.

Para realizar a tarefa é solicitado aos participantes que a partir da primeira sílaba de seus nomes, pensem em uma característica que possam atribuir a si. Em seguida, de forma espontânea, cada jogador/a, em sua vez, habilita seu microfone dizendo seu nome e a característica escolhida. Após esta ação é solicitado que pensem em uma imagem para a característica e repitam seus nomes juntamente com ela, combinando-os a imagem. A cada ação todos os demais repetem nome, característica e imagem de cada participante.

O segundo encontro foca na apresentação do Sistematizador do Teatro do Oprimido, o diretor e teatrólogo brasileiro Augusto Boal. O filme “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido” é um material de enorme potencial didático, pois o próprio Boal e curingas do TO narram as décadas da trajetória do autor no Brasil e no exterior e falam sobre a sistematização do método. É um documento rico em imagens e informações com uma linguagem simples e direta.

### **ENCONTRO 3 - Jogo da Árvore do Teatro do Oprimido**

O jogo “Testa, nariz e queixo” tem o objetivo de introduzir o terceiro encontro do curso. Nele o mediador pede para que todos sigam suas instruções e ponham a mão onde se pede, olhando para ele, primeiramente na sequência de testa, nariz e boca, posteriormente, incluem-se ombro, orelha, olhos, cabeça. Os jogadores deverão seguir ao que se fala e não o que se faz, pois o mediador tentará desafiá-los pondo a sua mão em uma parte do seu corpo, mas pedindo que eles ponham suas mãos em outra. Essa atividade pertence à primeira categoria de jogos do arsenal do Teatro do oprimido, cujo objetivo é sentir tudo que toca.

A meta desse dia é apresentar a Árvore e o Jogo da Árvore em si. Para entender o jogo é necessário entender que “(...)O Pensamento Sensível, [é] responsável pelas emoções e sentimentos; e o Pensamento Simbólico, responsável pela comunicação racional, simbolizada pelas palavras; Conceição (2012, p. 3)”. Esses dois tipos de pensamento possibilitam que o jogador treine os canais estéticos da “Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta.” Boal (2009, p. 19).

A exibição do vídeo “A Árvore do Teatro do Oprimido - uma oficina visual-virtual com Helen Sarapeck” e o compartilhamento da figura da Árvore são ferramentas que auxiliam na apresentação da metáfora do TO.

#### ENCONTRO 4 – Ação-Reflexão: jogando o Jogo da Árvore



Figura 11- Início do jogo

A partir do quarto encontro os participantes iniciam o Jogo da Árvore e são guiados por um passeio virtual pela metáfora do TO. A prática do jogo é chamada ação-reflexão<sup>73</sup>, convidando os cursistas a fazer e apreender, agir e praticar. Buscando agregar fluidez ao estudo do método, o jogo desempenha o papel de plano de curso e cada informação presente na árvore é investigada através das casas marcadas no tabuleiro.

Para dar início ao jogo, é primordial que o grupo seja dividido em, pelo menos, duas equipes e as devidas instruções dadas. Esse procedimento deverá ocorrer, impreterivelmente, no primeiro dia de jogo. Posteriormente, se for o desejo dos participantes, os grupos podem ser desfeitos tornando toda a turma uma única equipe.

Passos para iniciar o jogo:

<sup>73</sup> (...) designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. (KRONBAUER, Dicionário Paulo Freire, 2015, p. 478).

- 1- escrever em uma folha uma palavra que represente uma opressão ou uma situação opressiva, a situação pode ter sido vivenciada, presenciada ou não, mas deve representar uma situação REAL. A palavra (Pensamento Simbólico) escrita não poderá ser revelada ao grupo até ser descoberta;
- 2- o mediador lerá as citações presentes no tabuleiro e solicitará um voluntário ou voluntária para dar início ao jogo. Orienta-se ao jogador ou jogadora, que em sua representação não se pode usar nenhum tipo de palavra, em nenhuma língua falada, escrita ou de sinais, de nenhum idioma. A representação somente se dará por imagem, ou som, ou ambos juntos: Pensamento Simbólico.
- 3- Orientar aos jogadores dos grupos que eles devem tentar descobrir qual palavra seu companheiro de grupo está representando, podendo acionar seus microfones para falar quantas palavras quiserem, quantas vezes acharem necessário;
- 4- A representação cessa somente após um dos jogadores descobrir qual palavra está sendo representada. Todo esforço será feito para que a palavra seja descoberta;
- 5- Após a descoberta da palavra, avança-se no tabuleiro. Importante: todos os grupos avançam juntos. A ideia é que haja o questionamento sobre o motivo pelo qual todos avançam juntos, já que somente uma equipe jogou e acertou. Caso não questionem, o jogo segue;
- 6- Quando os grupos chegarem às casas marcadas, os jogadores lerão os cartões explicativos. (anexo 1)

Busca-se apresentar o Teatro do Oprimido através da forma de jogar e da leitura das informações contidas nos cartões explicativos. Após a conclusão do jogo, provoca-se um debate a fim de saber se a experiência alcançou seu objetivo.

A partir do encontro posterior, o cronograma passa a se dedicar ao aprofundamento das seis primeiras casas do jogo: Ética e Solidariedade; História e Filosofia; Jogos e Exercícios; Teatro Imagem; Teatro Jornal; e Teatro Fórum.

## **ENCONTRO 5 – Ação-Reflexão: Ética e Solidariedade**

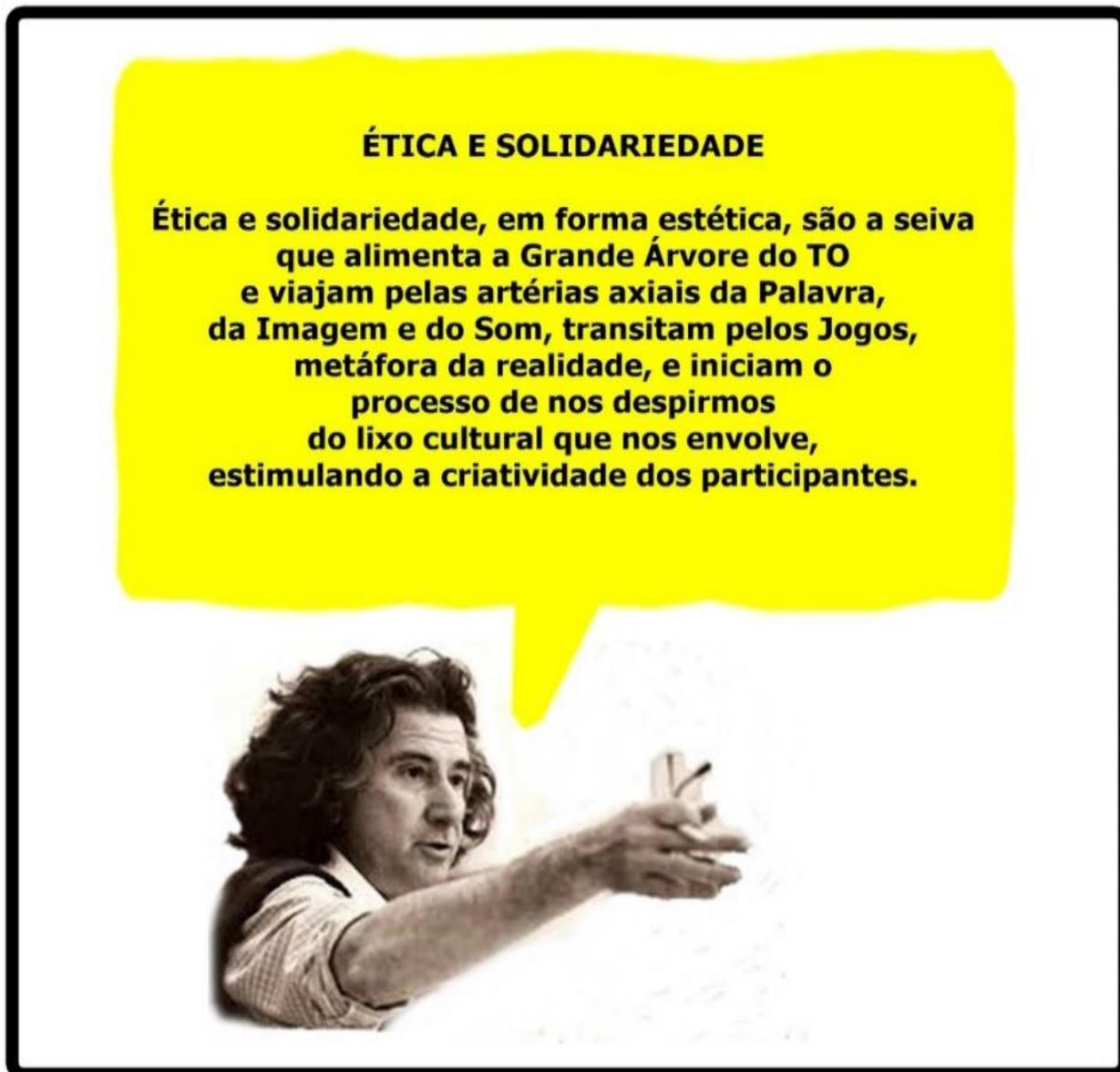
De acordo com Boal (2019, p. 14), “A solidariedade entre semelhantes é parte medular do Teatro do Oprimido”, busca-se que o comportamento dos participantes seja influenciado pelos fundamentos do Teatro do Oprimido, por isso, a primeira casa traz a

inscrição que está localizada no solo onde a Árvore do TO está plantada, indicando que este solo é encharcado de Ética e Solidariedade.



Figura 12- Casa 1 - Ética e Solidariedade.

O elemento do jogo que introduz o significado de Ética e Solidariedade e inicia o debate é o cartão explicativo. Todas as casas possuem um cartão explicativo contendo informações retiradas das obras de Augusto Boal e/ou de pesquisadores e praticantes de Teatro do Oprimido.



**Figura 13- Cartão explicativo 1: Ética e Solidariedade**

Após a leitura do cartão, é solicitada a pesquisa dos significados das palavras “ética” e “solidariedade” no dicionário e a leitura dos seus significados confrontando-os com as realidades particulares e coletiva. Há ética no ambiente escolar? Há ética no trabalho? Na sua família? A solidariedade é exercitada no seu contexto social? Na comunidade escolar estamos tendo um comportamento solidário? De que forma podemos agir ética e solidariamente nos vários contextos sociais?

Posteriormente ao debate, a turma é dividida em grupos para a improvisação de cenas com o tema “ética e solidariedade”, aproveitando todas as reflexões surgidas no encontro.

## ENCONTRO 6 - Ação-Reflexão: História e Filosofia



Figura 14 - História e Filosofia

Com o jogo do espelho, inicia-se o encontro seis. Para a modalidade online a atividade recebe algumas orientações que facilitam sua aplicação e o seu entendimento. São elas:

- O grupo é dividido em duplas;
- Cada jogador/a fixa a tela do/da seu parceiro/a;
- Cada dupla decide a ordem de quem representa o espelho;
- Após o início do jogo o mediador marca o tempo e comanda a troca de papéis na atividade;
- Na última etapa do jogo, ambos jogadores/as tentam articular os movimentos simultaneamente, trabalhando a sincronia da forma mais perfeita possível.

Após o jogo, retoma-se a casa História/Filosofia do Jogo da Árvore. Como exercício de reflexão, datas importantes da História são revisitadas e debatidas.



**Figura 15 - Cartão explicativo História e Filosofia**

Para a ocasião o grupo de Teatro Fórum Cor do Brasil<sup>74</sup> é o convidado para apresentar o texto “Suspeito”, abordando o genocídio do povo negro, tendo como foco o homem negro como alvo móvel, um ser humano que pode ser alvejado a qualquer momento e por qualquer motivo, eleito por um princípio estrutural racista que faz com que qualquer objeto em suas mãos, como uma furadeira elétrica ou um guarda-chuva, possa ser confundido com uma arma de fogo.

Esse encontro visa problematizar a questão do racismo na sociedade a partir de quem vive o racismo, relatado por cidadãos e cidadãs que ocupam esse lugar de fala. Pessoas que podem orientar o grupo sobre como combater o racismo, sobre como homens e mulheres brancos podem ser pessoas antirracistas que contribuam com essa luta respeitando a fala e a trajetória dos que sofrem o racismo. O encontro seis é dedicado à apresentação do grupo Cor do Brasil, ao debate com os integrantes do grupo e, posteriormente, como exercício, o tema

<sup>74</sup> Cor do Brasil é um coletivo que reúne artistas-ativistas afro-descendentes interessados em aprofundar e ampliar a discussão pública sobre o racismo através da Arte. Fundado em 2010, o coletivo investe sua diversidade e cabedal criativo e intelectual em diversas produções artísticas. <https://www.rionoteatro.com.br/bastidores/view/1010> Acessado em 31 de outubro de 2021.

para a improvisação será “13 de maio de 1888, a libertação do povo negro escravizado no Brasil: verdade ou mito?”

## ENCONTRO 7 - Ação-Reflexão: Jogos e Exercícios.



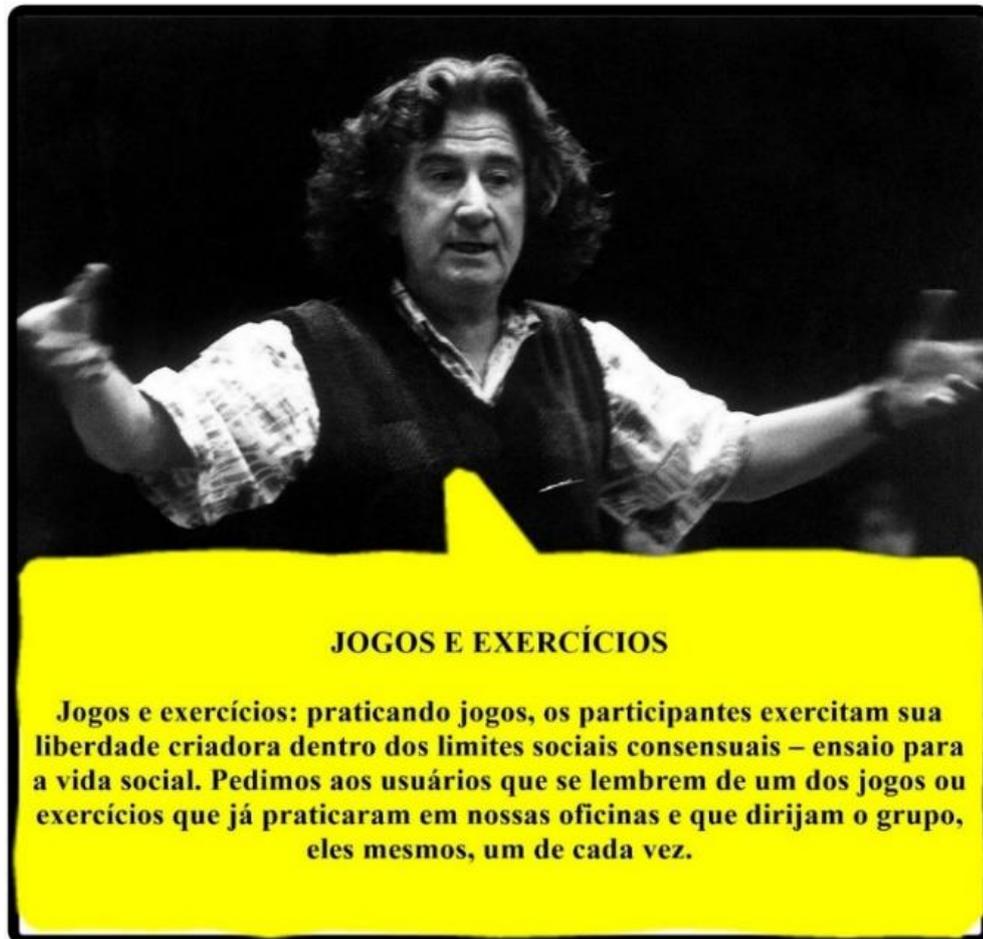
Figura 16 - Jogos e Exercícios

O jogo e sua exploração no ambiente remoto marca o encontro sete. Para este curso, alguns jogos do arsenal do Teatro do Oprimido foram adaptados para a plataforma virtual com o objetivo de flexibilizar a aplicação do jogo também na modalidade on-line.

Os jogos do TO são divididos em cinco categorias: Sentir tudo que se toca; escutar tudo que ouve; ativando todos os sentidos; ver tudo que se olha e; a memória dos sentidos. As adaptações dos jogos para a internet às vezes não conseguem contemplar os objetivos de cada categoria, no entanto as novas possibilidades são exploradas e sentir tudo que se toca pode ganhar novas formas de como se tocar. Sendo assim solicita-se aos jogadores que escolham objetos de uso cotidiano e os toquem sem as mãos, utilizando o antebraço, boca, pescoço, pés e demais possibilidades corporais e apresentem esses objetos ao grupo, como se estivessem numa relação de compra e venda.

Para escutar tudo que se ouve, pedimos ao grupo que relate os diversos sons não propositais que surgem junto com as falas dos demais componentes quando esses ativam seus microfones para falarem. Os latidos, os miados, o galo que canta, os familiares, a tv ligada no

jornal da noite, a música alta do vizinho, a obra no andar de cima, o xingamento que entra pela janela, talheres, estrondos, chuvas... tiros. Ativam-se os sentidos, uns mais que outros, porém sempre buscando, com grande dose de boa vontade e curiosidade, expandi-los. Após os jogos, a casa Jogos e Exercícios será revisitada e o cartão explicativo lido novamente.



**Figura 17 - Cartão explicativo Jogos e Exercícios**

Jogo A cruz e o círculo (BOAL, 2014, p. 112).

A simplicidade dessa atividade permite que seja aplicada sem adaptações para a sala virtual.

1. Pede-se que levantem a mão direita e façam um círculo no ar. Após cumprirem o solicitado, pede-se que abaixem as mãos;
2. Pede-se que levantem a mão esquerda e façam uma cruz. Abaixam as mãos;
3. Pede-se que levantem ambas as mãos e executem o círculo e a cruz de forma simultânea.

Segundo Boal descreve, é uma tarefa extremamente difícil e pouquíssimos conseguem fazê-la, porém o acerto é o que menos importa. A tentativa é primordial, a desmecanização também.

O jogo seguinte é o Contrários de Jackson (desalienação corporal).

1. Pede-se aos jogadores que executem movimentos e ações simples como sentar/levantar; rir/chorar; gritar/sussurrar.
2. Posteriormente os comandos serão trocados por seus contrários, um de cada vez, portanto quando o comando for para sentar, os jogadores devem levantar. E quando for pedido para que se levantem, eles devem se sentar. Seguindo o mesmo critério, “rir” é “chorar” e “chorar” é “rir”. “Gritar” é “sussurrar” e vice versa.

O terceiro jogo será o Um, dois, três de Bradford (BOAL, 2014. P. 162), que apresenta maior complexidade na aplicação e, por isso, demanda uma explicação mais detalhada. A plataforma adotada para a realização do curso não possibilita a criação de salas simultâneas que seriam utilizadas para a prática do jogo em questão. A saída encontrada para superar esse obstáculo foi todos trabalharem juntos. Deste modo o mediador ocupa o lugar do jogador 1 e os demais jogadores representam o jogador 2.

1. Na primeira parte os jogadores contam alternadamente “um, dois e três”. O primeiro jogador diz “um”, o segundo jogador diz “dois”, o primeiro diz “três”, o segundo diz “um”, o primeiro diz “dois”, o segundo “três”, e assim seguem contando de forma alternada. Quanto mais rápido conseguirem contar, melhor será.
2. Na segunda parte, em vez de dizer “um”, o primeiro jogador faz um som e uma imagem substituindo a palavra “um”, mas continuando a contagem alternada com “dois” e “três”;
3. Na terceira parte do jogo, o segundo jogador substitui a palavra “dois” por um som e uma imagem diferentes dos já criados pelo primeiro jogador;
4. Na quarta parte do jogo, o primeiro jogador substitui a palavra “três” por outro som e imagen **diferentes dos já criados pelo** segundo jogador. Nesta etapa todas as palavras já estarão substituídas por imagens.

Seguindo a sugestão de o mediador representar o jogador 1 e o grupo representar o jogador 2, pode-se sugerir que os cursistas ocupem o lugar da mediação cumprindo o papel do



O oitavo encontro, a leitura do cartão explicativo “Teatro Imagem” introduz o aprofundamento sobre a técnica que:

(...) surgiu no Peru quando Boal praticava teatro com indígenas de diversas etnias que falavam línguas diferentes. A ausência da palavra potencializa a criação das imagens com os corpos dos participantes. Um dos exercícios, por exemplo, visa montar a imagem da opressão através de expressões com os corpos dos integrantes do grupo; montar verdadeiras fotografias da cena. Uma pessoa sempre ficará de fora como testemunha, para dizer se a imagem montada realmente retrata a crise. Deve-se realizar rodízio de imagem com diferentes pessoas para montar e para ser testemunha. (BERGER, 2014, p. 129)

Neste curso, a sugestão da prática do Teatro Imagem está baseada na proposta de Boal (2019, p. 146), adaptando a ação para o ambiente remoto em duas etapas, de acordo com os seguintes passos:

#### Etapa 1:

- Projetar as imagens enviadas anonimamente pelos cursistas e perguntar “Essa imagem é sobre o quê?”;
- Após a apresentação de todas as imagens e de todos os pareceres sobre elas, dividir a turma em grupos e solicitar que agrupem as imagens apresentadas por semelhança de temas: violência; amor; intolerância religiosa; desigualdade e etc;
- Apresentação dos grupos e seus agrupamentos de imagens de acordo com os temas encontrados por eles.

#### Etapa 2:

- Após as apresentações dos agrupamentos de imagens e os temas propostos, todos os participantes, individualmente, apresentam uma imagem corporal em resposta à pergunta “O que as imagens te provocam?”
- Posteriormente às apresentações individuais, os participantes retornam aos seus grupos para comporem imagens coletivas sobre cinco temas escolhidos pelo grupo.

Pede-se ao participante que expresse sua opinião, mas sem falar: deve apenas usar os corpos dos demais participantes para “esculpir” com eles um conjunto de estátuas, de tal maneira que suas opiniões e sensações resultem evidentes. (BOAL, 2019, p. 146)

Como reformulamos a técnica para o ambiente remoto, sem a possibilidade de o “escultor” ter contato físico com sua “obra” para moldá-la, sugerimos que um participante por vez dirija os demais indivíduos do grupo formando as imagens corporais.

Depois de organizado esse conjunto de estátuas, deve-se discutir com os demais participantes se todos estão de acordo ou se propõem modificações. Todos têm o direito de modificar o primeiro conjunto, no todo ou em parte. O importante é chegar a um conjunto *modelo* que, na opinião geral, seja a concreção escultural do tema dado, isto é: este modelo é a representação física deste tema! (BOAL, 2019, p. 146)

- Apresentação das imagens coletivas;
- Debate sobre as imagens apresentadas.
- Apresentação das imagens coletivas;
- Debate sobre as imagens apresentadas.

## Teatro Imagem

No Peru, [BOAL] fora convidado a participar do Programa de Alfabetização Integral (ALFIN). Com dificuldade de entender os participantes indígenas de etnias distintas e que falavam línguas diferentes, enquanto ele mal entendia o espanhol, se viu obrigado a pensar em formas de comunicação que não fossem a palavra. Criou, então, o Teatro Imagem (TIm), que compreende uma série de jogos e técnicas em que prevalece a linguagem não verbal, em que o diálogo pode ser feito através da linguagem puramente corporal.



Figura 19 - cartão explicativo Teatro Imagem

Como preparação para a aula seguinte, solicita-se aos participantes que selecionem três notícias ao longo da semana para que sejam lidas durante o nono encontro cujo tema será o Teatro Jornal.

## ENCONTRO 9 - Ação-Reflexão: Teatro Jornal

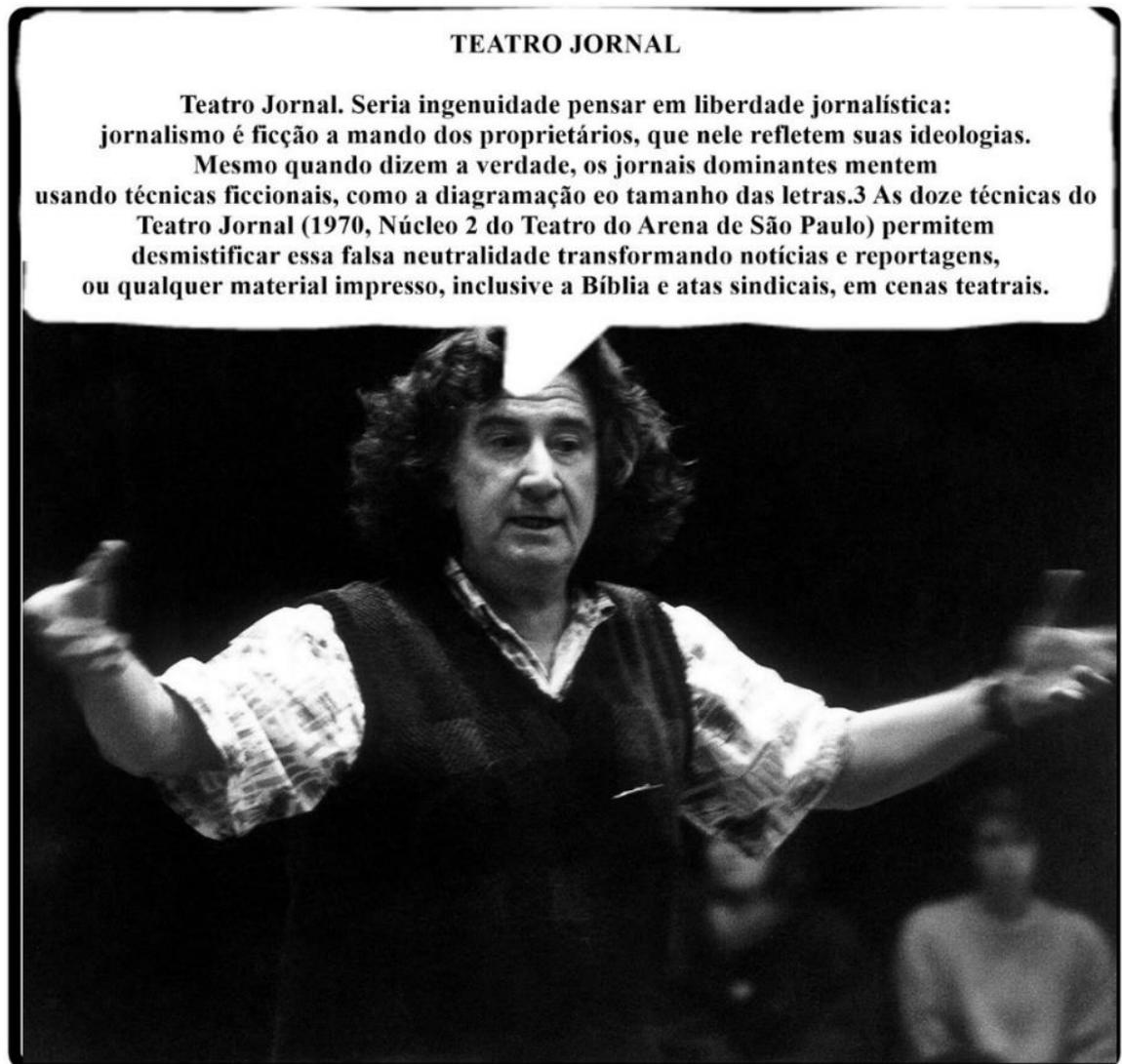


Figura 20 - Teatro Jornal

Para iniciar o nono encontro é importante que seja feita a contextualização do momento histórico em que o Teatro Jornal foi desenvolvido. O Brasil sofria com o autoritarismo de um Estado policlesco implementado a partir do golpe de 1964, quando se instaurou a ditadura militar intensificada em 13 de dezembro de 1968 com o Ato Institucional nº 5 (AI-5). A classe artística era sufocada pela censura e a violência de estado que achacava, prendia, torturava e matava. A exemplo de muitos artistas, Boal também foi preso e torturado:

Em 71, eu fui a um festival em Buenos Aires e depois ia ao Festival de Nancy. Nesse intervalo eles me prenderam. Fiquei uns quatro meses preso. Havia acusações concretas. Duas pessoas, presas antes de mim, me acusaram. Fui para o pau de arara. Queriam nomes. Nunca dei. Nesse momento em 71, a tortura estava comendo solta, mas não foram muitos os artistas torturados. Foi mais o pessoal da luta armada, intelectuais, estudantes, trabalhadores, militantes padeceram.” (SBAT apud BERGER, 2014, p. 118)

Após a contextualização histórica, as técnicas do Teatro Jornal são apresentadas através da leitura do livro Conversações sobre Teatro e Educação (FERREIRA; LEITE; TEJADA, 2013, p. 110-112). Julgando serem mais simples à adaptação ao ambiente remoto, as técnicas de improvisação “leitura simples”, “leitura cruzada”, “leitura com ritmo”, “ação paralela” e “reforço” devem ter preferência de utilização, mas o grupo pode explorar as demais técnicas de acordo com seu interesse.



**Figura 21 - cartão explicativo Teatro Jornal**

- **Leitura simples:** destacar as principais informações da manchete;
- **Improvisação:** Utilizar a notícia como matéria prima para a improvisação de uma cena podendo, inclusive, criar a continuação dos fatos ocorridos descritos na notícia.
- **Leitura com ritmo:** pode-se ler a notícia com o ritmo de uma música, ou como um canto gregoriano, um rap.
- **Ação paralela:** a notícia pode ser lida por um ator ou atriz ou transmitida por uma gravação. Simultaneamente mostra-se uma cena que critique ou explique o que está sendo dito.
- **Reforço:** a notícia é usada como roteiro e é ilustrada com slogans e jingles famosos.
- **Leitura cruzada:** duas ou mais notícias são cruzadas e o intuito é mostrar os contrastes presentes na sociedade brasileira.

Na sequência, é feita a leitura das manchetes de jornal selecionadas durante a semana e, posteriormente, divide-se a turma em grupos para a construção das cenas. Os grupos

apresentam as cenas desenvolvidas, finalizando assim o encontro oito. Os trabalhos produzidos em sala de aula devem ser aperfeiçoados para a apresentação de final de curso.

## ENCONTRO 10 - Ação-Reflexão: Teatro Fórum



Figura 22 - Teatro Fórum

Para ilustrar o surgimento do Teatro Fórum (TF), "(...) talvez a forma de Teatro do Oprimido mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo(...) (BOAL, 2019, p. 16), reexibiremos o trecho do filme Boal e o Teatro do Oprimido, de Zelito Viana, que mostra a reprodução do ocorrido no Peru, como conta Berger (2014):

(...)aconteceu uma situação com um grupo no Peru em que uma participante trouxe para a oficina algumas cartas que o marido guardava, cartas essas que eram da amante dele. Como ela não sabia ler e escrever, ele sempre a enganava dizendo que eram recibos do terreno que estavam comprando. Sempre que ela se aproximava do marido para conversar, este, nervoso, a mandava servir rapidamente o jantar. Ela, então, levou a situação ao grupo para que a ajudassem a resolvê-la. Criou-se uma cena de Teatro do Oprimido e levaram a situação de opressão a público. Uma mulher da plateia se indignou muito e indicava aos atores como queria que fosse a intervenção. Só que nenhum dos atores e atrizes faziam da forma como ela desejava. Então, após algumas tentativas, quando a mulher da plateia já ia desistindo e saía chateada do encontro, Augusto Boal a indagou sobre por que ela estava se retirando. Convidou-a, então, para que subisse e fizesse ela mesma a cena do jeito que queria. A mulher subiu, executou a cena no lugar da atriz, abriu o jogo com o

marido, deu-lhe uma surra – o primeiro ator do Teatro Fórum apanhou muito, conta Boal (2009), e a mulher era “bem forte” –, o perdoou e o colocou para servir o jantar para ela. Assim surgiu a primeira intervenção do tipo Teatro Fórum, onde o próprio público é convidado a subir ao palco para realizar a intervenção na realidade retratada na cena teatral. (BERGER, 2014, p. 122 e 123)

Como exemplo de espetáculo de TF, escolhemos o espetáculo *Coisas do Gênero*<sup>75</sup>, que é um Fórum musical reproduzindo a história de uma mulher na busca por equidade de direitos em casa e no trabalho. A diretora e atriz do espetáculo Helen Sarapeck é a convidada do encontro.

Após o encontro com Helen Sarapeck e os esclarecimentos sobre a técnica, busca-se que, através de relatos de experiências dos cursistas, surjam possibilidades de temas visando a composição de cenas para Teatro-Fórum, levando em consideração os passos 5, 6 e 7 que Boal (2009, p. 209, 210) propõe “Para superar o problema da exiguidade do tempo de preparação do Modelo, podemos experimentar uma sequência mais rápida e menos intimidante:” No curso chamaremos essa ação de “ensaios para fórum”, como num experimento de antessala, uma quebra no receio em se trabalhar com uma técnica tão poderosa sem se ter experiência suficiente, ou seja, ação-reflexão:

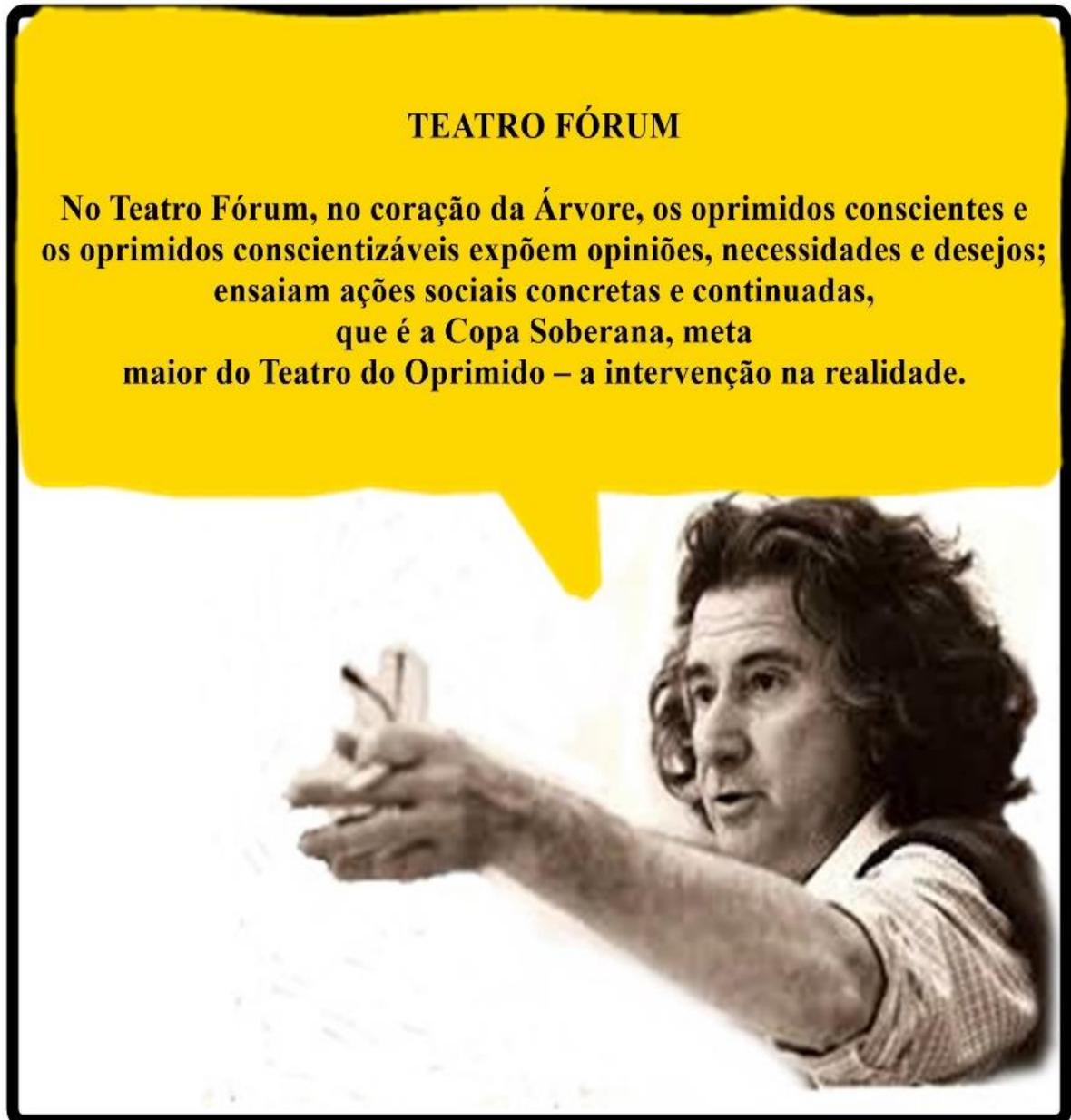
5 — *Comentários* gerais do grupo.

6 — O grupo escolhe uma *história* e desenvolve uma sequência de ações dentro da estrutura de dramaturgia usual, dando atenção clara a cada um dos seus elementos: protagonista revoltado, consciente; contra preparação; crise: desenlace.

7 — *Primeira improvisação livre*. Livre mesmo, mas tendo-se em mente que todo personagem é *verbo* e não *adjetivo*, e que a teatralidade vem da *ação*, do confronto de *vontades*, e não está contida neste ou naquele personagem isolado, tal como o raio é a eletricidade que salta entre o polo positivo e o negativo e não repousa adormecida em nenhum dos dois. (BOAL, 2009, p. 210)

---

<sup>75</sup> Espetáculo de Teatro-Fórum de Imagens, exclusivamente em linguagem não-verbal e repertório musical inédito, que apresenta a História de uma Mulher em sua luta por espaço próprio, respeito e independência. A encenação é aberta pela dança de Orixás: uma saudação à Mãe Terra e uma celebração ao feminino e ao masculino na criação da vida. Seres que nascem do mesmo ventre são separados pela ação da sociedade que os transforma em Homem e Mulher. Polifonia Periférica. <<https://www.polifoniaperiferica.com.br/2011/09/04/teatro-do-oprimido-apresenta-o-espetaculo-coisas-do-genero/>> Acessado em 28 de julho de 2021. Link para o espetáculo <https://vimeo.com/58716290>



**Figura 23 - Cartão explicativo Teatro Fórum**

Após a improvisação livre, o debate é a ação escolhida para reverberação sobre as personagens, sobre as relações de opressão, sobre as soluções possíveis para a situação apresentada e sobre o *spect-ator*. “(...) o Modelo será submetido a um original processo de criação coletiva através do combate teatral e não da pura palavra, criação esta provocada pela intervenção dos *spect-atores* em busca de alternativas de ação.” Boal (2014, p. 164). Berger (2008) explica que:

No sistema teatral de Augusto Boal, a separação entre o público e a cena é revogada e aquele passa a intervir nesta diretamente, através da substituição do ator, com o *spect-ator* dando sua opinião na ação propriamente: como

reagiria se estivesse na situação em que se encontra o personagem que opta por substituir, no intuito de descobrir, coletivamente, saídas possíveis para desconstruir a opressão que a cena retrata. Essa forma de Teatro do Oprimido, em que a plateia intervém e modifica a cena, chama-se Teatro Fórum e é uma das formas que se desenvolveram a partir das etapas que vimos acima. Serve para discutir de maneira crítica e participativa as opressões que são vividas no cotidiano (BERGER, 2008, *apud* BERGER, 2014, p. 123).

## **ENCONTRO 11 – Gravação das cenas para apresentação**

Sugere-se que as cenas produzidas durante o curso Ação-Reflexão sejam revistas pela turma, ficando a cargo dos cursistas o reaproveitamento ou não do material. Porém o mais importante será a autoavaliação do grupo sobre a evolução que tiveram no entendimento do Teatro do Oprimido, o que poderiam mudar nas cenas para reaproveitá-las para Teatro Fórum, por exemplo. Esse pode ser um válido exercício de revisão.

O Teatro Jornal é a técnica escolhida para a composição das cenas finais, já que sua matéria prima é a realidade distorcida pelos meios de comunicação de massa a mando de seus proprietários, que “Mesmo quando dizem a verdade, os jornais dominantes mentem usando técnicas ficcionais, como a diagramação e o tamanho das letras” (BOAL, 2009, p. 188). Ou seja, todos os dias há um vasto material jornalístico a ser explorado, um material que interfere diretamente na vida, nas formas de agir socialmente, nas opções políticas, nos julgamentos, em absolutamente tudo, inclusive, é claro, nas vidas dos cursistas.

O roteiro seguido é o mesmo do nono encontro:

- Seleção de notícias;
- Leitura das notícias selecionadas ao grupo;
- Agrupamento por semelhanças dos temas das notícias;
- Montagem de cenas;
- Gravação das cenas para a divulgação.

## ENCONTRO 12 – Ação Concreta e Continuada

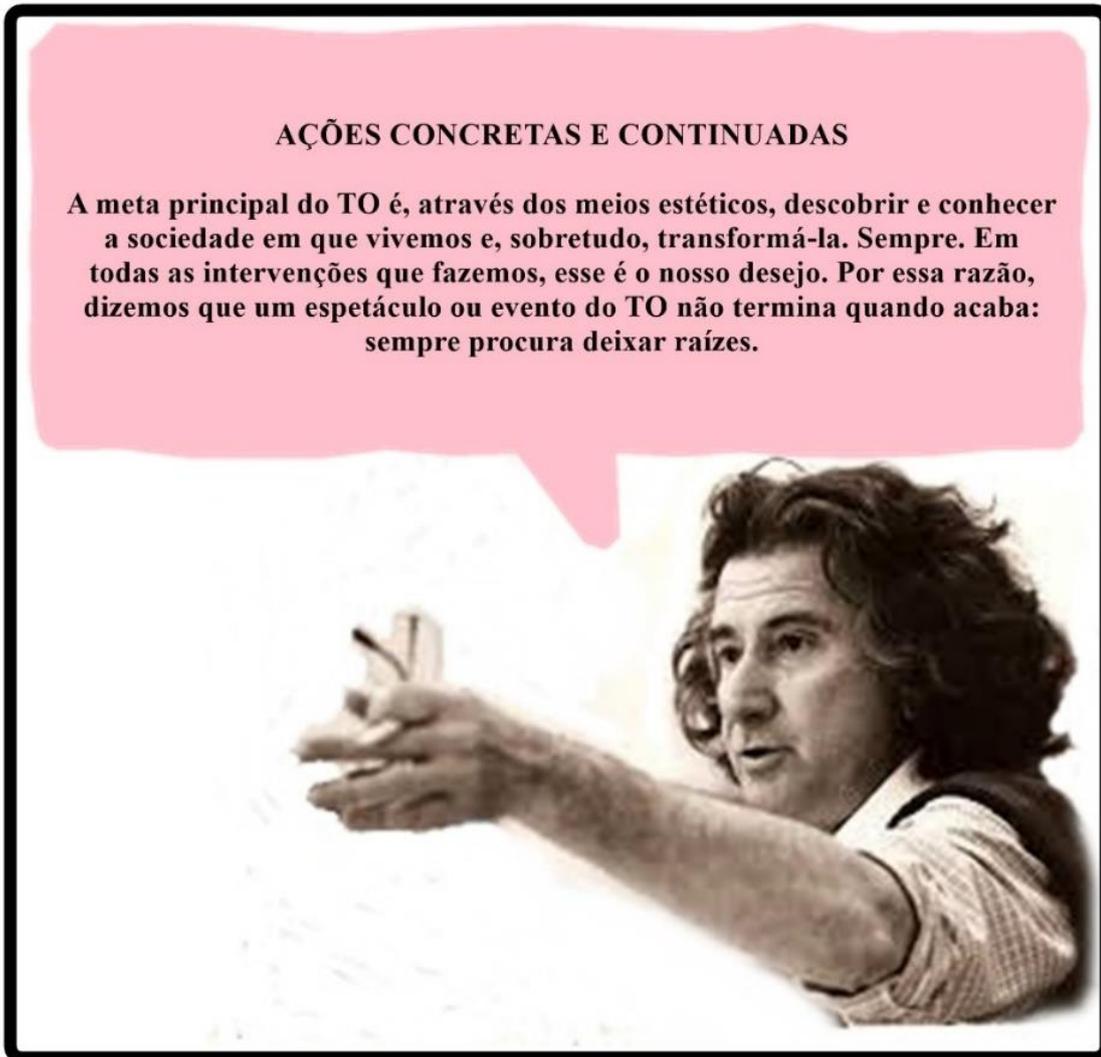


Figura 24- Casa Ações Concretas e Continuadas

O grupo se reúne para assistir o material após a edição. Debate-se sobre a estratégia de divulgação do material e os impactos desejados com a divulgação das cenas. Porém, “Não basta pensar! A ação é necessária, ou sobrevém a nefasta e mortal Melancolia!” (BOAL, 2009, p. 33), por isso, faz-se necessário discutir o futuro do grupo enquanto célula de reverberação do TO. O objetivo é que os indivíduos, a partir da finalização do processo, continuem suas jornadas com o Teatro do Oprimido juntos ou separados, reverberando o aprendizado em suas práticas diárias de modo que o Teatro do Oprimido possa contribuir na transformação de suas realidades, pois “Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma!” (BOAL, 2009).

### **AÇÕES CONCRETAS E CONTINUADAS**

**A meta principal do TO é, através dos meios estéticos, descobrir e conhecer a sociedade em que vivemos e, sobretudo, transformá-la. Sempre. Em todas as intervenções que fazemos, esse é o nosso desejo. Por essa razão, dizemos que um espetáculo ou evento do TO não termina quando acaba: sempre procura deixar raízes.**



**Figura 25- Cartão Explicativo Ações Concretas e Continuadas**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009;

\_\_\_\_\_. *Jogos para atores e não atores não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014;

\_\_\_\_\_. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Editora 34, 2019;

ZITKOSKI. J. J.; REDIN. E. e STRECK. D. R. (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2008.

### Artigos

BERGER, William. Augusto Boal e o Teatro do Oprimido. *Revista EM PAUTA*, Rio de Janeiro \_ 1o Semestre de 2014 \_ n. 33, v. 12, p. 109 - 133.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Dossiê – Desigualdades e Interseccionalidades. *Gênero, Raça, Classe: Opressões Cruzadas e Convergências na Reprodução das Desigualdades*. LONDRINA: Mediações. 2015.

### Teses

SARAPECK, H. *Abraçando a Árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método*. Tese (Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 199. 2016.

### Sites

POLIFONIA PERIFÉRICA. Teatro do Oprimido apresenta o espetáculo “Coisas do Gênero”. <https://abre.ai/c5ga> Acessado em 28 de julho de 2021.

VEJA O DISCURSO DE BOAL SOBRE O DIA MUNDIAL DO TEATRO. FOLHA DE SÃO PAULO. 23 de março de 2009. <https://abre.ai/ds4v> Acessado em 29 de outubro de 2021

### Filmes

AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO. Direção: Zelito Viana. Produção Vera de Paula. Brasil: MAPA Filmes, 2010. 1 DVD.

COISAS DO GÊNERO. Vimeo, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/58716290> . Acesso em 29 de outubro de 2021.

A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO – UMA OFICINA VISUAL-VIRTUAL COM HELEN SARAPECK. Youtube. 2020.” (<https://youtu.be/uUY47Iya1eo>) Acessado em 29 de outubro de 2021.

Anexo 1: Tabuleiro digital do Jogo da Árvore e cartões explicativos

**PARA JOGAR. Siga o Mestre!**

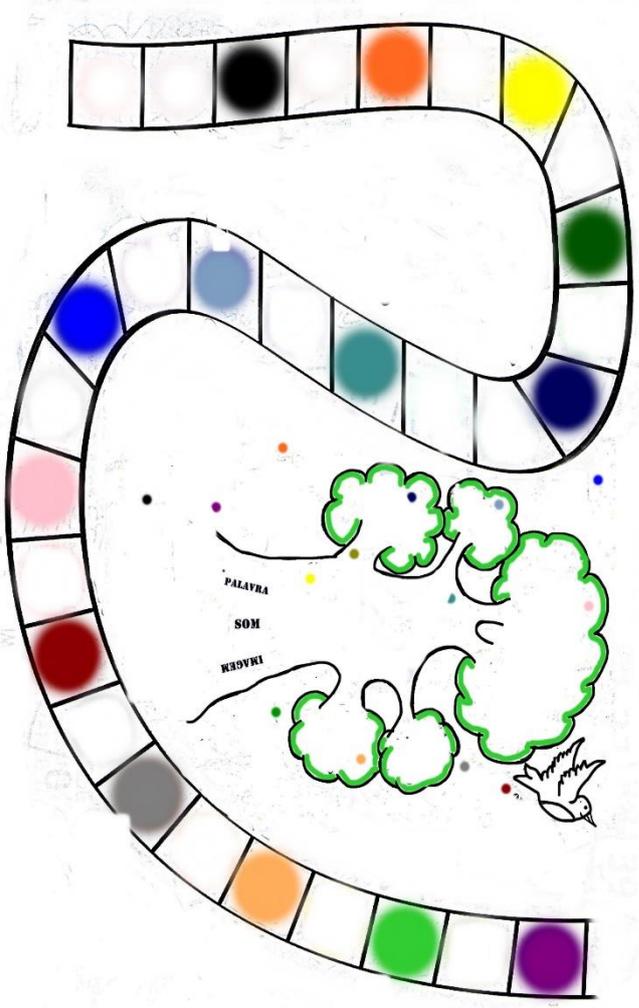
"A palavra é a maior invenção do ser humano, porém trás consigo a obliteração dos sentidos, a atrofia de outras formas de percepção."



Antônio Machado dizia que "o CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR", portanto, para iniciar sua caminhada nesse jogo, leia a palavra que recebeu e ESCOLHA ENTRE:

**IMAGEM** ou **SOM**

# Jogo da ÁRVORE TEATRO DO OPRIMIDO



Em desenvolvimento por Luiz Guarnier

### ÉTICA E SOLIDARIEDADE

Ética e solidariedade, em forma estética, são a seiva que alimenta a Grande Árvore do TO e viajam pelas artérias axiais da Palavra, da Imagem e do Som, transitam pelos Jogos, metáfora da realidade, e iniciam o processo de nos despirmos do lixo cultural que nos envolve, estimulando a criatividade dos participantes.



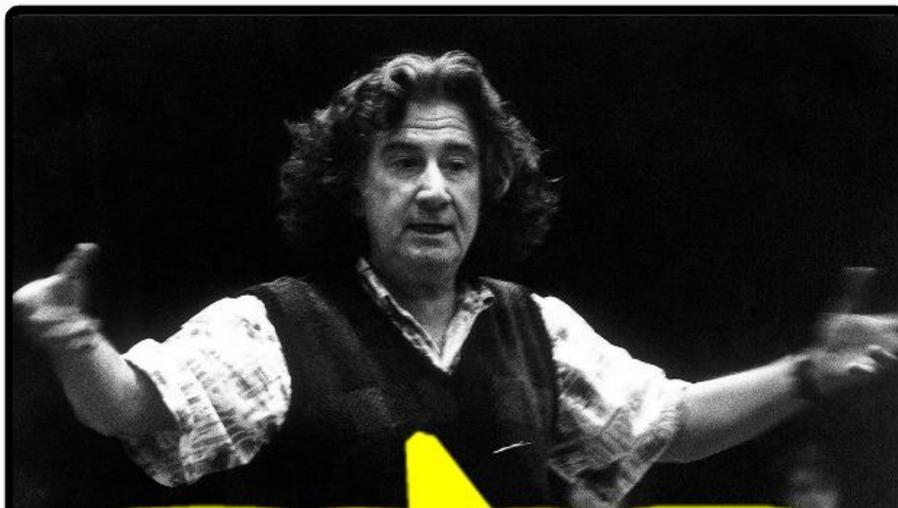
### FILOSOFIA

Filosofia — não se trata de ensinar apenas biografias de filósofos, nem suas ideias separadas da sociedade em que viveram, mas as relações entre os pensamentos e suas consequências na realidade concreta — ou em que as filosofias refletem o que vai nas sociedades. A forma de explicar é tão importante como aquilo que se explica. Ser complexo não significa ser complicado. Se uma ideia é complicada, é porque é ruim; se é complexa, pode ser explicada em partes simples, passo a passo.



### HISTÓRIA

História — hoje, no Norte do Brasil, indígenas são expulsos de suas terras por fazendeiros grileiros. A História nos ajuda a entender as violências atuais, comparadas com os genocídios de indígenas após as invasões brancas europeias. Para compreender nossos vizinhos sul-americanos é recomendável estudar o genocídio da população paraguaia perpetrado pela Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) entre 1864 e 1870, quando foram mortos quase dois terços da população daquele país — homens principalmente. A rivalidade Argentina-Brasil talvez tenha algo a ver com a história do Uruguai, ex-Província Cisplatina, objeto da cobiça e posse alternada de ambos os países, antes das suas independências no início do século XIX.



### JOGOS E EXERCÍCIOS

**Jogos e exercícios: praticando jogos, os participantes exercitam sua liberdade criadora dentro dos limites sociais consensuais – ensaio para a vida social. Pedimos aos usuários que se lembrem de um dos jogos ou exercícios que já praticaram em nossas oficinas e que dirijam o grupo, eles mesmos, um de cada vez.**

### TEATRO JORNAL

**Teatro Jornal. Seria ingenuidade pensar em liberdade jornalística: jornalismo é ficção a mando dos proprietários, que nele refletem suas ideologias. Mesmo quando dizem a verdade, os jornais dominantes mentem usando técnicas ficcionais, como a diagramação eo tamanho das letras.<sup>3</sup> As doze técnicas do Teatro Jornal (1970, Núcleo 2 do Teatro do Arena de São Paulo) permitem desmistificar essa falsa neutralidade transformando notícias e reportagens, ou qualquer material impresso, inclusive a Bíblia e atas sindicais, em cenas teatrais.**



## Teatro Imagem

No Peru, [BOAL] fora convidado a participar do Programa de Alfabetização Integral (ALFIN). Com dificuldade de entender os participantes indígenas de etnias distintas e que falavam línguas diferentes, enquanto ele mal entendia o espanhol, se viu obrigado a pensar em formas de comunicação que não fossem a palavra. Criou, então, o Teatro Imagem (TIM), que compreende uma série de jogos e técnicas em que prevalece a linguagem não verbal, em que o diálogo pode ser feito através da linguagem puramente corporal.



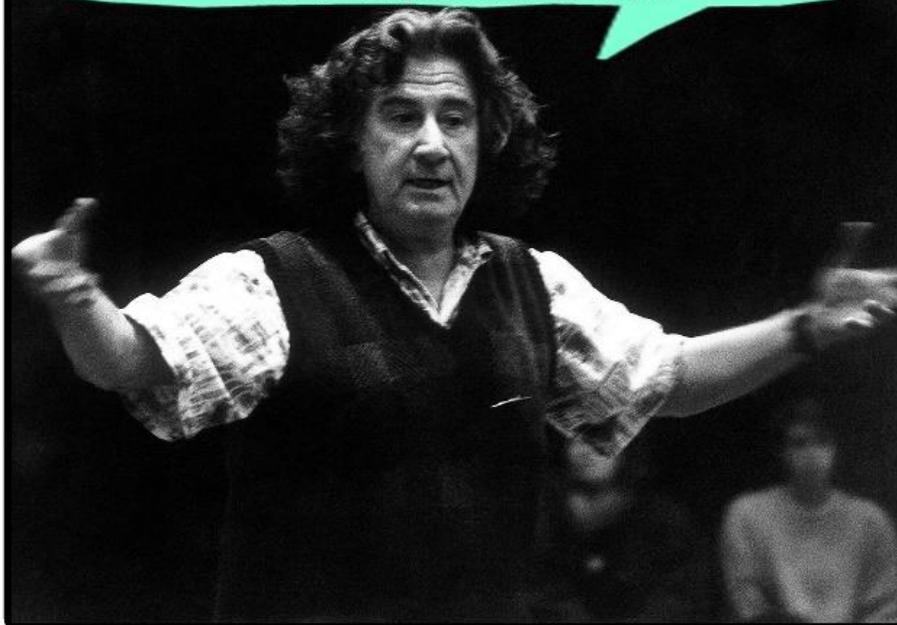
## TEATRO FÓRUM

**No Teatro Fórum, no coração da Árvore, os oprimidos conscientes e os oprimidos conscientizáveis expõem opiniões, necessidades e desejos; ensaiam ações sociais concretas e continuadas, que é a Copa Soberana, meta maior do Teatro do Oprimido – a intervenção na realidade.**



### ARCO-ÍRIS DO DESEJO

o Arco-Íris do Desejo, iniciado em um ateliê em Paris (1980-1983), no Centre du Théâtre de l'Opprimé-Augusto Boal, que codirigi com Cecília Thumim Boal: *Le flic dans la tête* (O policial na cabeça). Nesta fronde da Árvore estudam-se as técnicas introspectivas, que mostram opressões que trazemos integradas como se tivessem nascido em nossa mente; estudam-se as relações sociedade-indivíduo. Podem ser terapêuticas, mas não terapia.



### TEATRO INVISÍVEL

o Teatro Invisível, que iniciei quando exilado em Buenos Aires (1971-1973), com o Grupo Machete. Tenta sensibilizar a cidadania para opressões despercebidas: é preciso desfamiliarizar a opressão para que se possa vê-la e combatê-la. Sua trama, embora não seja verdade sincrônica, é diacrônica: não é verdade que a cena esteja acontecendo espontaneamente aqui e agora, mas é verdade que acontece perto ou longe daqui, e pode estar acontecendo em outro lugar nesse mesmo momento.



### TEATRO LEGISLATIVO

Teatro Legislativo, foi desenvolvida com Curingas do Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (Mandato de Vereador de 1993-1996). Consiste na simulação, após o Fórum, de uma sessão normal de uma assembleia legislativa. É sempre melhor que a lei, mesmo tão desrespeitada, esteja do nosso lado e não contra nós. Nele, a cidadania legisla, compreende os mecanismos da fabricação das leis. Mais de 15 leis já foram assim promulgadas na cidade do Rio de Janeiro.



### MULTIPLICADORES

Praticante é a denominação geral para todos aqueles e aquelas que estão envolvidos com a prática do TO de alguma forma.

Multiplicador Criativo é a denominação para aqueles que usam e assumem a responsabilidade de partilhar a metodologia, já que o TO não é um método para consumo pessoal. A multiplicação deve ser criativa. Ou seja, é preciso multiplicar mantendo os princípios da metodologia, mas tendo espaço para adaptações a novas demandas que surgem com a realidade e as mudanças que ela traz.

Curinga é a pessoa que tem experiência na metodologia, que além de conhecer o conjunto de técnicas que compõem a Árvore, mantendo os fundamentos da ética e da solidariedade na realização de suas ações, é um ativista em sua práxis diária.



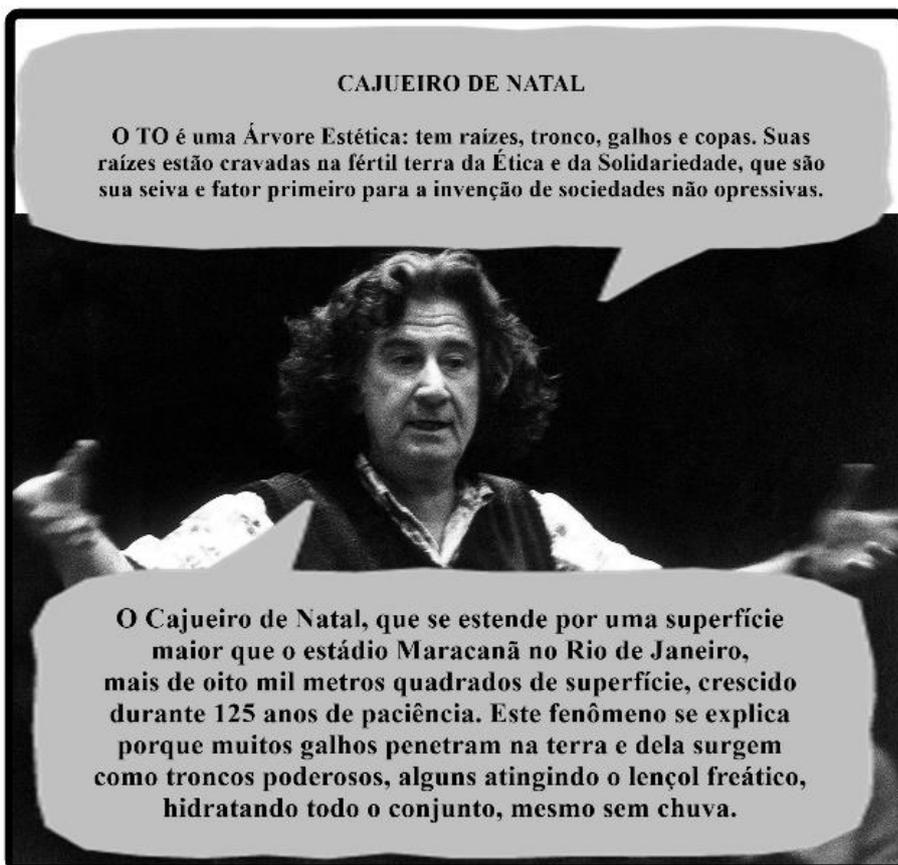


**ESTÉTICA DO OPRIMIDO**

Estética do Oprimido (EO), teoria que permeia toda a metodologia do Teatro do Oprimido. Dividida em três vertentes - Som, Imagem e Palavra - a proposta é baseada na ideia de que todos são melhores que imaginam ser. Todos podem fazer arte, escrever poesias, criar melodias e pintar quadros. A Arte é inerente ao ser humano, e devemos usá-la para lutar contra a estética imposta pela mídia. A meta é usar a linguagem sensível para combater as opressões.

**CAJUEIRO DE NATAL**

O TO é uma Árvore Estética: tem raízes, tronco, galhos e copas. Suas raízes estão cravadas na fértil terra da Ética e da Solidariedade, que são sua seiva e fator primeiro para a invenção de sociedades não opressivas.



O Cajueiro de Natal, que se estende por uma superfície maior que o estádio Maracanã no Rio de Janeiro, mais de oito mil metros quadrados de superfície, crescido durante 125 anos de paciência. Este fenômeno se explica porque muitos galhos penetram na terra e dela surgem como troncos poderosos, alguns atingindo o lençol freático, hidratando todo o conjunto, mesmo sem chuva.

### **POLÍTICA PARTICIPAÇÃO**

**Participação — deve incluir todos os segmentos oprimidos da sociedade. A pessoa só, é vulnerável: devemos ajudar nossos parceiros a se organizarem em grupos e com grupos que sofrem opressões semelhantes, evitando-se o corporativismo e o individualismo – a farinha pouca, meu pirão primeiro; cama estreita, eu deitado no meio, do cancionero popular. Participação política é o braço atuante da Filosofia.**



### **AÇÕES CONCRETAS E CONTINUADAS**

**A meta principal do TO é, através dos meios estéticos, descobrir e conhecer a sociedade em que vivemos e, sobretudo, transformá-la. Sempre. Em todas as intervenções que fazemos, esse é o nosso desejo. Por essa razão, dizemos que um espetáculo ou evento do TO não termina quando acaba: sempre procura deixar raízes.**



